

H.G. WELLS

A MÁQUINA DO TEMPO

EDIÇÃO COMENTADA

CLÁSSICOS  ZAHAR

H.G. Wells

A MÁQUINA DO TEMPO

UMA INVENÇÃO

edição comentada

Tradução, apresentação e notas:

Adriano Scandolaro



SUMÁRIO

3. *Apresentação*
por Adriano Scandolara
4. A MÁQUINA DO TEMPO
 1. 1. Introdução
 2. 2. A máquina
 3. 3. O Viajante do Tempo retorna
 4. 4. Viagem no tempo
 5. 5. Na Idade de Ouro
 6. 6. O crepúsculo da humanidade
 7. 7. Um choque súbito
 8. 8. Explicação
 9. 9. Os Morlocks
 10. 10. Quando a noite chegou
 11. 11. O Palácio de Porcelana Verde
 12. 12. Na escuridão
 13. 13. A cilada da Esnaga Branca
 14. 14. A visão distante
 15. 15. O retorno do Viajante do Tempo
 16. 16. Depois da história
 17. Epílogo
5. *Anexos*
 1. “Os Argonautas Crônicos”

2. “A visão distante” como publicado originalmente na
New Review (maio de 1895)
3. Cronologia: vida e obra de H.G. Wells

APRESENTAÇÃO

Ciência e literatura nos anos de formação

A ficção científica é um tipo de narrativa já muito bem instaurado em nossa cultura popular e, para qualquer um que tenha interesse na história do gênero, é fascinante observar como ele se desenvolve no século XIX e assume a forma que conhecemos hoje.¹ Se com Mary Shelley temos um tipo de ficção científica marcada pela atmosfera mórbida do horror gótico que tanto agradava aos românticos, e em Jules Verne encontramos uma obra influenciada ao mesmo tempo pela literatura de viagem e pelos periódicos científicos da época, é H.G. Wells quem, pela primeira vez, mergulha de forma mais profunda na dimensão mais propriamente científica do gênero — o padrinho, portanto, de toda uma leva de romancistas cientistas, como Isaac Asimov, Arthur C. Clarke, Alice Sheldon, Mary Doria Russell e Carl Sagan.

Herbert George Wells nasce em 21 de setembro de 1866 na cidade de Bromley, condado de Kent, região sudeste da Inglaterra.² Seu pai, Joseph Wells, era jardineiro e jogador profissional de críquete; sua mãe, Sarah Neal, ex-empregada doméstica. O casal possuía um pequeno estabelecimento comercial, comprado com dinheiro recebido de herança, que vendia itens de porcelana e acessórios esportivos. A loja, no entanto, dava pouquíssimo lucro. Apesar de oficialmente pertencer à classe média, a família acabaria passando por muitas dificuldades financeiras ao longo da vida. Joseph complementava a renda com o que ganhava jogando críquete, mas era um rendimento que vinha em intervalos irregulares, e isso apenas até 1877, quando ele se viu obrigado a abandonar a carreira esportiva, após fraturar o fêmur.

O quarto e último filho do casal, Herbert George, ou “Bertie”, como era chamado em casa, teria puxado ao pai, tanto fisicamente quanto no tocante à personalidade. Sua mãe era protestante e profundamente religiosa, uma alma sofrida e marcada pela vida de privações, perdas e dificuldades — perdas como a de sua filha Fanny, que havia morrido aos nove anos de idade apenas dois anos antes de H.G. nascer —, buscando na religião algo a que se prender no mundo das constantes mudanças sociais do final do XIX. Por mais que a amasse, porém, H.G. nunca teve pendor para a religião. Já seu pai era um livre-pensador, de espírito observador e cético, o que causava problemas para a relação do casal. Joseph volta e meia trazia para casa livros do Literary Institute, que lia e discutia abertamente, e foi com ele que o jovem H.G. pegou o gosto pela leitura.

Um evento marcante em sua infância ocorreu aos sete anos de idade, quando H.G. sofreu um acidente que resultou numa perna quebrada e várias semanas de cama, as quais passou imerso em leituras. Entre elas, conforme registrou em seu *Experiment in Autobiography*, de 1934, constavam revistas satíricas e humorísticas — como a *Punch* e a *Fun*, que circulavam na Inglaterra desde 1841 e 1861, respectivamente; uma biografia do duque de Wellington; um livro ilustrado sobre regiões “exóticas” do mundo, por exemplo o Brasil, o Tibete e a Tailândia, cujo título ele já não lembrava; e, mais importante que tudo, o seu primeiro contato com a chamada “história natural”. Esse termo genérico, multidisciplinar, abrangia toda uma gama de áreas ligadas ao estudo de seres vivos, passando pela biologia, paleontologia, geologia etc.

O século XIX havia sido uma época de saltos importantes para os naturalistas: os primeiros fósseis de dinossauros vinham sendo descobertos desde 1822 (o termo “dinossauro” em si é

cunhado em 1841) e em 1859 Charles Darwin publicara *A origem das espécies*, publicação portanto ainda recente quando da infância de Wells. Também em 1859 John George Wood, famoso pelas gravuras que ilustravam suas aulas de zoologia, publicou a *Illustrated Natural History*, clássico inglês da divulgação científica. Foi significativo o impacto dessa obra sobre o jovem Wells, que a leu enquanto estava de cama.

Lendo sobre taxonomia e estudando as xilogravuras de Wood, diz Wells em sua autobiografia, “premonições curiosas da evolução se infiltraram em meus pensamentos”. Pela primeira vez ele percebia que havia leis que governavam a natureza, e a evolução, à época ainda um termo nebuloso e impregnado de conotações polêmicas, era uma delas. Não por acaso, é na biologia que Wells mais tarde encontra a sua área de formação, pois muito de sua obra literária se deve a seu interesse por história natural. Foi fundamental, no entanto, o estímulo do pai para que ele tenha tido esse contato, uma vez que sua educação formal deixou muito a desejar.

Ainda aos sete anos de idade, Wells foi matriculado numa escola local e, em seguida, mandado para um colégio particular chamado Morley’s Commercial Academy for Young Gentlemen, fundado em 1849 por Thomas Morley. A instituição era adepta do castigo corporal, como era comum na Inglaterra de então, e pouco se aprendia. A futilidade e o tédio da experiência foram comentados mais tarde por Wells, em “On Schooling and the Phases of Mr. Sandstone”, artigo inserido depois em sua coletânea de 1897 *Certain Personal Matters*. Em meio ao tédio escolar, Wells já exercitava sua criatividade juvenil, produzindo caricaturas e histórias como o longo conto *The Desert Daisy*, de cerca de cem páginas, escrito quando o autor tinha doze anos, inspirado pelas revistas satíricas que lia.

Em 1880, enquanto Wells entrava na adolescência, a família começou a enfrentar dificuldades financeiras. Além do fim da carreira de Joseph Wells nos esportes, a loja da família quase foi à falência. Todos passaram a procurar fontes de renda: enquanto o pai cuidava da loja, a mãe voltou a prestar serviço para os seus antigos empregadores em Uppark, um casarão do século XVII localizado em Hampshire. Os três filhos, Frank, Fred e Herbert, trabalharam, entre outras atividades, como assistentes de vendedores de tecidos. Herbert passou um tempo como aprendiz no ramo, primeiro em Windsor, por dois meses em 1880, depois em Southsea, entre 1881 e 1883. No intervalo “entre tecidos”, trabalhou numa escola em Wookey e como auxiliar de farmacêutico em Midhurst, cuja especialidade era uma tal “cura universal”.

As agruras nesse período renderam ao jovem Wells ideias para alguns de seus romances. Em *Tono-Bungay* (1909), por exemplo, o protagonista, que leva o segundo nome de Wells, trabalha produzindo o remédio que dá título ao romance, uma criação do seu tio e que ele sabe e reconhece com tristeza que não serve de nada. Já sua experiência no mundo do comércio têxtil inspirou a história do escapista Mr. Hoopdriver, que alivia a frustração com seu trabalho andando de bicicleta (à época uma moda nova na Inglaterra) e se refugiando num mundo de fantasia em *As rodas do acaso* (1895).

Quando não se via trabalhando em turnos de treze horas por dia e dividindo dormitórios coletivos com outros aprendizes, H.G. visitava sua mãe em Uppark, que ele descreve com detalhes em *Tono-Bungay*. Há dois elementos importantes no casarão dignos de menção aqui: o primeiro é que havia um antigo telescópio refletor no sótão do casarão, e a observação das estrelas e da Lua instigou em Wells o interesse pela astronomia, tema recorrente em sua obra (questões astronômicas aparecem, inclusive, em pontos-chave de *A máquina do tempo*). O segundo é a grande biblioteca de Uppark, onde Wells teve acesso aos livros do antigo dono da mansão, Sir Harry Featherstonhaugh. Lá o futuro escritor leu as obras de autores como Thomas Paine e Daniel Defoe, as *Viagens de Gulliver*, de Swift, em versão integral, *Utopia*, de Thomas More, e *A República*, de Platão. Assim como em seu primeiro contato com a história natural, essa descoberta da literatura e da filosofia teve um efeito transformador sobre o jovem, e é evidente a influência de autores como More e Platão, com suas discussões a respeito de como criar uma sociedade perfeita, sobre o que viria a ser o primeiro romance de Wells, *A máquina do tempo*. Em todo caso, cada vez mais

Wells se dava conta de suas tendências intelectuais, e de que a vida no ramo dos têxteis não era o que ele imaginava para si.

Em agosto de 1883, com quase dezessete anos de idade, Wells lançou um ultimato para sua mãe. Ele queria largar o Southsea Drapery Emporium, onde estava trabalhando, para frequentar a Midhurst Grammar School como aluno assistente. As “escolas de gramática” eram uma parte do antigo sistema educacional britânico, a princípio encarregadas de ensinar línguas clássicas como latim e grego, mas que desde 1840 abrangiam um currículo literário e científico mais amplo na educação secundária. A escola de Midhurst atendia alunos dos treze aos dezoito anos. A mãe de Wells acabou cedendo — ele chegou a ameaçar suicídio se continuasse trabalhando com tecidos —, e o jovem enfim teve a oportunidade de estudar e lecionar em Midhurst, entre 1883 e 1884. Em seu tempo livre, Wells pôde mergulhar em leituras. Leu o best-seller de teoria social *Progresso e pobreza* (1879), do economista Henry George, imensamente popular naquele fim de século, e teve contato com o utopismo radical da obra poética do romântico Percy Bysshe Shelley.

Shelley, já no começo do século XIX, em poemas como “Rainha Mab” (que chegou a ser censurado por conta de seu conteúdo político), “Prometeu desacorrentado”, “A máscara da anarquia”, “Os Cenci” e uma série de outros escritos poéticos e panfletários, defendera todo um conjunto de valores progressistas, como o secularismo, o antimonarquismo, o vegetarianismo e o feminismo — certamente influenciado pela obra de seus sogros, o anarquista William Godwin (também uma inspiração para Wells) e a pioneira feminista Mary Wollstonecraft. A maior ascendência que o clã dos Shelley exerceu sobre Wells, no entanto, veio da esposa do poeta, Mary Shelley, reconhecidamente a mãe do gênero de ficção científica e autora de romances como *Frankenstein: o Prometeu moderno* (1818) e *O último homem* (1826). No primeiro, como é notório, ela imagina um cientista, o dr. Frankenstein, que se descobre capaz de criar a vida, mas se vê horrorizado diante do monstro que resulta de suas experiências. Já *O último homem* é talvez o primeiro livro de ficção pós-apocalíptica, além de um comentário sobre o fracasso dos ideais políticos humanistas que haviam dado ânimo às produções dos românticos, já quase todos mortos quando foi publicado. Nele, em meio à continuação da guerra travada à época entre a Turquia e a Grécia (Mary Shelley imagina a guerra perdurando até o ano 2000), uma peste começa a assolar a Europa, espalhando-se pelo mundo até destruir toda a civilização, restando um único homem solitário.

Também dignos de nota entre as leituras de Wells em 1883 e 1884 são os periódicos *The Freethinker* e *The Malthusian*. *The Freethinker* é uma revista de teor humanista publicada desde 1881 (em 2014 saiu seu último número impresso e hoje o periódico continua em edição online). Fundada pelo editor George William Foote, assumiu desde o começo uma postura ateia e antirreligiosa, determinada, segundo as palavras de sua primeira edição, a “travar uma guerra implacável contra a superstição em geral e contra a superstição cristã em particular”. *The Malthusian*, como o próprio nome indica, era uma publicação da Liga Malthusiana, organização inglesa estabelecida em 1877 e dissolvida em 1927. De orientação igualmente secular, a Liga Malthusiana buscava promover a contracepção, em concordância com seus ideais malthusianos de controle populacional, e suas publicações seguiam por essa linha.

Em meio a essas leituras, surgia o perfil do jovem Wells aos seus dezoito anos: um jovem idealista, inspirado pelos conceitos otimistas de progresso e racionalismo que envolveram boa parte do mundo intelectual da Europa da segunda metade do século XIX, sobretudo da Inglaterra. Como ele mesmo comenta, “antes de eu completar dezoito anos, as linhas gerais das minhas ideias sobre a vida humana já tinham aparecido — ainda que grosseiramente”.

Em 1884, Wells ganha uma bolsa de estudos, de um guinéu por semana, na Normal School of Science, hoje o Imperial College of Science and Technology, em South Kensington,³ região oeste de Londres. Lá ele viria a estudar física, química, geologia, astronomia e biologia — a última disciplina sendo a que receberia a maior parte de sua atenção acadêmica. Seu orientador foi ninguém menos do que Thomas Henry Huxley (1825-95),

biólogo especialista em anatomia comparativa e defensor da educação científica e do conceito de evolução, figura crucial para a disseminação e aceitação das ideias de Darwin numa época em que elas ainda eram tabu na maioria dos espaços sociais. O ano que Wells passou aprendendo anatomia comparativa com Huxley foi “o ano mais educativo” de sua vida, conforme afirmou.

Ao mesmo tempo que o jovem Wells refinava cada vez mais seus conhecimentos científicos, ele também se aprofundava em leituras literárias. Em seu último ano em South Kensington, entrou em contato com obras como *A revolução francesa: uma história*, de Thomas Carlyle, os chamados livros proféticos do poeta William Blake (*O Livro de Thel*, *O Livro de Urizen*, *Milton* etc.) e ainda as obras de Tennyson, Goethe e Shakespeare, entre outros, acumulando leituras também de história, sociologia, economia e prosa romanesca de língua inglesa. Wells ajudou a fundar a revista da faculdade, a *Science Schools Journal*, e se tornou seu primeiro editor, utilizando o periódico como um meio para expressar suas opiniões e publicar suas primeiras tentativas de escrever prosa literária a sério.

Por outro lado, apesar de os anos entre 1884 e 1887 terem sido uma época de grande desenvolvimento intelectual, foi também um período de condições difíceis. Em sua autobiografia, Wells relata ter passado fome. As agruras de ser um aluno pobre na faculdade provavelmente foram a inspiração para o seu conto “A Slip Under the Microscope”, de 1896, que acompanha um estudante de biologia, filho de um sapateiro, que por acidente acaba sendo reprovado, perdendo a bolsa e desistindo do curso. O conto fornece um retrato vívido do ambiente físico e intelectual de South Kensington. Sua experiência na faculdade também serviu de material para o romance semiautobiográfico *Love and Mr. Lewisham*, de 1900, um dos seus primeiros romances que não tratam de ciência ou ficção científica.

Em 4 de janeiro de 1884 foi fundada a Sociedade Fabiana, organização socialista britânica com sede em Londres, cujas reuniões Wells frequentaria ainda enquanto estudante, conhecendo figuras como o fundador, Graham Wallas, o escritor e ativista William Morris e o dramaturgo Bernard Shaw, e da qual faria parte oficialmente a partir de 1903.

Wells, porém, era uma figura difícil de se encaixar. Ele sentia que os intelectuais socialistas eram demasiadamente moderados, descolados da realidade e não desejavam mudanças radicais o suficiente. Por outro lado, ele próprio demonstrava profunda antipatia pela classe trabalhadora. Anos mais tarde, já em 1934, numa conversa com ninguém menos do que Josef Stálin, Wells teria argumentado que o proletariado até pode ser capaz de tomar o poder na luta de classes, mas sem o apoio de uma elite técnica intelectual ele não seria capaz de fazer nada com o poder conquistado. Segundo o pesquisador John Hammond, as raízes dessa desconfiança podem ter relação com as rivalidades entre os alunos de classe média da academia do sr. Morley e os alunos de classe trabalhadora da Escola Nacional, que culminavam em grandes batalhas juvenis enfrentadas à base de porretes e pauladas nas ruas de Bromley, e que marcaram a infância de Wells.

Essas tensões entre a desconfiança pelas classes baixas e a postura de ridicularizar certas características de intelectuais socialistas são parte da figura complexa e por vezes contraditória de Wells, podendo ser observadas já em *A máquina do tempo*. Ele mais tarde viria a abandonar a Sociedade Fabiana e, apesar de ter defendido uma sociedade centralizada na figura de um Estado Mundial socialista em seu ensaio de 1905 *A Modern Utopia*, suas ideias com o tempo viriam a se tornar cada vez mais alinhadas ao pensamento liberal.

Ao sair da Normal School, Wells passou um tempo no País de Gales, em Holt, condado de Wrexham, na fronteira com a Inglaterra, lecionando na Holt Academy. A experiência foi um fiasco, porém, pois a vila de Holt era um lugar esqualido, composto de casebres em meio a uma paisagem desolada, cujos habitantes desconfiavam de Wells, denunciado como inglês por seu sotaque. Numa das muitas partidas de futebol que os alunos jogavam para matar o tempo, ele acabou ferido no abdome, lesionando um rim. A experiência é recontada com profundo desgosto em sua autobiografia,⁴ porém foi uma das primeiras ocasiões em que ele sentiu vontade de escrever ficção, concluindo em Holt o primeiro esboço do conto que deu

origem ao romance *A máquina do tempo*, intitulado “Os Argonautas Crônicos” e incluído nos anexos da presente edição. A lesão o levou a abandonar a vila e a retornar a Uppark. Depois, recuperado, ele partiu para Stoke-on-Trent, em Staffordshire, cujas paisagens industriais marcadas por imensas olarias inspiraram o conto macabro “The Cone” (1895), originalmente concebido como parte do que viria a ser uma obra maior ambientada na região.

Wells retorna a Londres no verão de 1888, como professor de biologia e vivendo de forma precária até conseguir um emprego na Henley House School. Em 1890 ele consegue seu diploma em zoologia e geologia e torna-se tutor de biologia na University Correspondence College. No ano seguinte, escreve seu primeiro ensaio filosófico, “The Rediscovery of the Unique”, e, buscando se aperfeiçoar como professor, torna-se membro do College of Preceptors, sociedade de professores preocupados com os padrões de ensino. Entre 1892 e 1893, compõe e publica uma série de apostilas de biologia, fisiografia e geografia. Uma hemorragia no pulmão, no entanto, põe fim à sua carreira como professor em 1893, obrigando-o a um tempo de repouso em Eastborne. Outras reviravoltas em sua vida acontecem nesse ínterim: a separação em 1894 de sua prima Isabel Mary Wells, com quem se casara três anos antes, o que afetou profundamente suas opiniões sobre sexualidade, e seu envolvimento, no mesmo ano, com uma ex-aluna, chamada Amy Catherine Robbins. O apoio de Robbins, com quem Wells permaneceria casado até a morte os separar em 1927, foi crucial para ele ter desenvolvido uma carreira literária. Diz o biógrafo John Hammond:

Por muitos anos ela foi sua secretária, gerente de negócios e ajudante constante. Datilografava seus romances, administrava suas questões financeiras, supervisionava o lar e o protegia de muitos dos aborrecimentos mesquinhos que afligem a vida de um romancista de sucesso. ... Ela foi uma força estabilizadora para o seu temperamento naturalmente anárquico e rebelde. Disciplinava sua indisciplina e dava à sua vida uma estabilidade e dignidade que, do contrário, faltariam. Ela organizava seus negócios com competência e discernimento, e há dúvidas se ele teria escrito de forma tão consistente ou com tal padrão de qualidade sem o seu apoio resolutivo.⁵

Por fim, incapaz de lecionar, Wells começa a escrever para jornais, publicando na *Pall Mall Gazette* um textinho de tom humorístico chamado “On the art of staying at the seaside”, no dia 7 de agosto de 1893. Foi o primeiro de muitos. Sua sorte estava prestes a mudar.

Começo de carreira

Enquanto esteve em Stoke-on-Trent, Wells concebeu o primeiro esboço do que viria a ser *A máquina do tempo*. O conto original, consideravelmente mais curto (cerca de 8 mil palavras apenas, divididas em quatro capítulos), foi publicado em formato seriado, entre abril e junho de 1888, no *Science Schools Journal*. O título “Os Argonautas Crônicos” é facilmente explicável: os argonautas, na mitologia grega, formavam o grupo de heróis tripulantes do navio *Argo*, companheiros de Jasão em sua busca pelo velocino de ouro, antes da Guerra de Troia. O termo, portanto, traz consigo esse sentido de viajante, de alguém envolvido numa jornada. Já o adjetivo “crônico” está ligado ao Tempo — o deus Chronos,⁶ em grego. Juntas, as duas palavras indicam o conteúdo, ainda que de forma menos evidente e interessante do que o título final do romance. Em retrospecto, o próprio Wells criticava a “inaptidão desse título rococó para uma invenção da matemática”.

O ponto principal dessa primeira narrativa é, em essência, o mesmo do romance: acompanhamos um inventor excêntrico que cria uma máquina capaz de viajar no tempo. Todo o resto — desenvolvimento da história, ambientação e temas — é completamente diferente. Podemos começar citando o fato de que o protagonista original tinha um nome esdrúxulo, dr. Moses Nebogipfel. O prenome alude, obviamente, ao personagem bíblico que recebe de Deus as tábuas com os dez mandamentos, enquanto o sobrenome deriva de uma mistura das palavras para “céu”, em russo (*nebo*), e “cume”, em alemão (*Gipfel*). O enredo original, tingido de leve por uma atmosfera de horror gótico que era moda à época,⁷ girava em torno da chegada desse homem à antiquada vila de Llyddwdd, no País de Gales, onde ocupa uma casa deixada vaga após a morte de seus antigos moradores. Relembrando, de forma satírica, a própria experiência de Wells em Wrexham, a vila toda, formada por pessoas simples do meio rural, se volta contra o doutor, suspeitando que fosse um “necromante”, um “bruxo”, após uma série de ocorrências que eles acreditam ser obra de

magia negra. Quando a vila se reúne para invadir a casa e queimar o “bruxo” — no melhor estilo de tochas e ancinhos em punho, como é o lugar-comum cinematográfico —, o doutor, no entanto, consegue escapar em sua máquina do tempo, levando consigo um companheiro, o Reverendo Cook. Ao leitor contemporâneo, fica inevitavelmente sugerida uma comparação com o célebre seriado *Doctor Who*, também britânico, no qual um viajante misterioso embarca em aventuras pelo tempo, sempre acompanhado de um companheiro ou companheira. Mas não se devem menosprezar as proximidades com o enredo do outro clássico de Wells, *O homem invisível* (também publicado na presente coleção).

Wells não foi o primeiro a conceber uma viagem no tempo. A literatura conta com alguns casos anteriores a 1888, quando ele começou a escrever. Além de certos mitos orientais — nos quais a viagem de um personagem a um lugar lendário, onde o tempo passa mais devagar, o faz encontrar em seu retorno um mundo completamente mudado —, temos alguns exemplos entre os séculos XVIII e XIX de viagens ao futuro através do artifício de um sono prolongado,⁸ como se observa nos romances *L'An 2440, rêve s'il en fût jamais* (1770), de Louis-Sébastien Mercier, e, o caso mais famoso, *Rip Van Winkle* (1819), de Washington Irving. O romance utópico *Looking Backward*, de Edward Bellamy, publicado no mesmo ano de “Argonautas”, é outro exemplo relevante. No caso de viagens para o passado (ou futuro, dependendo do ponto de vista), podemos citar *Memoirs of the Twentieth Century* (1733), formado por uma série de cartas datadas dos anos 1997 e 1998, que teriam sido recebidas e reveladas misticamente ao autor anônimo da obra. Esse romance, de natureza satírica, que, hoje se sabe, foi escrito pelo irlandês Samuel Madden, imaginava um futuro “catastrófico” dominado por católicos e jesuítas (Madden era anglicano).

É no século XIX que temos uma variedade de casos interessantes, como “Um conto de Natal” (1846), de Dickens, no qual ao protagonista é dado ver o passado e o futuro (embora isso não configure exatamente uma viagem real no tempo); *Paris avant les hommes* (1861), de Pierre Boitard, no qual o narrador viaja ao passado e encontra animais pré-históricos; *Hands Off* (1881), de Edward Everett Hale, no qual o protagonista volta no tempo e impede o acontecimento de uma história bíblica, alterando o futuro; e *The Clock That Went Backward* (1881), de Edward Page Mitchell, em que um relógio mágico, ao ter seus ponteiros girados na direção contrária, permite inverter o fluxo do tempo. Porém, tirando o exemplo de Dickens, até hoje um dos prosadores mais famosos do mundo inglês, e o caso de Bellamy, de que trataremos adiante, não é possível afirmar que Wells tenha lido qualquer uma dessas obras.

Convém observar ainda que em todos esses casos a viagem se dá por meios místicos, mágicos ou sobrenaturais. A grande inovação de Wells foi ter concebido, a sério, a ideia de um dispositivo que poderia ser construído pela engenhosidade da ciência humana. Uma vez compreendido o funcionamento do tempo, uma mente suficientemente brilhante poderia dominá-lo com a mesma facilidade com que se dominam outros fenômenos, usando a mecânica, a termodinâmica e a eletricidade, como se via em máquinas, motores a vapor e lâmpadas elétricas, que cada vez mais moldavam o mundo moderno em torno de Wells. Como explica o dr. Nebogipfel ao Reverendo Cook: “Não alego qualquer envolvimento com coisas espirituais. Trata-se, em toda a boa-fé, de um aparelho mecânico, uma coisa enfaticamente deste mundo sórdido mesmo.” Até hoje, inclusive, designamos essa engenhoca hipotética da ficção científica nos termos de Wells: a máquina do tempo.

A única exceção entre os seus antecessores, e grande coincidência, foi o romance *El anacronópete*, do autor espanhol Enrique Gaspar y Rimbau (1842-1902), publicado um ano antes dos “Argonautas”, em Barcelona. Nele, Gaspar concebeu uma máquina para viajar no tempo feita a partir da tecnologia humana. O “anacronópete” do título refere-se a um imenso caixote de metal voador, que funciona à base de eletricidade. No entanto — e por isso acrescentamos a expressão “a sério” no parágrafo anterior —, o teor da obra é diferente. Wells, ainda que tenda ao satírico, produz um conto e um romance essencialmente sérios, ao passo que Gaspar havia a princípio concebido seu romance como uma opereta cômica e mantém um tom leve e picaresco, com situações burlescas envolvendo soldados espanhóis e prostitutas francesas a bordo da sua máquina miraculosa.

Também há diferenças de concepção quanto ao funcionamento da viagem no tempo. Wells, como cientista, se aproxima bastante do modelo da física real, enquanto em Gaspar o tempo está ligado à atmosfera e sua máquina opera revertendo o fluxo temporal, de modo que quem não estiver coberto com um “fluido de inalterabilidade” deixa de existir ao voltar ao passado. Não se pode falar em influências, no entanto, porque *El anacronópete* infelizmente não teve grande sucesso, e Wells nunca o leu. Apenas há pouco tempo Gaspar foi resgatado de sua obscuridade,² graças ao trabalho de um grupo de fãs espanhóis de ficção científica, e teve sua obra reeditada e inclusive traduzida para o inglês (ela permanece, no entanto, inédita no Brasil).

Como dissemos, o ponto de partida de *A máquina do tempo* foi “Os Argonautas Crônicos”, porém há mais diferenças do que semelhanças entre o conto e o romance em sua versão final. Talvez uma das coisas que mais chame a atenção seja o quanto Wells amadurece como escritor entre 1888 e 1895. “Argonautas” é um conto com um conceito muito interessante, mas apresenta alguns problemas cruciais de ritmo, por exemplo, com uma introdução longa e minuciosamente descritiva e um desfecho apressado. O diálogo final entre o dr. Moses e o Reverendo soa pouco verossímil, alternando-se entre explicar de forma resumida as motivações do doutor, o mecanismo da viagem no tempo e a sua confissão de ter matado o antigo residente da casa, e tudo é aceito com muita facilidade pelo seu interlocutor. Ao reescrever a história, Wells presta atenção ao problema da verossimilhança e se esforça para criar um ambiente no qual essas ideias possam ser discutidas sem pressupor que o interlocutor aceitaria esses conceitos revolucionários com tranquilidade, na “atmosfera agradável de uma conversa de depois do jantar, quando o pensamento vaga graciosamente livre dos fardos da precisão”. Ele também cria um protagonista mais simpático: por mais que procurasse satirizar os aldeões galeses (e às vezes fica a impressão de que ele se esforça demais nessa obsessão) e suas superstições quanto ao “bruxo” em “Argonautas”, ele acaba sem querer confirmando as suspeitas dessa gente ao representá-lo como um assassino (por mais que fosse um caso de homicídio culposo). Wells reconhece esses problemas na autobiografia e comenta que encerrou a história precocemente porque “não conseguia mais levá-la adiante”. Além disso, enquanto o conto dava pouca ênfase a aspectos sociopolíticos e se concentrava na atmosfera gótica, na crítica à superstição religiosa e no quanto era fantástica a invenção em si da máquina do tempo, o romance inclui elementos políticos e de comentário social, e utiliza a máquina do tempo como pretexto para explorar uma discussão científica e social sobre o futuro.

Mas tais assuntos estavam na ordem do dia, e não foi por acaso que entre esses dois lançamentos de Wells houve a publicação dos romances utópicos *Looking Backward* (1888), de Bellamy, e *Notícias de lugar nenhum* (1890), de William Morris, um dos autores que frequentavam as reuniões da Sociedade Fabiana no período em que Wells tomou parte da associação. *Looking Backward* foi um best-seller e seu enredo acompanha um jovem de Boston, Massachusetts, chamado Julian West. Julian entra num sono profundo, acorda 113 anos depois, já no distante ano 2000, e descobre que os Estados Unidos foram transformados numa sociedade utópica. Como lhe revela o seu guia, o dr. Leete, todos os problemas econômicos e de classe que abalaram tanto a Europa quanto os Estados Unidos no final do século XIX — como a chamada Grande Depressão de 1873 e a estagnação econômica provocada pelos monopólios e oligopólios norte-americanos — tinham sido resolvidos com a implantação do socialismo. As jornadas de trabalho haviam sido reduzidas, os salários equiparados, e a criminalidade, uma vez eliminado o crime motivado pela desigualdade social, se tornara questão de saúde pública.

Apesar de ser uma obra de interesse reduzido hoje, talvez por ser mais um pretexto para apresentar ideias políticas do que uma composição que se pretendesse propriamente literária, o seu sucesso à época foi estrondoso e resultou, de fato, em dezenas de outras obras sendo escritas em resposta para complementar ou parodiar Bellamy, incluindo *Notícias de lugar nenhum*. Publicado em formato seriado a partir de 11 de janeiro no jornal fundado pela Liga Socialista, o *Commonweal*, *Notícias de lugar nenhum* tem uma premissa semelhante: seu narrador, William Guest, adormece e acorda num futuro utópico — o título,

inclusive, sendo uma referência à *Utopia* de Thomas More, que deu origem ao gênero, haja vista que o termo, na etimologia grega, significa “lugar nenhum”. O pouco enredo que há envolve a sua descoberta desse mundo, por intermédio de alguns personagens como o Velho Hammond, seu guia, e o casal Dick e Clara. Morris critica Bellamy por sua visão do futuro se limitar a uma sociedade ainda dependente de máquinas e do poder centralizado pelo Estado. Em vez de o fardo do trabalho ser amenizado meramente pela redução das horas de expediente (o que seria possível graças às máquinas), como acontece na obra de Bellamy, para Morris o crucial seria eliminar esse fardo transformando o trabalho numa atividade prazerosa que satisfizesse as necessidades do ser humano. Esse tipo de sociedade, porém, só poderia ser agrícola, e por isso a visão do futuro de Morris é não urbanizada, mas pastoral, essencialmente eliminando a ideia de progresso.

A relevância de discutirmos essas obras para tratarmos de Wells repousa no fato de que ele leu ambos os romances e circulava por espaços onde esses livros eram lidos e essas ideias, discutidas. Como resultado, sobretudo se comparado aos “Argonautas”, o seu *A máquina do tempo* pode ser lido também como uma sátira, dolorosamente niilista, a essas visões do futuro — à moda de Swift, cujas *Viagens de Gulliver* foram uma influência tanto para *A máquina do tempo* quanto para o posterior *A ilha do dr. Moreau*, de 1896.

O protagonista de *A máquina do tempo* não salta para um futuro próximo no qual os problemas da sua época poderiam ter sido resolvidos, mas segue de forma tão vertiginosa rumo ao futuro, centenas de milhares de anos à frente, que, graças à perspectiva fornecida por essa escala de tempo, o que ele encontra não é uma utopia, mas a humanidade tão alterada pelos processos da evolução que ele já não a reconhece mais como humana. De quebra, o romance satiriza ainda não apenas a visão de Morris, mas a de Bellamy também, representando um mundo idílico pastoral e ao mesmo tempo brutalmente mecanizado em seu submundo. Contrário ao otimismo progressista da era vitoriana — que levou muitos ao equívoco (comum até hoje) de tomarem como sinônimos os termos “progresso” e “evolução”, este então recém-promovido por Darwin, assim alimentando as esperanças de que a engenhosidade humana viria a resolver todos os problemas da sociedade —, Wells mostra que a evolução não é um processo guiado que visa a um objetivo, mas um processo adaptativo de sobrevivência, que pode muito bem incluir “degenerações”, caso elas demonstrem ser uma estratégia eficiente. Piadas sutis pontuam o texto, como o comentário do protagonista de que ele não teve nenhum cicerone para guiá-lo no futuro, esse lugar-comum dos romances utópicos, o seu choque diante da simplicidade do povo do futuro ou ainda a descrição das suas sandálias e de seus hábitos alimentares, tecendo essa relação irônica que soma uma camada a mais de complexidade ao que foi o primeiro romance da carreira de Wells.

Como foi dito anteriormente, a composição e a publicação de *A máquina do tempo* formam uma intrincada sequência de lances artísticos e editoriais. Em 1894, W.E. Henley, crítico, poeta e editor escocês, interessando-se pelo talento de Wells, convida-o a escrever para o seu jornal, o *National Observer* (antigamente, *Scots Observer*). Apesar da aura em torno de Henley, que impressionou o jovem aspirante a escritor que era Wells — o editor tinha contato, afinal, com figuras célebres como a de seu compatriota Robert Louis Stevenson, autor de *A ilha do tesouro* e *O médico e o monstro* —, o resultado foi frustrante, uma vez que o periódico saía em edições irregulares e circulava de maneira anônima. A experiência, contudo, foi suficiente para estimulá-lo a visitar os “Argonautas” e “retalhar o seu cadáver”, nas suas próprias palavras. O resultado foi um texto de meio de caminho entre os “Argonautas” e *A máquina do tempo*, que, embora menor em dimensões, já exibia mais semelhanças de tom e escopo com a versão final do que com a inspiração original. Essa versão foi publicada em sete seções no *National Observer*, mas Wells ainda não se deu por satisfeito e prosseguiu reescrevendo a obra, mantendo contato o tempo inteiro com Henley, que foi seu leitor e interlocutor e o manteve incentivado. Uma terceira versão, já bastante próxima do que consideramos a final, foi publicada de forma seriada entre janeiro e maio de 1895 em um novo periódico de Henley, a *New Review*, sob o título “A história do Viajante do Tempo”.

E, no entanto, a trama de acontecimentos ainda não terminara. Após o sucesso da edição seriada, o editor William Heinemann se ofereceu para publicar *A máquina do tempo* em livro, com base num manuscrito revisado da versão publicada na *New Review* — é notório, por exemplo, que Wells retirou um trecho sobre o futuro do planeta, que fora mantido na versão seriada por insistência de Henley. E é então que, antes da edição em livro se concretizar na Inglaterra, outro editor, o norte-americano Henry Holt, fundador da Holt and Company, se antecipa e publica nos Estados Unidos a primeiríssima versão de *A máquina do tempo*, no dia 7 de maio de 1895. A versão inglesa de Heinemann sairia apenas algumas semanas depois, no dia 29 daquele mês. Para complicar um pouco mais, a versão publicada por Holt não é igual a nenhuma das versões anteriores, seriadas em jornais, mas sim um estágio intermediário entre a versão do *National Observer* e a da *New Review*, com diferenças substanciais em relação ao texto da edição inglesa em livro de Heinemann. Para o bem da nossa paciência (afinal, ao todo, são nada menos do que sete versões!), Wells praticamente deserda a edição norte-americana de Holt, e o texto publicado por Heinemann é considerado a versão definitiva e a base das futuras reimpressões, inclusive a da presente edição.

Enquanto retrabalhava a história de “Argonautas”, Wells já sabia que alcançava um ponto crucial em sua carreira de escritor. Aquele era o tipo de obra que faria sua fama ou o condenaria de vez à obscuridade. Henley também partilhava essa opinião e reconheceu, ao publicá-la no *National Observer*, que a inicial falta de sucesso se devia não a uma limitação de Wells, mas ao fato de a obra ainda estar em esboço.¹⁰ Já a publicação na *New Review* teve uma recepção muito melhor, a ponto de o crítico W.T. Stead descrever Wells como “genial”, e criou um ambiente propício para que a publicação posterior em livro fosse um sucesso, trazendo um retorno financeiro considerável ao escritor. Estando Wells impedido de continuar sua carreira como professor, essa mudança de ares foi muitíssimo bem-vinda, e sua vida como escritor finalmente começou de verdade.

No embalo do sucesso de *A máquina do tempo*, e agora contando com o apoio de sua nova companheira, Amy Catherine Robbins, Wells publica, ainda em 1895, o volume de ensaios *Select Conversations with an Uncle*, a coletânea de contos *The Stolen Bacillus and Other Incidents* e o seu segundo romance, *The Wonderful Visit*. Em contraste com a parte mais conhecida de sua obra, *The Wonderful Visit* não trata de ciência, mas de fantasia: seu enredo gira em torno da chegada de um anjo ao sul da Inglaterra, e a sua inadequação com o mundo humano serve de premissa para muito do humor de comentário social do livro — em certo momento, por exemplo, as críticas que ele faz aos costumes locais o levam a ser acusado de “socialista”.

Os anos entre 1895 e 1914 foram de imensa produtividade literária para Wells, que se firma como escritor, fazendo grandes contribuições para a literatura de língua inglesa. Suas condições financeiras e de saúde também evoluem positivamente. Os romances após *The Wonderful Visit* tendem a se encaixar em duas grandes linhas principais: uma formada por romances de ficção científica — o que hoje alguns chamam de *soft sci-fi*, em que uma invenção incrível é utilizada como pretexto para explorar questões humanas — e a segunda composta de romances realistas à moda de Dickens, com ênfase em aspectos sociais. Essa dicotomia fica bem clara em 1896, quando ele publica, de um lado, *A ilha do dr. Moreau*, sobre um cientista recluso que cria híbridos entre seres humanos e animais, e de outro *As rodas do acaso*, inspirado pelo auge da moda do ciclismo que atingiu a Inglaterra do final do período vitoriano.

Em 1897 Wells publica *O homem invisível*, sobre um cientista de tendências sociopáticas que descobre uma fórmula para ficar invisível, mas é incapaz de reverter o processo, e no ano seguinte *A guerra dos mundos*, o relato de um sobrevivente dos horrores causados por uma invasão marciana na Inglaterra. *A máquina do tempo*, *A ilha do dr. Moreau*, *O homem invisível* e *A guerra dos mundos* constam entre os romances mais famosos de Wells, com inúmeras adaptações para o cinema, e foram fundamentais para o gênero da ficção científica.

Ainda em 1898 Wells começa a publicar *When the Sleeper Wakes* de forma seriada no jornal *The Graphic*, com ilustrações de H. Lanos, material mais tarde retrabalhado e republicado com o título *The Sleeper Awakes* (1910). O enredo gira em torno de um homem que, como os protagonistas de Bellamy e Morris, adormece e acorda no futuro. O que ele encontra, porém, não é uma utopia, mas o que chamariamos hoje de distopia: ele se descobre o homem mais rico do mundo (tendo herdado uma fortuna enquanto dormia), mas seu dinheiro é controlado por um grupo chamado de O Conselho Branco, que o utilizou para estabelecer uma forma de governo autoritário sobre todo o mundo. Como se vê, nessa obra menos conhecida, mas que bem mereceria um resgate, Wells apenas exagerou um pouco o *modus operandi* do que temos hoje no sistema financeiro internacional.

O romance semiautobiográfico *Love and Mr. Lewisham*, já mencionado anteriormente, sai em 1900, mas Wells retorna ao fantástico quando publica, em 1901, respectivamente nos periódicos *The Strand Magazine* e *Pearson's Magazine*, as histórias “The First Men in the Moon” e “The Sea Lady”. A primeira relata uma viagem à Lua e a descoberta de uma civilização lunar, dessa vez educada e horrorizada com a propensão dos humanos à guerra, ou seja, muito diferente dos marcianos imperialistas de *A guerra dos mundos*. A segunda é a história de uma sereia que chega ao litoral da Inglaterra e procura entrar na alta sociedade. Simultaneamente a esses romances mais leves, Wells também publica, no mesmo ano, uma obra de não ficção, *Anticipations of the Reaction of Mechanical and Scientific Progress upon Human Life and Thought*, em que tece comentários sobre os profundos impactos que as transformações recentes teriam sobre a civilização. Algumas de suas previsões foram precisas, como a de que a guerra se tornaria “menos dramática” e “mais monstruosa”, como veríamos logo treze anos depois com a Primeira Guerra Mundial, motivo de trauma em toda a cultura europeia. Outras foram menos felizes, como os seus comentários a favor da eugenia, que eram parte da paisagem intelectual da época. Felizmente para nós, seus admiradores, Wells viria a mudar de opinião com o tempo, abandonando a postura eugênica e se tornando um defensor dos direitos humanos — chegando a escrever, em 1940, *Os direitos do homem*, que serviu de inspiração para a Declaração Universal de Direitos Humanos da ONU, oito anos mais tarde.

Em 1900 Wells se muda para Sandgate, perto da cidade portuária de Folkestone, em Kent, sudeste da Inglaterra, onde permanece até se mudar para Londres, em 1909, comprando depois uma casa próxima a Dunmow, Essex, em 1912. É nessa casa, chamada Little Easton Rectory, rebatizada Easton Glebe, que irá morar até 1927, quando morre Amy Robbins. Entre 1923 e 1933, ele estabelece também uma casa de inverno no sul da França, perto de Grasse, na Provença, que lhe serve de teto em suas muitas viagens durante os anos do entreguerras.

A Primeira Guerra Mundial o fez perceber a necessidade de um congraçamento da humanidade, e esse ideal se torna um eixo recorrente de sua obra. Questões como pacifismo e direitos humanos teriam cada vez mais lugar. A capacidade humana de destruição, como contraponto, viria a ser comentada em *A guerra no ar* (1908), antes da Primeira Guerra, antecipando os usos bélicos da aviação; em *The World Set Free* (1914), que previu a invenção da bomba atômica; e em *The Shape of Things to Come* (1933), que projetava o começo da Segunda Guerra Mundial para janeiro de 1940, uma intuição assombrosamente próxima da realidade. Demonstrando o estreito contato, e os atritos, que sua ficção mantinha com as grandes experiências políticas de sua época, Wells visitou a Rússia três vezes, em 1914, 1920 e 1934 (chegando a conversar com Stálin, como já mencionamos), e seus livros foram queimados em praça pública na Alemanha nazista, em 1933.

Wells continuou a escrever com grande produtividade até morrer, deixando aproximadamente uma centena de livros, entre romances e obras de não ficção de caráter científico e sociológico. Apesar da carreira bem estabelecida, os anos finais do autor foram melancólicos. Sua saúde deteriorou-se muito após 1944 e, sentindo-se desacreditado junto a seus contemporâneos, imaginava que em pouco tempo ninguém mais leria sua obra. “De modo que Wells apodrece vivo e será enterrado um homem já esquecido”, ele chega a escrever, num ensaio de julho de 1945 chamado “The Betterave Papers”, no qual passa a

limpo, com humor negro, sua própria trajetória literária. Wells morre pouco mais de um ano depois, em 13 de agosto de 1946, aos 79, de causas desconhecidas, em sua casa em Londres. As décadas seguintes, e sua fama até hoje, provam que, pelo menos quanto à sua importância para a posteridade, ele estava profundamente equivocado.

Lendo *A máquina do tempo*

Há várias formas de se olhar para *A máquina do tempo*. Por um lado, trata-se de uma obra de forte cunho intelectual e imaginativo. A ideia do tempo como uma dimensão feita qualquer outra, esboçada em “Argonautas” e desenvolvida na versão final do romance, circulava nos meios acadêmicos do período, mas demoraria ainda alguns anos para ganhar a forma que lhe daria Einstein na teoria da relatividade. Apesar de outros precursores e concorrentes no tema de viagem temporal, foi a expressão encontrada por Wells, “máquina do tempo”, que se popularizaria no século XX, inspirando toda uma série de obras literárias, cinematográficas e televisivas — não é possível imaginar filmes tão icônicos quanto *Planeta dos macacos* (1968), *O exterminador do futuro* (1984) ou *De volta para o futuro* (1985) sem a inspiração de Wells. O conceito de viagem temporal e os problemas que ele suscita — como a questão do livre-arbítrio e dos paradoxos temporais — são interessantes por si sós. Mas há mais algumas camadas ainda.

A principal formação de Wells era em ciências biológicas, e em sua obra encontramos ainda ensaios como “Retrogressão zoológica” e “Sobre a extinção”, publicados na década de 1890, que exploram temas como a extinção (inclusive a extinção prevista do ser humano) e a evolução. Wells ficava particularmente incomodado com os usos errôneos do termo “darwiniano”, e “Retrogressão zoológica” é dedicado a combater a ideia de que a evolução significa um progresso ou um aumento em complexidade; Wells seleciona exemplos de animais que teriam se “degenerado” para ilustrar o argumento.

A máquina do tempo faz algo parecido, conforme o leitor acompanha o quanto seu protagonista se frustra ao descobrir que os humanos do futuro — divididos entre os Elói, que são belos e pacíficos, porém estúpidos, e os Morlocks, mais inteligentes, porém violentos e canibais — não são o que ele esperava. Igualmente fascinante é acompanhá-lo viajando ainda mais rumo ao futuro, descrevendo sua solidão e desolação conforme a paisagem se torna irreconhecível, como resultado de processos naturais.

Em *O último homem*, de Mary Shelley, e em outras obras de teor pós-apocalíptico do começo do século XIX, surge o mesmo sentimento de desolação, evidente tanto nas cenas finais do romance de Shelley quanto nas cenas do Viajante do Tempo de Wells, a 30 milhões de anos no futuro. Mas, em Shelley e na maioria dos outros, essa desolação — diante da degradação planetária da vida, diante da perversão da humanidade —, ainda que comparável, é causada por um incidente, como uma peste ou guerra. O que Wells faz, talvez pela primeira vez, é abordar a morte, a extinção do ser humano, da sua civilização e do seu planeta, como um evento natural e inevitável.

Em 1852, o matemático lorde Kelvin já havia proposto o princípio da entropia, que impõe ao uso da energia disponível uma perda gradual na reposição dessa energia, princípio que decretaria em algum momento a morte térmica do Universo, extinguindo todos os fenômenos físicos. Nós, hoje, aceitamos como fato que o nosso Sol deverá morrer daqui a alguns bilhões de anos. Ainda assim, no entanto, esse confronto com a mortalidade nua e crua permanece perturbador. Tanto mais deve ter sido no século XIX.

Há uma terceira dimensão do romance: a política e social. Wells teve uma trajetória interessante pelo mundo político inglês, do final do século XIX ao começo do XX, transitando em meio aos socialistas da Sociedade Fabiana, os comunistas e, por vezes, há quem o acuse até mesmo de flertar com os fascistas. Segundo Philip Coupland,¹¹ o posicionamento político de Wells estaria alinhado a uma ideia de “liberalismo fascista”, uma utopia revolucionária que aboliria as lutas de classe causadas pelo capitalismo, fomentada necessariamente por uma elite intelectual, que aos poucos e com benevolência democratizaria o poder, uma vez concluída a revolução. Diante dos horrores reais do fascismo, porém, como comenta Coupland, “Wells pode ter também recebido a intimação

indigesta de que toda sua ideia de um ‘fascismo liberal’ era uma síntese impossível”. O niilismo e o pessimismo de sua produção literária, evidentes sobretudo em seus primeiros romances, conviviam no escritor com o utopismo e o espírito de progresso que animou a época de sua formação intelectual.

Essas ideias, ainda em germe, aparecem em *A máquina do tempo*. A divisão da humanidade futura, via processos evolutivos darwinistas, entre os Elói e os Morlocks, por exemplo, funde ciência e política num comentário social que satiriza a dependência, a inatividade e a estupidez das classes mais altas, profetizando o seu destino infeliz como alimento para aqueles que as serviram. A ironia é que essa justiça poética deriva enfim, no romance, não da capacidade de organização do proletariado, mas da própria segregação causada pela luta de classes, devidamente plasmada com o tempo — períodos exorbitantes de tempo, aliás — pelos processos biológicos. Mesmo os socialistas da época de Wells, como dito antes, acabam satirizados em meio aos costumes dos Elói (como o frugivorismo, o uso de sandálias e a semelhança entre os sexos). E, simultaneamente, não se pode dizer que os Morlocks são os verdadeiros senhores dos Elói: eles os servem ainda, e sua biologia os faz incapazes de reconquistar o mundo da superfície. Ambas as raças sofrem de uma dependência grotesca uma da outra, e o trágico repousa no fatalismo da situação toda.

A máquina do tempo abarca ainda algumas camadas adicionais dessa variedade incômoda e inteligente de ironia. Como aponta Kathryn Hume,¹² o romance nos apresenta um dilema: a degeneração dos Elói, que resulta num povo de estatura menor, cérebros menores e capacidades intelectuais e energéticas igualmente menores, é resultante de um mundo no qual a atividade física é cada vez menos necessária, como já se observava na Inglaterra vitoriana e como é hoje para boa parte da população do mundo industrializado. Esse mundo, no entanto, é ele próprio resultado de uma melhoria nas condições de vida. Logo, fica o dilema: melhorar as condições de vida leva à degeneração característica dos Elói; não as melhorar leva ao pesadelo canibal dos Morlocks. Aceitar a mensagem biológica implica rejeitar a mensagem social, e vice-versa. Não por acaso, a primeira coisa que o Viajante encontra nesse futuro é o próprio símbolo do enigma: uma *esfinge*.

No mais, o Viajante é ele mesmo ambíguo. Considera-se um intelectual, um homem racional e refinado da sociedade vitoriana, de pendor técnico e científico, porém seu confronto com os Morlocks expõe um lado sombrio, um prazer perverso em aniquilar as criaturas que julga repugnantes. Ao mesmo tempo, como aponta Hammond, o seu apetite voraz por carne o aproxima daqueles a quem mata. A primeira coisa que faz quando retorna da viagem no tempo é comer carne, demonstrando sua insatisfação com a dieta frugívora dos Elói. E tem mais:

Depois, os poços de ventilação que conectam o mundo subterrâneo dos Morlocks com a superfície têm uma semelhança marcante com os dutos das cozinhas subterrâneas que Wells deve ter visto quando criança em Uppark. De fato, a história toda pode ser vista como uma alegoria estendida sobre o tema da exploração do homem pelo homem. O Viajante do Tempo se dá conta da verdade da situação quando reflete: “O homem se contentara em viver uma vida fácil e prazerosa à custa da labuta de seus companheiros, tomara a Necessidade como sua palavra de ordem e pretexto, e, no tempo certo, a Necessidade retornara a ele.” No entanto, ele próprio é culpado de viver com essa mesma facilidade e prazer.¹³

O modo como o Viajante trata seus empregados, comunicando-se com eles por meio de uma campainha, sem nem sequer vê-los ou tratá-los como seres humanos, é indicativo do seu pertencimento às mesmas classes superiores dominantes que no futuro iriam se degenerar nos Elói. Diz o narrador: “O Viajante do Tempo odiava ter os criados por perto durante o jantar.”

Por mais científico que ele se julgue, seu comportamento está próximo ao de um colonizador. Se a máquina do tempo original em “Argonautas” era comparada ao navio *Argo*, de Jasão, o Viajante do Tempo aqui é um naufrago como Robinson Crusoé. As reações de Crusoé ao se flagrar longe de sua civilização nativa, após um acidente em sua busca por expansão de poder econômico, são: procurar recriá-la sozinho (com o que resgata do navio ele chega a construir um pequeno forte com as próprias mãos), cristianizar um canibal nativo e travar uma guerra violenta contra os demais. Seu desejo é retornar ao mundo de que veio, e suas origens ocidentais e sua tecnologia são uma vantagem contra os

nativos. O Viajante do Tempo segue essa cartilha à risca. Ainda que haja algo de científico em seu processo de formular e testar hipóteses sobre o futuro, a reação que tem diante do espetáculo das transformações biológicas e geológicas é menos de maravilhamento, curiosidade e orgulhoso êxtase por enfim poder provar teorias científicas ainda não bem-aceitas em seu século de origem — reações mais típicas e esperadas em personagens de puro pendor científico —, e mais de terror e decepção, que se transformam em desumanização e perversidade. Se o protagonista de *O homem invisível* é representativo da ciência desprovida de ética, o de *A máquina do tempo* representa a ciência cruel de um mundo ainda pervertido pela lógica colonial.

Se Wells compõe seu protagonista de forma dúbia, os outros personagens, como costuma acontecer nas sátiras, também não se saem muito melhor. Tirando Filby, originalmente um poeta, os nomes dos demais personagens que integram o seletivo grupo de convidados do Viajante do Tempo, salvo breves menções, são eliminados na versão final do texto, sendo eles identificados apenas por suas funções, algumas vezes de maneira caricatural. Filby, em suas intervenções diretas, revela-se um homem de capacidades intelectuais limitadas, sendo tratado com condescendência pelo próprio narrador; o Prefeito da Província, em sua breve atuação, é igualmente ignorante; o Jovenzinho se empolga, com a animação típica da idade; o Editor-Chefe e o Jornalista, cinicamente, preocupam-se apenas com as vendas do jornal, oferecendo um valor alto pelo direito de publicar a história do protagonista, mesmo sem acreditarem nela. O Médico e o Psicólogo são os únicos interlocutores à altura do protagonista em matéria de intelecto, porém ambos duvidam dele, com menções constantes a ilusionistas e charlatões.

O espiritualismo foi uma obsessão do XIX. Na contramão, surgiram estudos de fenômenos parapsicológicos, realizados pela comunidade científica, e portanto por homens de índole mais cética, para provar a insubstancialidade desses fenômenos e revelar seus truques. Pois é com essa mentalidade que o Médico e o Psicólogo se engajam com o Viajante. Ainda que acompanhem a discussão teórica, ambos recusam suas aplicações práticas. O Psicólogo, ironicamente, quando o protótipo da máquina é enviado ao futuro, parece baquear, e chega a disfarçar sua surpresa fumando um charuto pela ponta errada. Já o Médico reage sempre com sarcasmo. Na versão do romance publicada por Holt, que termina com um resumo do destino de cada personagem, é interessante caber a eles os desfechos mais ingratos:

Filby trocou a poesia pela dramaturgia, e agora é um homem rico — na medida do possível para a gente da literatura — e extremamente impopular. O Médico morreu, o Jornalista está na Índia e o Psicólogo sucumbiu à paralisia. Alguns dos outros homens com quem eu costumava me encontrar desapareceram completamente da existência, como se tivessem também viajado para longe num anacronismo similar. E assim, terminando com o muro de um beco sem saída, a história de *A máquina do tempo* deve permanecer, pelo menos, durante o presente.

O narrador, que se encaixa sob o rótulo de narrador testemunha, haja vista que é um personagem da história, raramente interage com os demais e tem como principal função fornecer o enquadramento no qual se desenvolve o relato do protagonista. É talvez o único dos presentes poupado pelo espírito satírico de Wells.

Na versão final do epílogo da narrativa, que substitui o desfecho anticlimático da edição Holt, acima citado, seus comentários são a única coisa que impedem que o texto caia no completo niilismo (a não ser que sejam entendidos como uma nova camada de ironia). O anônimo Viajante do Tempo, que “via nos crescentes acúmulos da civilização apenas um amontoado insensato que no final deverá inevitavelmente desmoronar e destruir seus criadores”, é o retrato de um niilista, mas, para o narrador, que tem a palavra final do romance, o horror vivido e relatado é uma oportunidade para redescobrir o que é o humano. Acontece que, em sua estadia no futuro, o Viajante conquista o afeto da pequena Weena, uma Elói que ele resgata do rio, e simbolicamente a única coisa que consegue trazer consigo do futuro são as flores que ela coloca em seu bolso. Enquanto segura essas flores, já murchas, o narrador se consola no fato de que o afeto de Weena mostra como “a gratidão e a ternura mútua ainda viverão no coração do ser humano”. Mesmo o humano perdendo tudo de seu poder físico e intelectual, a essência da humanidade, para o narrador, não se encontra em nada disso. Nesse sentido, o narrador se mostra ironicamente uma figura mais avançada do que o Viajante do Tempo.

Wells abriu todo um mundo de novos problemas ao trabalhar com o tema da viagem no tempo. Se o futuro que o Viajante viu era a consequência inexorável dos equívocos do presente, fica o paradoxo: usar esse conhecimento evitaria o futuro sombrio ou, ao contrário, iria provocá-lo? Para o Viajante, que tem o poder de se deslocar pelo tempo, esse é um problema a ser considerado. Para todo o resto, a solução do narrador, pragmático, é “continuar vivendo como se assim não fosse”.

O filósofo Ludwig Wittgenstein, que foi contemporâneo de Wells, tem uma citação interessante sobre a forma como pensamos o futuro. Diz ele: “Quando pensamos no futuro do mundo, sempre queremos dizer o destino ao qual ele chegará se continuar na direção na qual segue agora; não nos ocorre que o caminho não é uma linha reta, mas uma curva, mudando constantemente de direção.” Por isso, falar do futuro é, na verdade, falar do presente. Wells estava pensando a sua era quando escreveu *A máquina do tempo* e, ainda que muitos desses problemas já não sejam questões para a nossa — já acostumada ao conceito da evolução e na qual as questões de classe tomaram rumos mais complexos —, seu poder imaginativo confere grande força ao legado literário que nos deixou.

ADRIANO SCANDOLARA*

1. É ilustrativo, por exemplo, que dos dez filmes de maior bilheteria de 2018, mais da metade tenha elementos de ficção científica.

2. As fontes das informações biográficas nesta parte do texto são: John R. Hammond, *An H.G. Wells Companion: A Guide to the Novels, Romances and Short Stories* (Londres, The MacMillan Press, 1979), e H.G. Wells, *Experiment in Autobiography: Discoveries and Conclusions of a Very Ordinary Brain (since 1866)* (Nova York, J.B. Lippincott, 1967).

3. Em *A máquina do tempo*, é em South Kensington que o protagonista encontra o chamado Palácio de Porcelana Verde.

4. “A Holt Academy parecia, no papel, ser o mais desejável de todos os lugares que me foram oferecidos ... Mas quando cheguei a Holt encontrei apenas os restos decadentes de uma instituição outrora próspera, instalada numa rua pavorosa de casas em meio a uma paisagem plana medonha. Holt era uma cidade pequena reduzida às dimensões de uma vila, e sua característica de maior destaque era um gasômetro.”

5. John R. Hammond, *An H.G. Wells Companion*, op.cit., p.13.

6. Não confundir com Cronos, o deus grego identificado pelos romanos com Saturno, pai de Zeus/Júpiter.

7. Como o próprio Wells comenta na autobiografia, sua principal influência era a obra de Nathaniel Hawthorne (1804-64), autor de *A letra escarlate* e *A casa das sete torres*.

8. Mais recentemente esse mesmo artifício narrativo foi muito utilizado também no cinema em filmes de comédia como *O dorminhoco* (1973), *Austin Powers* (1997) e *Idiocracia* (2006).

9. Kathryn Wescott. “HG Wells or Enrique Gaspar: Whose time machine was first?”. BBC News, abr 2011. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-12900390>>, acesso em 20 jun 2018.

10. John R. Hammond. *H.G. Wells's “The Time Machine”: A Reference Guide*. Londres: Praeger Publishers, 2004.

11. Philip Coupland. “H.G. Wells’s ‘Liberal Fascism’”, in H. Bloom (org.). *H.G. Wells: Bloom’s Modern Critical Views*. Nova York: Chelsea House, 2005, p.171-92.

12. Kathryn Hume. “Eat or Be Eaten: H.G. Wells’s ‘Time Machine’”, in H. Bloom (org.). *H.G. Wells: Bloom’s Modern Critical Views*, op.cit., p.35-51.

13. John R. Hammond, *An H.G. Wells Companion*, op.cit., p.81.

* Adriano Scandolara é pesquisador, poeta e tradutor. Organizou e traduziu *Prometeu desacomorrendado e outros poemas* (Autêntica, 2014), volume de traduções da poesia de P.B. Shelley, além de ter traduzido também nomes como John Milton, Hari Kunzru e Marjorie Perloff. Como poeta, escreveu *Lira de lixo* e *PARSONA*.

A MÁQUINA DO TEMPO

¹. William Ernest Henley (1849-1903) foi um famoso poeta e editor escocês, fundador do periódico *Scots Observer*, em 1889, que se torna *The National Observer* depois que Henley se muda para Londres. Foi nesse periódico que *A máquina do tempo* foi originalmente publicado, em sete partes. Henley perde os direitos sobre a obra em 1894, mas em 1895 publica a versão completa e revisada num novo periódico, a *New Review*, também fundado por ele. A versão contava com uma cena adicional no capítulo 14 (“A visão distante”), removida quando a obra foi lançada em livro e incluída aqui como Anexo.

INTRODUÇÃO

O VIAJANTE DO TEMPO² (pois assim convirá chamá-lo) nos explicava um assunto difícil. Seus olhos acinzentados reluziam e brilhavam, e seu rosto, geralmente pálido, se via corado e cheio de vida. O fogo na lareira ardia forte e o esplendor suave das lâmpadas incandescentes no lustre de prata refletia-se nas bolhas que luziam e dançavam em nossas taças. Nossas poltronas, sendo patentes dele próprio, mais nos recebiam como num abraço carinhoso do que se submetiam a serem sentadas, e havia aquela atmosfera agradável de uma conversa de depois do jantar, quando o pensamento vaga graciosamente livre dos fardos da precisão. Foi assim que ele fez suas colocações — enfatizando os argumentos com o indicador magro em riste —, enquanto o acompanhávamos sentados, com certa lassidão, admirando sua fecundidade e sua franqueza no tocante a esse novo paradoxo (como nos parecia):

— Prestem bem atenção. Vou contradizer uma ou duas ideias que são quase verdades universais. Por exemplo, a geometria que lhes ensinaram na escola se baseia num equívoco.

— Será que esse não é um ponto meio bombástico demais para servir assim de introdução? — perguntou Filby,³ um ruivo que gostava de discutir.

— De modo algum vou lhes pedir que aceitem qualquer coisa sem que haja uma fundamentação satisfatória. Logo os senhores vão entender aonde quero chegar. Os senhores sabem, é claro, que uma linha matemática, uma linha de

espessura *zero*, na verdade não existe. Não lhes ensinaram isso? E tampouco um plano matemático. Tais coisas são meras abstrações.

— Correto — concordou o Psicólogo.

— Da mesma forma, um cubo que possua apenas comprimento, largura e espessura não pode existir.

— Quanto a isso tenho objeções — disse Filby. — É claro que um corpo sólido pode existir. Todas as coisas reais...

— É o que a maioria das pessoas pensa. Mas espere um momento. Pode existir um cubo *instantâneo*?

— Não entendi — disse Filby.

— Será possível que um cubo incapaz de ter qualquer duração no tempo tenha uma existência real?

Filby ficou pensativo.

— É claro — continuou o Viajante do Tempo — que todo corpo real precisa ter uma extensão em *quatro* direções: precisa ter comprimento, largura, espessura e... duração. Mas, graças a uma debilidade natural da carne, que explicarei aos senhores em breve, somos inclinados a ignorar esse fato. Há na verdade quatro dimensões, três que chamamos de os três planos do espaço e uma quarta, o tempo. Há, porém, uma tendência a traçarmos uma distinção irreal entre as três primeiras dimensões e a última, porque acontece que, nesta última, a nossa consciência se desloca de forma intermitente numa única direção do começo ao fim de nossas vidas.

— Isso — disse um jovenzinho, que se empenhava, de forma espasmódica, em reacender o charuto por cima do lampião. — Isso... bem claro, de fato.

— Agora, é muito digno de nota que isso seja tão extensivamente ignorado — continuou o Viajante do Tempo, com um leve acesso de empolgação. — Com efeito, é isso que significa a Quarta Dimensão, ainda que alguns que falem numa Quarta Dimensão não saibam o que estão dizendo. *Não há nenhuma diferença entre o tempo e qualquer uma das três dimensões do espaço, exceto que a nossa consciência se desloca com ele.* Mas alguns tolos entenderam erroneamente

essa ideia. Os senhores todos já ouviram o que dizem sobre a Quarta Dimensão?⁴

— *Eu* não, nunca — respondeu o Prefeito da Província.

— É simplesmente o seguinte. O espaço, como o compreendem nossos matemáticos, é tratado como tendo três dimensões, que podem ser chamadas de comprimento, largura e espessura, e é sempre definível em referência a três planos, cada um num ângulo reto em relação aos outros. Mas algumas pessoas de disposição mais filosófica começaram a se perguntar o porquê de termos *três* dimensões em particular; por que não uma outra direção num ângulo reto em relação às demais?; e tentaram até construir uma geometria tetradimensional. O professor Simon Newcomb⁵ falou sobre isso na Sociedade Matemática de Nova York há um mês, mais ou menos. O senhor sabe como podemos, numa superfície plana, que tem apenas duas dimensões, representar a figura de um sólido tridimensional e, de forma semelhante, eles acreditam que poderiam, por meio de modelos tridimensionais, representar um sólido de quatro dimensões, se conseguissem dominar a perspectiva da coisa. Entendem?

— Creio que sim — murmurou o Prefeito da Província; e então, com um subir e descer das sobrancelhas, entrou num estado introspectivo, seus lábios se mexendo como quem repete palavras místicas. — Sim, acho que entendi agora — falou depois de um tempo, alegrando-se de forma bastante transitória.

— Bem, fico feliz de poder lhes dizer que venho trabalhando com essa geometria das quatro dimensões faz algum tempo já. Alguns dos meus resultados são curiosos. Por exemplo, aqui está um retrato de um homem aos oito anos de idade, outro aos quinze, outro aos dezessete, outro aos vinte e três, e assim por diante. Todos são evidentemente seções, por assim dizer, representações tridimensionais do seu ser tetradimensional, que é uma coisa fixa e inalterável.

O Viajante do Tempo prosseguiu, após a pausa necessária para a assimilação adequada:

— Pessoas de pendor científico entendem muito bem que o tempo é apenas um tipo de espaço.⁶ Aqui temos um diagrama científico bem conhecido, um registro meteorológico. Esta linha que sigo com o dedo mostra o movimento do barômetro. Ontem ele estava alto assim, à noite caiu, depois subiu de novo esta manhã e veio subindo devagar até aqui. É certo que o mercúrio não traçou esta linha em nenhuma das dimensões do espaço geralmente reconhecidas, correto? Mas está claro que ele traçou uma linha, e essa linha, portanto, devemos concluir, seguia a dimensão tempo.

— Mas — disse o Médico, encarando concentrado um carvão na lareira — se o tempo é de fato apenas uma quarta dimensão do espaço, então por que é e sempre foi visto como algo diferente? E por que não podemos nos deslocar pelo tempo do mesmo modo como nos deslocamos nas outras dimensões do espaço?

O Viajante do Tempo sorriu.

— O senhor tem certeza de que somos livres para nos deslocarmos no espaço? Podemos ir para a direita e para a esquerda e somos livres para irmos para a frente e para trás, e foi assim que os homens sempre fizeram. Admito que somos capazes de nos deslocarmos livremente em duas dimensões. Mas e para cima e para baixo? A gravitação nos impõe um limite aí.

— Não exatamente — respondeu o Médico. — Existem balões.

— Mas, antes dos balões, salvo por casos de saltos espasmódicos e de desigualdades de superfície, o homem não tinha nenhuma liberdade de movimento vertical.

— Ainda assim podiam se deslocar um pouquinho para cima e para baixo — disse o Médico.

— Muito mais fácil para baixo do que para cima.

— E não é possível se deslocar de forma alguma no tempo, não é possível fugir do momento presente.

— Meu caro senhor, é aí que se engana. É aí que o mundo inteiro se enganou. Nós nos afastamos constantemente do

momento presente. Nossas existências mentais, que são imateriais e não têm dimensões, viajam na dimensão tempo com uma velocidade uniforme desde o berço até a cova. Assim como viajaríamos *para baixo* se começássemos nossa existência a oitenta quilômetros acima da superfície da Terra.

— Só que a grande dificuldade é esta — interrompeu o Psicólogo. — *É possível* se deslocar em todas as direções do espaço, mas não no tempo.

— Esse é o germe da minha grande descoberta. O senhor, entretanto, se engana ao dizer que não podemos nos deslocar no tempo. Por exemplo, se trago à memória vividamente um determinado incidente, volto ao instante de sua ocorrência: fico absorto, como dizem. Volto por um momento. É claro que não temos os meios de permanecer lá por qualquer duração de tempo, não mais do que um selvagem ou um animal tem os meios para permanecer a dois metros acima do chão. Mas um homem civilizado está melhor do que o selvagem nesse respeito. Ele pode contrariar a gravitação usando um balão, e por que não poderia nutrir a esperança de ter, afinal, as capacidades de parar ou acelerar seu deslocamento na dimensão tempo, ou até mesmo dar meia-volta e seguir na via oposta?

— Ah, *isso* — começou Filby. — É tudo uma...

— Por que não? — objetou o Viajante do Tempo.

— Vai contra a razão — disse Filby.

— Qual razão? — insistiu o Viajante do Tempo.

— O senhor pode demonstrar por argumento que o branco é preto — disse Filby —, mas jamais vai me convencer.

— Talvez não — disse o Viajante do Tempo. — Mas agora o senhor começa a ver o objeto de minhas investigações quanto à geometria das quatro dimensões. Há muito tempo tive uma vaga ideia sobre uma máquina...

— Para viajar no tempo! — exclamou o Jovenzinho.

— Que viajasse, sem distinção, em qualquer direção do espaço e do tempo, conforme o seu operador determinasse.

Filby limitou-se a rir.

— Mas tenho provas experimentais — disse o Viajante do Tempo.

— Seria muito conveniente para um historiador — sugeriu o Psicólogo. — Daria para voltar e verificar os relatos, tais como são aceitos hoje, da Batalha de Hastings,⁷ por exemplo!

— O senhor não acha que isso chamaria atenção? — perguntou o Médico. — Nossos ancestrais não tinham lá grande tolerância para anacronismos.

— Seria possível aprender grego direto dos lábios de Homero e Platão⁸ — conjecturou o Jovenzinho.

— Nesse caso, certamente iriam reprová-lo em Cambridge. Os eruditos alemães melhoraram tanto o grego.⁹

— Tem o futuro ainda — disse o Jovenzinho. — Imaginem só! Seria possível investir todo o seu dinheiro, guardá-lo para acumular juros e se adiantar até o futuro!

— Descobrir uma sociedade construída sobre bases estritamente comunistas — disse eu.

— Todas as teorias mais selvagens e extravagantes! — começou o Psicólogo.

— Foi o que eu achei também, tanto que só falei quando...

— Provas experimentais! — exclamei. — Você vai provar *isso*?

— O experimento! — exclamou Filby, que estava ficando cansado de pensar.

— Vejamos o seu experimento então — disse o Psicólogo. — Apesar de que, os senhores sabem, é tudo bobagem.

O Viajante do Tempo sorriu para nós. Então, ainda sorrindo de leve, com as mãos enterradas nos bolsos das calças, saiu devagar da sala, e depois ouvimos o som de seus sapatos se arrastando no longo corredor até o laboratório.

O Psicólogo olhou para nós:

— O que será que ele vai fazer?

— Algum truque de ilusionismo — disse o Médico, e Filby tentou nos contar sobre um mágico que vira em Burslem, mas, antes que tivesse terminado o preâmbulo, o Viajante do Tempo já retornava, interrompendo a história.

2. No conto “Os Argonautas Crônicos” (1888), que deu origem a *A máquina do tempo*, o protagonista se chamava Moses Nebogipfel, a quem o narrador passa a se referir depois pelo título de “O Inventor Filosófico” na versão reelaborada e publicada no *National Observer* (ver a Apresentação ao presente volume). A versão revisada impressa na *New Review* passou a chamá-lo de “O Viajante do Tempo” e trazia uma discussão mais longa na abertura, apresentando o protagonista com mais detalhes e abordando a filosofia de Kant sobre o tempo.

3. Filby é o único do grupo chamado sempre pelo nome e não pela profissão. Na edição da *New Review* ele é um poeta, porém rejeitado pelo público.

4. O termo já tinha alguma presença em escritos científicos à época de Wells — em Lagrange, que o menciona num texto de 1788, Möbius (1827), Riemann (1854) e até Charles Howard Hinton, o responsável por cunhar o termo “tesseracto” para designar cubos tetradimensionais, que publica um ensaio chamado “O que é a quarta dimensão?” (1880).

5. Simon Newcomb (1835-1909) foi um professor canadense, polímata e membro de uma série de sociedades científicas. Mesmo tendo tido uma educação quase que inteiramente autodidata, foi responsável por contribuições importantes nas áreas de economia, matemática, estatística e astronomia, sobretudo no tocante ao cálculo de órbitas planetárias, o que teve consequências para o estudo da medição do tempo. Também foi autor de *Elementos de geometria* (1881), um resumo das obras de Euclides, Legendre e Chauvenet, cuja relevância para o tema discutido neste trecho do romance é evidente. Newcomb curiosamente também escreveu ficção científica, a saber, o romance *His Wisdom, The Defender*, publicado cinco anos após *A máquina do tempo*.

6. A conclusão a que chega o personagem — de que o tempo é só uma forma de espaço — talvez não seja muito surpreendente para o leitor de hoje, já familiarizado com as ideias da relatividade de Einstein, que trabalham com o tempo e o espaço como um contínuo. O romance de Wells, porém, foi publicado uma década antes de Einstein propor sua teoria da relatividade restrita no artigo “A eletrodinâmica dos corpos em movimento” (1905).

7. Batalha travada em 14 de outubro de 1066 entre o exército franco-normando de Guilherme, duque da Normandia, e o exército do rei anglo-saxão Haroldo II da Inglaterra, a onze quilômetros de Hastings, próximo de onde hoje é a cidade de Battles, em East Sussex, Inglaterra. Uma vitória decisiva para os normandos, povo descendente dos vikings, ela representou o início da conquista normanda do país, com profundas consequências para sua formação social, cultural e linguística.

8. Homero foi um poeta da tradição oral grega a quem são atribuídos os épicos *Iliada* e *Odisseia*, enquanto Platão foi um filósofo do período clássico, discípulo de Sócrates e professor de Aristóteles, autor de diálogos como *A República*, *O Banquete* etc.

9. O texto em inglês aqui menciona o “Little Go”, apelido das “Responsions” e “Previous Examinations”, que até 1960 eram provas necessárias para se obter um diploma acadêmico nas Universidades de Cambridge e Oxford. Nele, cobravam-se questões de matemática, grego e latim. Ainda que o latim tenha sido, na Europa,

desde a Antiguidade Tardia, a língua franca do mundo científico, o grego (tanto o grego arcaico de Homero quanto o grego ateniense clássico de Platão) era uma língua que, mesmo entre eruditos, poucos sabiam ler até o séc.XVIII. O comentário do Médico alude à filologia, ciência que floresceu no final do séc.XVIII e começo do XIX, levou ao desenvolvimento da linguística e recebeu contribuições importantes de eruditos alemães como Wilhelm von Humboldt, Friedrich Schlegel, Max Müller etc. Segundo o Médico, não sem alguma ironia da parte do autor, o grego ensinado pelos alemães era melhor até que o que era falado na própria Grécia.

A MÁQUINA

O OBJETO QUE O Viajante do Tempo trazia nas mãos era uma estrutura metálica brilhosa, pouco maior que um pequeno relógio de parede e construída com muita delicadeza. Havia marfim em sua composição e algum tipo de substância transparente cristalina. E é então que preciso ser explícito, pois o que vem agora — a não ser que se aceite a explicação do Viajante do Tempo — é uma coisa absolutamente incrível. Ele pegou uma das pequenas mesas octogonais que estavam espalhadas pela sala e a colocou na frente do fogo, com dois pés no tapete da lareira. Sobre essa mesa posicionou o mecanismo. Então pegou uma poltrona e sentou-se. O único outro objeto na mesa era um pequeno lampião com uma cúpula, sua luz radiante caindo sobre o protótipo. Havia também, talvez, uma dúzia de velas, dispostas duas em candelabros de latão sobre a lareira e várias em arandelas, de modo que a sala estava bem iluminada. Eu estava sentado numa poltrona baixa, a mais próxima do fogo, e a arrastei mais para a frente de modo a ficar quase entre o Viajante do Tempo e a lareira. Filby sentou-se atrás dele e passou a acompanhá-lo por cima do ombro. O Médico e o Prefeito da Província o observavam de perfil pelo lado direito e o Psicólogo, pelo esquerdo. O Jovenzinho estava atrás do Psicólogo, em pé. Estávamos todos alertas. Parece-me inacreditável que qualquer tipo de truque, por mais que concebido com sutileza e executado com perfeição, pudesse ser armado contra nós nessas condições.

O Viajante do Tempo olhou para nós e então para o mecanismo.

— Pois bem? — disse o Psicólogo.

— Esta pequena peça — disse o Viajante do Tempo, descansando os cotovelos sobre a mesa e unindo as mãos acima do aparato — é só um protótipo. É um projeto de uma máquina para viajar no tempo. Os senhores hão de notar que ela parece singularmente assimétrica e que esta barra tem um brilho estranho, como se fosse, de algum modo, irreal — ele apontou para a parte em questão com o dedo. — Aqui também tem uma alavanquinha branca, e aqui tem outra.

O Médico se levantou de sua poltrona e examinou a coisa:

— É muito bem-feita — disse.

— Demorei dois anos para fazer — replicou o Viajante do Tempo. Então, quando já tínhamos todos repetido o gesto do Médico, ele disse: — Agora, quero que os senhores compreendam que esta alavanca, ao ser acionada, manda a máquina voando para o futuro, e a outra reverte o movimento. A sela representa o assento de um viajante do tempo. Agora vou pressionar a alavanca, e lá se irá a máquina. Ela vai sumir, passar para um tempo futuro e desaparecer. Olhem bem para a coisa. Observem a mesa também, e confirmem que não há nenhum engodo. Não quero desperdiçar este protótipo e depois ser chamado de charlatão.

Houve talvez um minuto de pausa. O Psicólogo parecia prestes a falar comigo, mas mudou de ideia. Então o Viajante do Tempo colocou o dedo sobre a alavanca.

— Não — ele disse, de repente. — Emprésteme sua mão.

E, voltando-se para o Psicólogo, tomou a mão do sujeito e lhe disse para esticar o indicador. Foi assim então que o Psicólogo mandou o protótipo da Máquina do Tempo em sua viagem interminável. Todos nós observamos a alavanca descer. Estou absolutamente certo de que não foi truque. Houve uma lufada de vento, e a chama do lampião saltou. Uma das velas na lareira se apagou, e a maquininha de repente girou, tornou-se indistinta, pareceu, talvez por um segundo, um fantasma,

como uma ôndula de marfim e latão que reluz vagamente; e desapareceu — sumiu! Salvo pelo lampião, a mesa estava agora vazia.

Todos ficaram em silêncio por um minuto. Então Filby reagiu praguejando.

O Psicólogo se recuperou do seu torpor e de repente olhou por debaixo da mesa, no que o Viajante do Tempo deu uma risada animada.

— Pois bem? — ele disse, retomando a indagação do Psicólogo. Depois, ao se levantar, voltou ao pote de tabaco sobre a lareira e começou a encher o cachimbo, virado de costas para nós.

Nós nos encarávamos.

— Diga-me uma coisa — falou o Médico —, o senhor está sendo franco quanto a isso? Acredita a sério que aquela máquina viajou no tempo?

— Sem dúvida — respondeu o Viajante do Tempo, se abaixando para levar um rolinho de papel ao fogo. Então, acendendo o cachimbo, ele se virou para olhar a expressão do Psicólogo (que, para mostrar que não estava perturbado, também se serviu de um charuto e tentou acendê-lo sem cortar antes). — E digo mais: tenho uma máquina grande já quase pronta aqui — ele apontou para o laboratório. — E quando ela for concluída, pretendo realizar pessoalmente uma jornada.

— O senhor quer dizer que aquela máquina viajou para o futuro? — disse Filby.

— Ou para o futuro ou para o passado... não sei qual dos dois ao certo.

Após um intervalo, o Psicólogo teve um momento de inspiração:

— Se ela foi a algum lugar, deve ter sido para o passado — disse.

— Por quê? — perguntou o Viajante do Tempo.

— Porque presumo que ela não se deslocou no espaço, e se tivesse viajado para o futuro ainda estaria aqui o tempo todo,

já que estaria viajando pelo tempo atual.

— Mas — eu disse — se ela tivesse viajado para o passado estaria visível quando viemos antes nesta sala; e na última quinta-feira, quando estivemos aqui; e na quinta-feira anterior; e assim por diante!

— Bons pontos — comentou o Prefeito da Província com um ar de imparcialidade, voltando-se para o Viajante do Tempo.

— Não mesmo — disse o Viajante do Tempo, voltando-se para o Psicólogo na sequência. — É o que o senhor acha. O *senhor* poderia explicar. Trata-se de uma presença abaixo do limiar da percepção,¹⁰ vocês sabem, uma presença diluída.

— É claro — disse o Psicólogo, reconfortando-nos. — É uma questão simples de psicologia. Eu deveria ter pensado nisso. É óbvio o bastante e colabora lindamente com o paradoxo. Nós não podemos ver nem apreciar a máquina mais do que poderíamos ver os eixos de uma roda girando ou uma bala voando no ar. Se ela está viajando no tempo cinquenta ou cem vezes mais rápido do que nós, se passa por um minuto enquanto só passamos por um segundo, logo a impressão que cria será, é claro, um quinquagésimo ou um centésimo do que seria se não estivesse viajando no tempo. Isso é bastante óbvio — ele passou a mão no local onde a máquina estivera. — Veem? — disse, rindo.

Ficamos todos sentados, encarando a mesa vazia por cerca de um minuto. Então o Viajante do Tempo nos perguntou o que achávamos daquilo tudo.

— Parece-me plausível o suficiente esta noite — disse o Médico. — Mas vamos esperar até amanhã. Esperar pelo bom senso da luz do dia.

— Os senhores gostariam de ver a Máquina do Tempo em si? — perguntou o Viajante do Tempo.

E, nisso, apanhando o lampião, nos conduziu até o laboratório pelo longo corredor, no qual soprava um vento encanado. Tenho lembranças vívidas da luz trêmula, a silhueta de sua cabeça larga e estranha, a dança das sombras, o modo como todos o seguíamos, perplexos, mas incrédulos, e como lá no

laboratório contemplamos uma versão maior do pequeno mecanismo que desaparecera diante dos nossos olhos. Havia peças de níquel, peças de marfim, peças que certamente haviam sido lixadas ou entalhadas em cristal. A coisa parecia quase pronta, mas, sobre o banco, ao lado de algumas plantas do projeto, as barras cristalinas retorcidas continuavam inacabadas; peguei uma delas para examinar melhor. Parecia quartzo.

— Olhe aqui — pediu o Médico —, está falando sério, de verdade? Ou é um truque... tal como aquele fantasma que o senhor nos mostrou no Natal do ano passado?¹¹

— É sentado em cima desta máquina — disse o Viajante do Tempo, segurando o lampião no alto — que pretendo explorar o tempo. Está claro? Nunca na minha vida falei mais a sério do que agora.

Nenhum de nós sabia ao certo como interpretar aquilo.

Flagrei o olhar de Filby espiando por trás do ombro do Médico, e ele piscou para mim com solenidade.

¹⁰. Jargão técnico da psicologia experimental do período em que o livro foi escrito. O termo remete à obra de James Sully, autor de *Illusions: a Psychological Study* (1881).

¹¹. Muitíssimo influenciada pelas doutrinas do místico Emanuel Swedenborg, pelos experimentos com hipnose de Franz Mesmer e pela fama das irmãs Fox, que supostamente teriam sido capazes de se comunicar com espíritos dos mortos, a Europa do séc.XIX foi obcecada pelo espiritualismo, de modo que sessões de “mesa branca” (*séances*) eram uma atividade social comum. Ainda que nem todos acreditassem na possibilidade de comunicação com os espíritos dos mortos, havia um interesse generalizado tanto pelo paranormal quanto pelo ilusionismo (arte que assumiu a forma como a conhecemos também durante o séc.XIX), que se mesclavam nesses eventos. A combinação desses interesses com o espírito científico da época levou à criação de ordens como a Sociedade de Pesquisa Psíquica (Society for Psychical Research, ou SPR), que buscava a compreensão de fenômenos paranormais e que contou com diversos membros ilustres, como o poeta lorde Tennyson, o escritor Arthur Conan Doyle e o psicólogo William James, bem como o próprio Simon Newcomb (ver nota 5). Wells, porém, tinha uma postura cética em relação a tais fenômenos, bem como a toda a “ciência” por trás desses estudos, como deixou claro em seu artigo “Peculiarities of Psychical Research”, publicado numa edição da revista *Nature* em 1894.

O VIAJANTE DO TEMPO RETORNA

ACHO QUE À ÉPOCA nenhum de nós pôs muita fé na Máquina do Tempo. O fato é que o Viajante do Tempo era um daqueles homens espertos demais para se confiar: você sempre tinha a sensação de que ele estava escondendo algo; ficava sempre a suspeita de alguma reserva mais sutil, alguma engenhosidade à espreita, por trás da franqueza e da lucidez. Se Filby tivesse nos mostrado o protótipo e explicado a questão nas mesmas palavras do Viajante do Tempo, teria sido recebido com muito menos ceticismo. Pois teríamos percebido suas motivações; até um salsicheiro era capaz de entender Filby. Mas o Viajante do Tempo tinha mais do que um toque de capricho entre suas características mais marcantes, e desconfiávamos dele. Coisas que teriam proporcionado fama a um homem menos inteligente pareciam truques em suas mãos. É um erro fazer as coisas assim com tanta facilidade. As pessoas sérias que o levavam a sério nunca sentiam confiança na sua conduta; elas tinham consciência, de algum modo, de que confiar-lhe a reputação do próprio juízo era como decorar um quarto de criança com porcelana fina. Por isso, acho que nenhum de nós falou muito sobre a viagem no tempo no intervalo entre aquela quinta-feira e a seguinte, ainda que estranhas potencialidades tenham, sem dúvida, passado pela cabeça de todos nós: sua plausibilidade, isto é, sua incredibilidade prática, as possibilidades curiosas de anacronismo e a completa confusão que a ideia sugeria. De minha parte, fiquei particularmente obcecado com o truque do protótipo. Isso lembro de ter discutido com o Médico, com quem me encontrei na sexta-feira, na Linnean.¹² Ele disse que havia visto algo semelhante

em Tübingen¹³ e foi consideravelmente enfático quanto ao momento do apagar da vela. Mas como se deu o truque, não era capaz de explicar.

Na quinta-feira seguinte, viajei de novo a Richmond — imagino que era então um dos hóspedes mais assíduos do Viajante do Tempo — e, chegando tarde, encontrei quatro ou cinco homens já reunidos na sala de estar. O Médico estava de pé diante da lareira com uma folha de papel numa das mãos e o relógio na outra. Dei uma olhada ao redor, procurando o Viajante do Tempo, e:

— São sete e meia — disse o Médico. — Talvez fosse melhor jantarmos?

— Onde está o —? — perguntei, chamando nosso anfitrião pelo nome.

— O senhor acabou de chegar? Está tudo muito estranho. Ele não poderá se juntar a nós. Pediu-me, neste bilhete, para dar início ao jantar caso ele não estivesse de volta ainda. Disse que explicaria quando chegasse.

— Seria uma pena deixar o jantar estragar — comentou o Editor-Chefe de um jornal diário bem conhecido; e nisso o Doutor tocou a campainha.

Além de mim e do Doutor, o Psicólogo era o único que também havia participado do jantar anterior. Os outros homens eram Blank, o supracitado Editor-Chefe, um certo jornalista e um senhor — um homem calado, tímido e barbudo — que eu não conhecia e que, até onde pude observar, não abriu a boca durante a noite inteira. Houve alguma especulação à mesa sobre a ausência do Viajante do Tempo, e sugeri, num espírito meio jocoso, que ele devia estar viajando no tempo. O Editor-Chefe queria que lhe explicassem isso, e o Psicólogo ofereceu um relato muito sem graça do “truque e paradoxo engenhosos” que havíamos testemunhado. Ele estava no meio da explicação quando a porta do corredor se abriu devagar e sem barulho. Eu estava de frente para a porta e o vi primeiro:

— Olá — eu disse. — Até que enfim!

A porta se abriu mais, e o Viajante do Tempo apareceu à nossa frente. Dei um grito de surpresa.

— Minha nossa! O que foi que aconteceu, homem? — exclamou o Médico, que foi o próximo a conseguir vê-lo. E todos à mesa se viraram para a porta.

Seu estado era deplorável. O casaco estava sujo e empoeirado, manchado de verde até as mangas; o cabelo bagunçado, e me parecia mais grisalho — talvez por causa do pó e da sujeira, ou porque havia de fato desbotado. O rosto era de uma palidez macilenta; havia um corte de cor marrom em seu queixo — um corte já meio cicatrizado; sua expressão era selvagem e distante, como se passasse por um intenso sofrimento. Por um momento ele hesitou no umbral, como se a luz o tivesse ofuscado. Então entrou na sala. O modo como coxeava era semelhante ao que eu já observara em andarilhos com bolhas nos pés. Nós o encaramos em silêncio, esperando que falasse.

Ele não disse palavra, mas veio dolorosamente até a mesa e fez um gesto na direção do vinho. O Editor-Chefe encheu uma taça de champanhe e a fez deslizar até ele. Ele virou a taça, e o vinho pareceu lhe fazer bem, pois deu uma olhada ao redor da mesa, e o fantasma de seu velho sorriso bruxuleou em seu rosto.

— Que diabos você andou aprontando, homem? — perguntou o Doutor. O Viajante do Tempo não pareceu escutá-lo.

— Não se perturbem com isso — ele disse, com dificuldade para articular as palavras. — Estou bem — nisso ele parou, estendeu a taça para que lhe servissem mais vinho e tomou tudo de um gole. — Uma delícia — disse.

Seus olhos voltaram a brilhar, e uma cor fraca surgiu em suas faces. Relanceou o olhar sobre nós com uma certa aprovação muda e depois se voltou para a sala quente e confortável. Então começou a falar de novo, como se ainda estivesse tateando à procura das palavras:

— Vou me banhar e me vestir, depois desço e explico as coisas... Guardem um pouco do cordeiro. Estou louco por um pouco de carne.

Ele olhou para o Editor-Chefe do outro lado da mesa, que raramente o visitava, e o cumprimentou. O Editor-Chefe começou a fazer uma pergunta.

— Logo mais respondo — interrompeu o Viajante do Tempo.

— Estou... estranho! Já volto, um minutinho.

Ele pousou a taça na mesa e caminhou até a porta da escadaria. Novamente reparei na sua perna coxa e no som abafado dos seus passos, e, ao me levantar, pude ver seus pés. Estavam descalços, exceto por um par de meias rasgadas e sujas de sangue. Então a porta se fechou atrás dele. Tive vontade de segui-lo, mas me lembrei de que ele detestava que se preocupassem com ele. Por um minuto, talvez, minha mente divagou, quando então:

— “Cientista de destaque causa espanto com seu comportamento” — ouvi o Editor-Chefe dizer, pensando (como era o seu costume) nas suas manchetes. E isso trouxe minha atenção de volta à mesa de jantar iluminada.

— Qual é a jogada? — perguntou o Jornalista. — Ele está bancando o mendigo? Não estou entendendo.

O meu olhar encontrou o do Psicólogo, e pude ler a minha própria interpretação em seu rosto. Pensei no Viajante do Tempo mancando dolorosamente no andar de cima. Acho que ninguém mais havia reparado que ele estava coxo.

O primeiro a se recuperar por completo da surpresa foi o Médico, que tocou a sineta — o Viajante do Tempo odiava ter os criados por perto durante o jantar — e pediu mais um prato quente. Nisso, o Editor-Chefe voltou ao garfo e à faca com um resmungo, e o Homem Calado o acompanhou. Continuamos a jantar. A conversa resumiu-se a exclamações por um tempo, com intervalos de deslumbramento; e então o Editor-Chefe não conseguiu mais conter a curiosidade:

— Será que o nosso amigo incrementa a modesta renda limpando ruas? Ou será que tem as suas fases de Nabucodonosor?¹⁴ — indagou.

— Estou convencido de que é esse negócio da Máquina do Tempo — eu disse e retomei o relato do Psicólogo a respeito

da nossa reunião anterior. Os novos convidados estavam francamente incrédulos. O Editor-Chefe tinha lá as suas objeções:

— O que *foi* isso de viagem no tempo? Não dá para um homem sair coberto de poeira só de rolar num paradoxo, não é? — e então, conforme a ideia lhe veio, ele passou a recorrer à caricatura. Será que eles não tinham escovinhas de roupa no Futuro?

O Jornalista também não acreditava de modo algum e se uniu ao Editor-Chefe na tarefa fácil de ridicularizar a coisa toda. Ambos eram daquele novo tipo de jornalista, jovens muito alegres e irreverentes.

— De acordo com o nosso correspondente especial das reportagens do dia depois de amanhã... — dizia, ou melhor, berrava o Jornalista, quando o Viajante do Tempo voltou. Ele vestia seu traje formal de noite como sempre, e, salvo o olhar selvagem, nada restara daquela mudança que havia me perturbado.

— Segundo esses colegas aqui — disse o Editor-Chefe, em tom de piada —, o senhor estava numa viagem para o meio da semana que vem! E que tal o Little Rosebery,¹⁵ hein? Quanto quer pela história?

O Viajante do Tempo chegou até o assento que lhe era reservado sem dizer palavra. Deu um sorriso em silêncio, daquele seu jeito de sempre.

— Onde está o meu cordeiro? — perguntou. — Que alegria é enfiar um garfo num pedaço de carne outra vez!

— A história! — exclamou o Editor-Chefe.

— Para o inferno com a história! — retrucou o Viajante do Tempo. — Quero algo para comer. Não vou dizer uma palavra que seja até ter algumas peptonas¹⁶ nas artérias. Obrigado. Passe o sal, por favor.

— Só uma palavrinha — pedi. — O senhor andou viajando no tempo?

— Sim — respondeu o Viajante do Tempo, com a boca cheia, concordando com a cabeça.

— Eu pagaria um xelim¹⁷ por linha por um relato em primeira mão — disse o Editor-Chefe.

O Viajante do Tempo empurrou sua taça na direção do Homem Calado e bateu nela com a unha; nisso, o Homem Calado, que o encarava, levantou-se num sobressalto e serviu-lhe mais vinho. O restante do jantar foi desconfortável. De minha parte, perguntas súbitas insistiam em saltar de meus lábios, e ousou dizer que o mesmo aconteceu com os outros. O Jornalista tentou aliviar a tensão contando uns casos envolvendo Hettie Potter.¹⁸ O Viajante do Tempo concentrava-se em seu jantar com o apetite de um andarilho. O Médico fumava um cigarro e o observava com olhos semicerrados. O Homem Calado parecia ainda mais atrapalhado do que de costume e bebia champanhe com regularidade e determinação, tamanho o nervosismo. Por fim, o Viajante do Tempo afastou o prato e nos olhou.

— Acho que lhes devo desculpas — disse. — Estava morrendo de fome. Passei por coisas incríveis. — Ele pegou um charuto e cortou a ponta. — Mas venham comigo até a sala de fumar. É uma história comprida demais para contar diante de pratos sujos — e, tocando a sineta enquanto saía, foi liderando o caminho até a sala adjacente.

— O senhor contou a Blank, Dash e Chose sobre a máquina? — ele me perguntou, recostando-se em sua poltrona e referindo-se aos três novos hóspedes pelos nomes.

— Mas a coisa é só um mero paradoxo — disse o Editor-Chefe.

— Não estou em condições de discutir hoje. Posso contar a história, mas não sou capaz de discutir. Se quiserem — prosseguiu ele —, posso contar o que me aconteceu, mas peço que os senhores não me interrompam. Eu quero contar. Quero muito. A maior parte vai parecer mentira. Que assim seja! É tudo verdade... cada palavra. Eu estava no meu laboratório às quatro horas e, desde então... vivi oito dias... dias como nenhum outro humano jamais viveu antes! Estou exausto, mas

não vou dormir até lhes contar tudo. Depois vou para a cama. Mas sem interrupções! De acordo?

— De acordo — disse o Editor-Chefe, e o restante do grupo repetiu:

— De acordo.

E foi assim que o Viajante do Tempo começou sua história, tal qual registrei. De início, ele se recostou na poltrona e falava como se estivesse muito cansado. Depois foi se animando mais. Ao colocar tudo por escrito, sinto, com demasiada pungência, a inadequação do papel e da caneta — e, mais do que tudo, a minha própria inadequação — para expressar a sua qualidade. Os srs. leitores, eu imagino, hão de dedicar-lhe atenção o bastante; mas não poderão ver o rosto pálido e sincero no círculo de luz lançado pelo pequeno lampião, nem ouvirão a entonação de sua voz. Os leitores não têm como saber a maneira como sua expressão acompanhava as reviravoltas de sua história! A maioria de nós o ouvia das sombras, pois as lâmpadas da sala de fumar não haviam sido acesas, e apenas o rosto do Jornalista e as pernas do Homem Calado, dos joelhos para baixo, estavam iluminados. A princípio, nós nos entreolhávamos vez ou outra. Mas depois passamos a olhar apenas para o rosto do Viajante do Tempo.

[12.](#) A Linnean Society of London é uma sociedade científica para o estudo da biologia formada no séc.XVIII, localizada na região de Piccadilly. Seu nome é uma homenagem ao naturalista sueco Carlos Lineu, considerado o pai da taxonomia moderna.

[13.](#) Uma das mais antigas universidades alemãs e um dos principais centros para pesquisa no séc.XIX.

[14.](#) Nabucodonosor II (605-562 a.C.) foi o rei da Babilônia durante a época da invasão e destruição de Israel e o período do Exílio na Babilônia. É um personagem importante do Livro de Daniel, na Bíblia, no qual, como castigo divino, ele enlouquece e passa a viver como um animal selvagem nos campos.

[15.](#) Provável alusão a um dos cavalos do político Archibald Philip Primrose, 5º conde de Rosebery. Essa menção a corrida de cavalos no contexto da viagem no tempo sugere que o Editor-Chefe imagina que o Viajante do Tempo poderia ter visto o resultado das corridas.

[16.](#) Um tipo de peptídeo (do grego *péptos*, “digerir”), i.e., cadeia de aminoácidos, especificamente ligado à digestão de leite ou carne animal.

[17.](#) Moeda usada no mundo britânico até 1970, equivalente a doze pence ou a 1/20 de uma libra esterlina. O valor que o Editor-Chefe oferece aqui pelo relato é notavelmente alto.

[18.](#) Não se tem nenhuma confirmação de quem possa ter sido Hettie Potter, se era uma figura real da época ou um personagem inventado. Conjectura-se que tenha sido uma atriz de espetáculos musicais. O nome aparece no elenco do filme *Our New Policeman*, de 1907.

VIAGEM NO TEMPO

— EU LHES CONTEI na última quinta-feira sobre os princípios da Máquina do Tempo e lhes mostrei a própria coisa em si, incompleta, na oficina. Lá está ela agora, um pouco desgastada pela viagem, devo dizer; uma das barras de marfim está rachada e um dos trilhos de latão entortou; mas o resto está em boas condições. Eu esperava terminá-la na sexta-feira, mas, quando a sexta chegou e a montagem estava quase concluída, descobri que uma das barras de níquel tinha exatamente uma polegada a menos do que deveria e tive que mandar refazer; por isso a coisa só ficou pronta hoje cedo. Às dez da manhã de hoje, a primeira de todas as Máquinas do Tempo começou sua carreira. Eu lhe dei um último tapinha, testei todos os parafusos de novo, coloquei mais uma gota de óleo na vareta de quartzo e me acomodei na sela. Imagino que um suicida que aponta uma pistola contra o próprio crânio sinta a mesma curiosidade que experimentei naquele momento a respeito do que estava por vir. Segurei a alavanca de ignição com uma das mãos e a de frenagem com a outra, acionei a primeira e, quase imediatamente, a segunda. Senti uma vertigem; experimentei aquela sensação de estar caindo num pesadelo; e, ao olhar ao meu redor, vi o meu laboratório exatamente igual a como estava antes. Será que alguma coisa tinha acontecido? Por um instante suspeitei que meu intelecto havia me ludibriado. Então reparei no relógio. Um momento antes, como me pareceu, seu ponteiro estava parado em um ou dois minutos depois das dez horas; e agora eram quase três e meia!

“Inspirei fundo, travei a mandíbula, agarrei a alavanca de ignição com ambas as mãos e parti com um baque. O laboratório ficou nebuloso e escureceu. A sra. Watchett entrou e saiu, aparentemente sem me ver, indo pela porta que dá para o jardim. Suponho que tenha demorado um minuto mais ou menos para ela atravessar o espaço, mas para mim parecia que tinha disparado de um lado a outro da sala como um foguete. Empurrei a alavanca até o fim. A noite desceu como se um lampião se apagasse, e no momento seguinte veio o amanhã. O laboratório foi ficando cada vez mais indistinto e nebuloso. A noite seguinte chegou negra, depois o dia, e a noite outra vez, e o dia outra vez, cada vez mais rápido. Um murmurinho começou a crescer e a preencher meus ouvidos e uma confusão estranha e muda recaiu sobre meu espírito.

“Temo não ser capaz de transmitir as sensações peculiares da viagem no tempo. Elas são desagradáveis demais. É como andar de montanha-russa¹⁹ — aquele desamparo de se viajar de cabeça para baixo! Experimentei também aquela mesma sensação horrorosa de antecipação que se tem diante de uma colisão iminente. Enquanto acelerava, as noites suplantavam os dias como o bater de asas negras. O laboratório enevoadado pareceu sumir por completo, e vi o Sol atravessando ligeiro de uma ponta à outra do céu, dando uma volta por minuto, e cada minuto marcava um dia. Supus que o laboratório tivesse sido destruído e que eu estava a céu aberto. Tive uma vaga impressão de ter visto um andaime, mas já estava acelerando rápido demais para ter ciência de qualquer coisa em movimento. A mais lenta das lesmas que já se arrastou pela terra corria rápida demais para mim. O piscar das sucessões de trevas e luz era excessivamente doloroso aos olhos. Então, nas trevas intermitentes, vi a Lua girar ligeira por suas fases, de nova a cheia, e vi de relance as estrelas ao redor. Logo, conforme eu prosseguia, ainda ganhando velocidade, a palpitação das noites e dos dias se fundiu num cinza contínuo; o céu assumiu a profundidade de um azul maravilhoso, uma esplêndida cor luminosa como a do começo do crepúsculo; o Sol saltitante tornou-se um risco de fogo, um arco brilhante no espaço; e a Lua, uma faixa flutuante mais fraca; e eu não

conseguia ver nada das estrelas, exceto vez ou outra um círculo mais claro tremulando no azul.

“A paisagem era enevoada e indistinta. Eu estava ainda na colina onde a casa agora se localiza, e a encosta se erguia acima de mim, obscura e cinzenta. Vi árvores crescerem e mudarem como baforadas de vapor, ora marrons, ora verdes; elas nasciam, cresciam, vacilavam e morriam. Vi prédios enormes erguerem-se, tênues e estupendos, e passarem como sonhos. A superfície toda da Terra parecia mudar — derretendo e fluindo diante dos meus olhos. Os pequenos ponteiros acima dos botões que registravam a minha velocidade corriam cada vez mais rápidos. Logo reparei que o cinturão do Sol subia e descia, de solstício a solstício, num minuto ou menos, e que consequentemente o meu ritmo era de mais de um ano por minuto; e, minuto a minuto, a neve branca reluzia pelo mundo e sumia e era acompanhada pelo verde breve e claro da primavera.

“As sensações desagradáveis do começo ficaram menos pungentes, então. Fundiram-se por fim num tipo de êxtase histórico. Reparei, de fato, que a máquina oscilava de uma forma que não fui capaz de explicar. Mas minha cabeça estava confusa demais para cuidar disso e, assim, com um tipo de loucura crescendo em mim, lancei-me ao futuro. A princípio, mal consegui pensar em parar, mal consegui pensar em qualquer coisa que não naquelas novas sensações. Mas logo uma nova série de impressões cresceu em meu espírito — uma certa curiosidade e, com ela, um certo pavor —, até enfim tomarem posse de mim por completo. Que estranhos desenvolvimentos para a humanidade, que avanços maravilhosos em nossa civilização rudimentar, pensei, não deverão aparecer quando eu olhar de perto o mundo fugidio que corria e flutuava diante de meus olhos! Vi grandes e esplêndidas arquiteturas erguendo-se diante de mim, mais imensas do que quaisquer prédios de nossa época, e, no entanto, pareciam construídas de luz e bruma. Vi um verde suntuoso fluir colina acima e lá permanecer, sem qualquer intermissão do inverno. Mesmo através do véu de minha confusão a Terra parecia belíssima. E assim passei a me concentrar no problema que seria parar.

“O principal risco estava na possibilidade de eu encontrar alguma substância no espaço ocupado por mim ou pela máquina. Enquanto eu viajasse em alta velocidade pelo tempo, isso não importava; eu estava, por assim dizer, atenuado — escapando como vapor através dos interstícios das substâncias interpostas! Mas parar envolvia entrar em choque, molécula por molécula, com o que quer que estivesse em meu caminho; significava trazer os meus átomos num contato de tal intimidade com os do obstáculo que resultaria numa reação química profunda — possivelmente uma explosão de longo alcance —, explodindo a mim e a meu aparato em todas as dimensões imagináveis... rumo ao Desconhecido. Essa possibilidade havia me ocorrido de novo e de novo enquanto eu construía a máquina; mas na época eu a havia aceitado alegremente como um risco inevitável, um dos muitos que um homem precisa correr! Agora que ele era iminente, eu não mais o via sob essa mesma luz tão alegre. O fato era que, sem que eu pudesse perceber, a estranheza absoluta de tudo, o balanço enjoativo da máquina e, mais que tudo, a sensação prolongada de estar caindo haviam perturbado meus nervos por completo. Disse a mim mesmo que eu jamais seria capaz de frear e, com uma lufada de petulância, resolvi frear de uma vez. Como um tolo impaciente, puxei a alavanca, e, no mesmo instante, a coisa capotou e fui arremessado no ar de cabeça para baixo.

“Houve um som de trovão nos ouvidos. Devo ter ficado atordoado por um momento. O granizo, caindo sem piedade, silvava ao meu redor, e eu estava sentado sobre a relva macia diante da máquina capotada. Tudo ainda parecia cinzento, mas logo reparei que a confusão em meus ouvidos havia desaparecido. Olhei em torno. Estava no que parecia ser o pequeno gramado de um jardim, cercado de arbustos de rododendro, e percebi que suas flores de cor malva e púrpura caíam sob as pancadas das pedras de granizo. O gelo ricocheteava e dançava, pairando acima da máquina como uma nuvem, e escorria pelo solo como fumaça. Num minuto eu já estava ensopado. ‘Que bela demonstração de hospitalidade para um homem que viajou não sei quantos anos para vê-los’, eu disse.

“Logo pensei como eu fora tolo por ter me molhado. Levantei-me e olhei ao redor. Uma figura colossal, aparentemente entalhada em pedra branca, espreitava indistintamente além dos rododendros em meio à neblina da chuva. Mas todo o resto do mundo estava invisível.

“Não sei como descrever minhas sensações. Conforme as colunas de granizo se tornavam menos espessas, pude enxergar a figura branca com mais nitidez. Era muito grande, pois a copa de um vidoeiro-branco chegava só até o seu ombro. Era feita de mármore, mais ou menos no formato de uma esfinge alada,²⁰ mas as asas, em vez de estarem postas verticalmente para os lados, estavam abertas, como se ela voasse baixo. O pedestal, a meu ver, era de bronze e estava completamente azinhavrado. Por acaso, tinha a face voltada para mim; os olhos cegos pareciam me observar; e havia a vaga sombra de um sorriso nos lábios. Estava bastante desgastada pelas intempéries, e isso lhe dava uma sugestão desagradável de enfermidade. Fiquei olhando para ela por um pequeno espaço de tempo — meio minuto, talvez, ou meia hora. Ela parecia avançar e recuar conforme a chuva de granizo caía mais densa ou mais fina. Por fim, consegui tirar os olhos dela por um momento e vi que a cortina de granizo já se esgarçava, e que o céu clareava com uma promessa de sol.

“Olhei para cima de novo, para o vulto branco agachado, e subitamente a plena temeridade da minha viagem recaiu sobre mim. O que poderia aparecer quando aquela cortina brumosa se abrisse de vez? O que teria acontecido com o ser humano? E se a crueldade tivesse se desenvolvido a ponto de ser uma paixão comum? E se nesse intervalo a raça tivesse perdido sua humanidade e se transformado em algo desumano, sem empatia e irresistivelmente poderoso? Eu poderia lhes parecer um animal selvagem do velho mundo, só que mais asqueroso e medonho por nossa semelhança — uma criatura horrenda que deveria ser morta imediatamente.

“Comecei a enxergar outras formas vastas — prédios imensos com parapeitos intrincados e colunas elevadas, com uma colina coberta de vegetação surgindo obscuramente debaixo da tempestade que passava. Fui tomado por um terror pânico.²¹

Voltei-me freneticamente para a Máquina do Tempo e me esforcei muito para reajustá-la. Enquanto isso, os dardos do Sol vinham atravessando a tormenta. A chuva cinzenta foi varrida para longe e desapareceu como os resquícios dos trajes de um fantasma. Acima de mim, no azul intenso do céu de verão, alguns poucos retalhos cinzentos de nuvens rodopiavam até evanescerem. Os grandes prédios ao meu redor se destacavam com clareza e distinção, reluzindo molhados da tempestade e pontilhados de branco das pilhas de granizo ainda não derretido. Eu me senti nu em um mundo estranho. Eu me senti como um passarinho talvez se sintasse a céu aberto, ciente das asas de um gavião que descerão sobre ele. Meu medo se transformou num frenesi. Inspirei fundo, travei a mandíbula e voltei a me atracar ferozmente com a máquina, de punho e joelho. Ela cedeu à investida desesperada e virou. Meu queixo foi atingido com violência. Com uma das mãos na sela e a outra na alavanca, fiquei ali, de pé, ofegando pesadamente, pronto a montá-la outra vez.

“Porém, ao recuperar a possibilidade de uma retirada imediata, recobrei também a coragem. Eu olhava com mais curiosidade e menos medo para esse mundo do futuro remoto. Numa abertura circular, no alto do muro de uma casa próxima, vi um grupo de figuras vestidas em túnicas brancas, leves e suntuosas. Elas haviam me avistado e tinham o rosto voltado para mim.

“Então ouvi vozes se aproximando. Por entre os arbustos que cercavam a Esfinge Branca, apareceram as cabeças e os ombros de homens que corriam. Um deles surgiu numa trilha que levava direto ao pequeno gramado onde eu estava com a minha máquina. Era uma criatura miúda — de talvez um metro e vinte de altura —, vestindo uma túnica púrpura amarrada na cintura com um cinto de couro. Usava sandálias ou alpercatas²² — eu não conseguiria distinguir com clareza —; suas pernas eram nuas até o joelho e não tinha nada na cabeça. Foi só ao perceber isso que me dei conta pela primeira vez de como estava quente.

“Ele me pareceu uma criatura belíssima e graciosa, mas de uma fragilidade indescritível. Seu rosto corado me lembrava o

mais belo dos tísicos²³ — aquela beleza agitada de que tanto ouvimos falar. Ao vê-lo, de repente recuperei a autoconfiança. Retirei, pois, as mãos da máquina.”

^{19.} Desde o começo do séc.XIX já existiam montanhas-russas no estilo moderno, inspiradas pelo passatempo russo de descer morros de neve em trenós (daí o nome pelo qual as conhecemos), e elas se tornaram um entretenimento popular no final do século. Essa descrição levou um dos pioneiros da invenção do cinema, Robert W. Paul, após a leitura do romance, a entrar em contato com Wells para construir uma atração que simulasse a viagem no tempo, mas o projeto não foi levado adiante. O texto em inglês aqui usa o termo *switchback*, em alusão à Switchback Railway, a primeira montanha-russa dos Estados Unidos, construída em 1884 em Coney Island.

^{20.} Seres mitológicos das culturas egípcia e grega, geralmente imaginados com corpo de leão e rosto humano. Às vezes, como no caso aqui, eram representados com asas. Exemplos famosos de esfinges incluem a Grande Esfinge de Gizé, no Egito, e, na mitologia grega, o monstro que Édipo derrota decifrando o seu enigma. O séc.XIX foi marcado pela egiptomania, a fascinação causada pela redescoberta do Egito após as campanhas de Napoleão no final do séc.XVIII, e, possivelmente por conta disso e pela associação da esfinge com enigma e mistérios antigos, esse símbolo se tornou recorrente na literatura da época. Esfinges aparecem em poemas de Ralph Waldo Emerson, Baudelaire, Rimbaud e Oscar Wilde, e nas ilustrações e pinturas de Dante Gabriel Rossetti, Ingres, Franz von Stuck e Gustave Moreau, entre outros. Numa dimensão menos decadente e mais política, elas são uma presença simbólica também na obra de Edward Bellamy, Samuel Butler e Thomas Carlyle. Carlyle e Bellamy tratam da questão do trabalho e do trabalhador como “o enigma da esfinge” do século, e Butler insere representações de esfinges na entrada de Erewhon, que, entre outras coisas, era uma terra sem máquinas na sua sátira epônima de 1872.

^{21.} A palavra “pânico” usada como substantivo (“um pânico”), como fazemos hoje, é um desdobramento do seu uso original como adjetivo referente a Pã, antigo deus grego da natureza e da fertilidade, associado a forças e apetites ferozes, incontroláveis e primordiais — e, por isso, tanto reverenciado quanto temido. Um terror pânico é, portanto, o tipo de sentimento induzido pela chegada do deus e seus companheiros.

^{22.} O uso desses calçados aqui remete a duas coisas: a uma romantização da Antiguidade — a imagem do senso comum de filósofos de sandálias no estilo grego — e à ideia do “socialista de sandálias” da virada do século — um estereótipo negativo da época ligado a modos de vida alternativos, um tipo de antepassado dos hippies, associado a figuras como o poeta e ativista Edward Carpenter.

^{23.} A tuberculose, ou tísica, foi romantizada no séc.XIX, a ponto de se ver como algo bonito e desejável o aspecto que ela imprimia no rosto dos doentes: ao mesmo tempo que a pessoa empalidecia, a febre baixa constante deixava as bochechas rosadas e os lábios mais vermelhos.

NA IDADE DE OURO²⁴

— NO MOMENTO SEGUINTE, estávamos cara a cara, eu e aquela coisa frágil da futuridade. Ele veio direto até mim e riu para os meus olhos. A ausência de qualquer sinal de medo em seu comportamento me surpreendeu na hora. Então ele se virou para os dois outros que o seguiam e falou com eles numa língua bastante doce e melíflua.

“Havia outros chegando, e logo eu tinha um pequeno grupo de talvez oito ou dez dessas criaturas especiais me cercando. Uma delas me dirigiu a palavra. Veio-me à tona, estranhamente, a ideia de que a minha voz seria ríspida e grave demais para eles. Então balancei a cabeça e, apontando para as orelhas, balancei-a de novo. Ele deu um passo à frente, hesitou e tocou minha mão. Então senti outros tentáculos suaves tocando minhas costas e ombros. Queriam ter certeza de que eu era real. Nada havia de alarmante nisso tudo. De fato, algo nessas pessoinhas me inspirava confiança — uma gentileza graciosa, uma certa tranquilidade infantil. Além do mais, elas pareciam tão frágeis que eu conseguia me imaginar derrubando uma dúzia delas de uma vez como se fossem pinos de boliche. Mas fiz um gesto brusco de aviso quando vi suas mãozinhas rosadas apalpando a Máquina do Tempo. Felizmente percebi, antes que fosse tarde demais, um perigo do qual havia me esquecido até o momento e, alcançando as barras da máquina, desatarraxeí as pequenas alavancas que a operavam e as guardei no bolso. Depois passei a me dedicar a ver o que eu poderia fazer no tocante à comunicação.

“E então, olhando mais de perto os seus traços, enxerguei novas particularidades naquela sua beleza de porcelana de Dresden. Seus cabelos eram cachos uniformes e iam só até o pescoço; tampouco havia a menor sugestão de pelos em seus rostos, e as orelhas eram de uma miudeza singular. Tinham as bocas pequenas, com lábios bastante finos de um vermelho vivo, e pequenos queixos pontudos. Os olhos eram grandes e meigos; e — isso pode parecer egoísmo da minha parte — tive até a impressão de que lhes faltava uma centelha de interesse que esperava deles.

“Como não fizeram o menor esforço para tentar se comunicar comigo, mas simplesmente me cercaram, sorrindo e conversando em arrulhos suaves uns com os outros, fui eu que iniciei a conversa. Apontei para a Máquina do Tempo e para mim mesmo. Depois, hesitando por um momento sobre como expressar o conceito de tempo, apontei para o Sol. Na mesma hora, uma figurinha peculiarmente bela em roupas quadriculadas de púrpura e branco acompanhou o meu gesto e me surpreendeu ao imitar o som do trovão.

“Por um momento fiquei estarecido, ainda que o significado do gesto fosse claro o suficiente. Surgiu bruscamente a dúvida em meu espírito: será que eram idiotas? Os senhores não podem imaginar como isso me abalou. Os senhores entendem que sempre antecipei que o povo do ano 802000 e pouco seria incrivelmente avançado em relação a nós no tocante ao conhecimento, à arte, tudo. Então um deles de repente me faz uma pergunta que me mostra que eles estavam no mesmo nível intelectual de uma criança nossa de cinco anos de idade — ele me perguntava, de fato, se eu viera do Sol na tempestade!²⁵ Isso liberou o julgamento que eu evitara fazer de suas vestimentas, seus membros leves e suaves e seus traços frágeis. Uma onda de decepção percorreu meu espírito. Por um momento senti que construía a Máquina do Tempo em vão.

“Fiz que sim com a cabeça, apontei para o Sol e lhes dei uma representação tão vívida de um trovão que ficaram até assustados. Todos se afastaram um ou dois passos para trás e se curvaram. Então um deles começou a rir para mim, trazendo-me uma guirlanda de belas flores inteiramente novas,

e a colocou em meu pescoço. A ideia foi recebida com aplausos melódiosos, e logo todos estavam correndo para lá e para cá para pegar flores, rindo enquanto as atiravam sobre mim, até eu quase sufocar com as pétalas. Os senhores, que nunca as viram, mal podem imaginar que flores delicadas e maravilhosas esses incontáveis anos de cultura haviam criado. Então alguém sugeriu que o novo brinquedo deveria ser exposto no prédio mais próximo, e assim passamos pela esfinge de mármore branco, que me pareceu me observar o tempo todo, rindo-se de minha perplexidade, e fui levado rumo a um vasto edifício cinzento de pedra com adornos em relevo. Acompanhando-os, ri comigo mesmo ao lembrar da certeza que eu tivera de que encontraria uma posterioridade profundamente austera e intelectualizada.

“O edifício tinha uma entrada imensa e dimensões colossais. Eu estava naturalmente ocupado em observar a multidão crescente de pessoinhas e os grandes portais que se abriam diante de mim, misteriosos e sombrios. Minha impressão geral do mundo que eu via sobre aquelas cabeças era um ermo confuso de belos arbustos e flores, um jardim há muito tempo malcuidado, mas, ainda assim, livre de ervas daninhas. Vi diversas flores brancas estranhas em cachos altos, as pétalas cerosas chegando a talvez uns trinta centímetros de largura. Cresciam espalhadas por todo canto em meio aos vários arbustos, como se fossem silvestres, mas, como digo, não as examinei de perto naquele momento. A Máquina do Tempo acabou ficando esquecida no prado entre os rododendros.

“O arco de entrada era lindamente entalhado, mas, naturalmente, não pude observar os relevos mais de perto, embora tenha me parecido ver sugestões de antigas decorações fenícias²⁶ enquanto passava, e notei que elas estavam muitíssimo rachadas e desgastadas pelo tempo. Várias outras pessoas de roupas claras me encontraram no portal, e assim entramos, eu vestido em trajes gastos do século XIX, já com a aparência grotesca o bastante, trazendo guirlandas de flores e cercado por uma massa cada vez maior de seres em túnicas leves e claras, com membros reluzentes e alvos, num burburinho melódioso de risadas e falas animadas.

“O grande portal dava para um salão imenso, todo decorado em tons marrons. O teto não era iluminado e as janelas, algumas com vidraças coloridas, algumas nuas, davam passagem a uma luz temperada. O piso era feito de blocos imensos de algum metal branco muito rígido; não placas, nem chapas — blocos. E estavam muito desgastados, imagino que pelo constante ir e vir de gerações passadas, a ponto de um canal profundo ter sido escavado nos caminhos mais frequentados. De través ao comprimento havia inúmeras mesas com tampos de pedra polida e de talvez trinta centímetros de altura, sobre as quais havia pilhas de frutas. Algumas reconheci como tipos de framboesa e laranjas hipertróficas,²⁷ mas a maioria me era estranha.

“Entre as mesas havia um grande número de almofadas espalhadas. Sobre elas se sentaram os meus guias, gesticulando para que eu fizesse o mesmo. Com uma bela ausência de cerimônia, eles começaram a comer as frutas com as mãos, arremessando cascas, talos e tudo o mais nas aberturas redondas que havia ao lado das mesas. Não relutei em seguir seu exemplo, pois sentia sede e fome. Enquanto isso, fui observando o salão com calma.

“Talvez o que mais me afetou tenha sido o aspecto dilapidado do lugar. Os vitrais, que tinham apenas um padrão geométrico, estavam quebrados em vários pontos, e as cortinas que pendiam no fundo do salão, cobertas de poeira. E me chamou atenção o fato de o canto da mesa de mármore perto de mim estar rachado. Em todo caso, o efeito geral era extremamente pitoresco e luxuoso. Havia, talvez, uma ou duas centenas de pessoas comendo no salão, e a maioria delas, sentadas o mais próximo de mim possível, me observava com interesse, seus olhinhos brilhando por cima das frutas que comiam. Todos trajavam aquele mesmo material sedoso e suave, porém resistente.

“Frutas, aliás, era tudo o que comiam. Essas pessoas do futuro remoto eram estritamente vegetarianas, e durante o tempo todo que passei com elas, apesar dos meus apetites por carne vermelha, precisei ser frugívoro também. De fato, logo descobri que cavalos, vacas, ovelhas, cães, tudo havia

acompanhado o ictiossauro²⁸ no caminho da extinção. Mas as frutas eram bastante deliciosas; uma delas, em particular, que parecia estar na estação durante todo o tempo que passei lá — uma coisa farinhenta numa casca com três lados —, era especialmente gostosa, e a escolhi como minha favorita. A princípio fiquei perplexo com todas essas frutas estranhas e com as estranhas flores que vi, mas logo comecei a perceber sua importância.

“Porém, falo aos senhores agora do meu jantar frugívoro no futuro distante. Assim que o meu apetite foi parcialmente saciado, decidi tentar aprender a língua daqueles novos homens. Esse era claramente o próximo passo a ser dado. As frutas pareciam ser um objeto conveniente para começarmos, e, ao segurar uma delas na mão, comecei a fazer uma série de sons e gestos interrogativos. Tive uma dificuldade considerável para me fazer entender. A princípio, meus esforços encontraram um olhar de surpresa ou riso inextinguível, mas logo uma criaturinha loira pareceu captar a minha intenção e repetiu um nome. Eles precisaram tagarelar e explicar longamente a questão entre si, e as minhas primeiras tentativas de reproduzir os sons raros de sua língua foram-lhes causa de entretenimento imenso e genuíno, ainda que descortês. Porém, eu me sentia como um pedagogo em meio às crianças e persisti, e logo já tinha mais de uma dúzia de substantivos, pelo menos, a meu comando; e então parti para os pronomes demonstrativos, e até mesmo o verbo ‘comer’. Mas foi um trabalho lento, e as pessoinhas logo se cansaram e passaram a fugir de minhas interrogações, por isso resolvi, mais por necessidade, permitir-lhes que me dessem suas lições em pequenas doses, quando sentissem vontade. E que doses pequeniníssimas eram, como logo descobri, pois jamais conheci um povo mais indolente ou mais rápido em se fatigar.”

24. Período lendário na mitologia grega, como registrado em Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*), no qual os seres humanos eram perfeitos e viviam em harmonia, paz e prosperidade. Essa época teria se degenerado numa Idade de Prata, depois de Bronze e, por fim, de Ferro, que seria, para os gregos, o tempo histórico e não mais mítico.

25. A discussão de mitos solares era popular na antropologia à época de produção do romance, com proposições como a de sir James Frazer em seu *O ramo de ouro* (1890), acerca da ideia da monarquia como derivada do conceito do rei enquanto

encarnação de divindades solares, e a de Max Müller, que acreditava que era possível reduzir todas as mitologias a algum tipo de mito solar original. Wells recorre a esses conceitos para demonstrar o quanto eram assombrosamente primitivos os habitantes do futuro.

26. A civilização fenícia surgiu no Levante e dominou boa parte do comércio no Mediterrâneo entre 1500 e 300 a.C., fundando cidades importantes como Biblos, Tiro e Cartago. É difícil falar numa identidade fenícia ou arte fenícia, haja vista que a palavra “fenício” é grega e até hoje não se sabe que termos os próprios fenícios usavam para se descrever, se é que os habitantes dessas cidades-Estado independentes, que nunca chegaram a se organizar como um império, se viam como um mesmo povo. Assim, a arte da região era marcada por influências gregas, egípcias e mesopotâmicas, e é provavelmente a essa forma de decoração genérica com motivos do Antigo Oriente Próximo que Wells se refere aqui. Há referências à decoração fenícia também, por exemplo, na descrição da chamada “estrada de Salomão” no romance de aventura *As minas do rei Salomão* (1885), de Rider Haggard.

27. Termo médico (do grego para “nutrição em excesso”) para descrever um aumento no volume de um órgão ou tecido. Dadas as tendências científicas do Viajante do Tempo, é coerente que ele utilize esse tipo de vocabulário para falar dos frutos gigantes do futuro, que teriam evoluído a partir dos frutos do presente. É interessante também apontar que esse conceito frugívoro do futuro funde duas ideias da época: a de que na idade de ouro edênica do passado não havia violência (logo, as pessoas seriam vegetarianas) e a de que o vegetarianismo era associado a reformistas radicais.

28. Grande réptil marinho (cujo nome significa “peixe lagarto”) surgido no período Triássico e desaparecido no Cretáceo, descoberto pela ciência e nomeado no séc.XIX. O corpo lembrava o de um golfinho ou peixe-boi, com uma cabeça semelhante à do crocodilo.

O CREPÚSCULO DA HUMANIDADE

— UMA COISA ESTRANHA que logo descobri sobre meus pequenos anfitriões foi a sua falta de interesse. Eles vinham a mim com gritos ávidos de estarrecimento, como crianças, mas, também como crianças, logo paravam de me examinar e se dispersavam atrás de algum outro brinquedo. O jantar e os meus princípios de conversa chegaram ao fim, e reparei, pela primeira vez, que quase todos aqueles que haviam me cercado tinham ido embora. É estranha também a rapidez com a qual passei a desconsiderar aquelas pessoinhas. Assim que saciei a fome, atravessei o portal de volta àquele mundo ensolarado lá fora. O tempo todo eu encontrava mais e mais desses homenzinhos do futuro, que me seguiam a uma pequena distância, tagarelavam e riam ao meu redor, e depois, sorrindo e gesticulando de um modo amistoso, me deixavam sozinho outra vez.

“Quando saí do salão, a calmaria da noite caía sobre o mundo, e a cena era iluminada pelo brilho morno de um sol poente. A princípio, as coisas eram muito confusas. Tudo era tão inteiramente diferente do mundo que eu conhecia — até as flores. A grande construção da qual eu saíra estava na descida de um amplo vale ribeirinho, mas o Tâmis já se desviara talvez um quilômetro e meio de sua posição atual. Decidi subir até o cume de uma colina a uns dois quilômetros de distância, talvez, de onde eu poderia ter uma visão mais ampla de nosso planeta no ano 802701 d.C.²⁹ Pois, devo dizer, essa era a data que os pequenos indicadores de minha máquina registravam.

“Conforme caminhava, permaneci atento a todas as impressões que pudessem me ajudar a explicar a condição de esplendor arruinado na qual encontrei o mundo — pois arruinado estava, de fato. Subindo a colina, por exemplo, via-se uma grande pilha de blocos de granito, unidos por massas de alumínio,³⁰ um vasto labirinto de paredes instáveis e pilhas de entulho, entre as quais nasciam arbustos espessos de lindas plantas parecidas com pagodes chineses, possivelmente urtigas, mas tingidas de uma cor parda maravilhosa nas folhas, e que não queimavam a mão ao serem tocadas. Eram claramente as ruínas abandonadas de uma vasta estrutura cujos propósitos eu não era capaz de determinar. Era ali que, mais tarde, eu teria uma experiência estranhíssima — o primeiro sinal de uma descoberta ainda mais estranha —, mas da qual falarei no momento adequado.

“Olhando ao redor com um pensamento súbito, a partir de um terraço no qual parei um minuto para descansar, eu me dei conta de que não havia casas menores à vista. Aparentemente a casa individual, talvez até a noção de domicílio, havia desaparecido. Aqui e acolá entre o verde havia prédios palacianos, mas a moradia urbana e a casa de campo, tão típicas da nossa paisagem inglesa, haviam desaparecido.

“‘Comunismo’,³¹ disse a mim mesmo.

“E no encalço desse pensamento veio ainda outro. Olhei para aquela meia dúzia de figurinhas que me seguiam. Então, num átimo, percebi que todas usavam o mesmo tipo de roupa, tinham o mesmo aspecto suave e sem pelos e exibiam a mesma rotundidade feminina dos membros. Pode parecer estranho, talvez, que eu não tenha reparado nisso antes. Mas era tudo tão estranho. Agora eu podia ver o fato com clareza. As pessoas do futuro eram idênticas no trajar e em todas as características de textura e comportamento que hoje distinguem os sexos entre si. E as crianças pareciam, aos meus olhos, não mais que miniaturas dos pais. Julguei, pois, que as crianças daquela época eram extremamente precoces, pelo menos fisicamente, e logo encontrei confirmações abundantes da minha opinião.

“Vendo a tranquilidade e a segurança na qual viviam aquelas pessoas, senti que essa semelhança entre os sexos era, afinal, o que seria de esperar; pois a força do homem e a suavidade da mulher, a instituição da família e a diferenciação de ocupações são meras exigências de uma era da força física. Quando a população é equilibrada e abundante, o excesso de filhos se torna um malefício mais do que uma bênção para o Estado; quando a violência é um evento raro e as crianças estão seguras, há menos necessidade — de fato, necessidade nenhuma — de uma família eficiente, e a especialização dos sexos com referência às necessidades das crianças desaparece. Vemos alguns indícios disso já em nossa própria época, e nesse futuro o quadro se completava. Tal, devo lembrar-lhes, foi a minha especulação naquele momento. Mais tarde, eu viria a compreender o quanto ela não dava conta da realidade.

“Enquanto meditava sobre essas coisas, minha atenção foi fisgada por uma estrutura pequenininha, parecida com um poço sob uma cúpula. Pensei, por um momento, como era curioso que ainda existissem poços, e depois continuei seguindo o fio de minhas especulações. Não havia nenhum prédio grande perto do cume da colina, e, como a minha capacidade de andar era evidentemente milagrosa, logo me vi sozinho pela primeira vez. Com um sentimento estranho de liberdade e aventura, segui em frente até chegar ao cume.

“Lá encontrei um assento feito de algum metal amarelo que não reconheci, corroído em alguns pontos com uma ferrugem rosada e em parte sufocada por um musgo macio, os descansos de braço moldados e esculpidos à semelhança de cabeças de grifos.³² Sentei-me e contemplei uma visão ampla de nosso antigo mundo sob o crepúsculo daquele longo dia. O Sol já havia descido no horizonte, e o poente era de um dourado flamejante, com toques de faixas horizontais púrpura e carmim. Abaixo se via o vale do Tâmis, no qual o rio repousava como um aro de aço polido. Já falei dos grandes palácios que pontilhavam a paisagem em meio ao verde variado, alguns em ruínas e alguns ainda ocupados. Aqui e ali surgia uma figura branca ou prateada no jardim ermo da Terra, aqui e ali despontava a linha vertical de alguma cúpula ou obelisco. Não havia sebes nem sinais de direitos de

propriedade ou evidências de agricultura; a Terra inteira havia se tornado um jardim.

“Assim observando, comecei a aplicar a minha interpretação às coisas que vira, e, naquela noite, a interpretação que se delineava para mim seguia mais ou menos por essa linha (mais tarde descobri que eu havia encontrado apenas uma meia verdade, ou apenas um relance de uma faceta da verdade):

“Parecia-me que eu encontrara a humanidade em sua fase minguate. O poente vermelho me fez pensar no crepúsculo da humanidade. Pela primeira vez comecei a compreender uma estranha consequência dos esforços sociais nos quais estamos engajados no presente. E, no entanto, se pensarmos bem, é de fato uma consequência lógica. A força é um resultado da necessidade; a segurança é um convite à fraqueza. O trabalho para melhorarmos as condições de vida — o verdadeiro processo civilizatório que faz com que a vida seja mais e mais segura — já prosseguira firmemente rumo a um clímax. A cada triunfo de uma humanidade unida sobre a natureza sucedia-se outro. Coisas que hoje são meros sonhos haviam se tornado projetos deliberadamente colocados em prática e levados a cabo. E a colheita foi o que eu vi!

“Afinal, o saneamento e a agricultura de hoje ainda estão numa etapa rudimentar. A ciência de nossa época não atacou senão uma pequena área do campo das doenças humanas, mas, mesmo assim, suas operações se ampliam de forma muito constante e persistente. Nossa agricultura e nossa horticultura destroem uma erva daninha aqui e ali, e cultivam talvez umas vinte e tantas plantas saudáveis, deixando a grande maioria para lutar por si própria e tentar alcançar um equilíbrio. Nós conseguimos melhorar nossas plantas e animais favoritos — e como são poucos — gradualmente por meio de cruzamentos seletivos; ora um pêssego novo e melhor, ora uma uva sem semente, ora uma flor maior e mais doce, ora uma raça mais conveniente de gado. Nós os aperfeiçoamos gradualmente, porque os nossos ideais são vagos e hesitantes, e nosso conhecimento é limitadíssimo; e porque a natureza também é tímida e lenta em nossas mãos desajeitadas. Algum dia tudo isso estará mais bem organizado e será melhor ainda. Essa é a direção da corrente, apesar dos contrafluxos. O mundo inteiro

será inteligente, instruído e cooperativo; as coisas seguirão um rumo mais e mais rápido na subjugação da natureza. Por fim, com cuidado e sabedoria, reajustaremos o equilíbrio da vida animal e vegetal conforme as necessidades humanas.

“Tal ajuste, digo, já deveria ter sido realizado, e muito bem realizado; de fato realizado para sempre, no espaço de tempo que a máquina saltara. O ar estava livre de mosquitos e a terra, de ervas daninhas e fungos; borboletas brilhantes revoavam aqui e ali. O ideal da medicina preventiva se concretizara. As doenças tinham sido eliminadas. Não vi evidência alguma de doença contagiosa durante todo o tempo que passei lá. E devo lhes dizer mais tarde que até mesmo os processos de putrefação e decadência foram profundamente afetados por essas mudanças.

“Os triunfos sociais também foram afetados. Vi a humanidade abrigada em espaços esplêndidos, vestida de glória e, no entanto, não a encontrei engajada em qualquer tipo de trabalho. Não havia sinal de luta, nem social nem econômica. A venda, a publicidade, o negócio, todo esse comércio que constitui o corpo do nosso mundo desaparecera. Era natural que numa tarde dourada como aquela eu me precipitasse em favor da ideia de um paraíso social. A dificuldade imposta pelo aumento populacional havia sido sanada, supus, e a população cessara de aumentar.

“Mas, com essa mudança de condições, vêm inevitavelmente adaptações à mudança. A menos que a ciência biológica seja um amontoado de erros, qual é a causa da inteligência e do vigor humano? A dificuldade e a liberdade: condições nas quais sobrevivem os ativos, os fortes e os espertos, enquanto os mais fracos são levados ao paredão; condições que favorecem a aliança leal de homens capazes, pautada no autocontrole, na paciência e na determinação. E a instituição da família e as emoções que dela resultam, o ciúme feroz, a ternura pelos rebentos, a devoção parental, tudo isso encontra justificativa e fundamento nos perigos iminentes aos pequenos. *Agora*, onde estão esses perigos iminentes? Está surgindo um sentimento — que ainda há de crescer — contra o ciúme conjugal, contra a maternidade feroz, contra todos os tipos de paixão; coisas desnecessárias agora, e coisas que

fazem de nós sobrevivências selvagens³³ desconfortáveis, discórdias numa vida refinada e agradável.

“Refleti sobre a fragilidade física daquelas pessoas, sua falta de inteligência e as grandes e abundantes ruínas, o que fortaleceu minha crença numa conquista perfeita da natureza. Pois após a batalha vem a calmaria. A humanidade fora forte, enérgica e inteligente e utilizara toda a sua abundante vitalidade para alterar as condições nas quais vivia. E agora viera a reação das condições alteradas.

“Sob as novas condições de perfeito conforto e segurança, aquela energia inquieta, que é a nossa força, se tornaria fraqueza. Mesmo em nossa própria época certas tendências e desejos, outrora necessários para a sobrevivência, são uma fonte constante de fracassos. A coragem física e o amor pela batalha, por exemplo, não são de auxílio algum — e podem até mesmo ser estorvos — ao homem civilizado. E num estado de equilíbrio e segurança físicos o poder, seja ele intelectual ou físico, não tem lugar. Por incontáveis anos, pelos meus cálculos, não havia mais perigo de guerra ou de violência individual, nem ameaças de feras selvagens, nem doenças degenerativas que exigissem uma constituição forte, nem a necessidade de trabalhar. Numa vida dessas, aqueles que chamaríamos de fracos estão tão bem equipados quanto os fortes, logo, não são mais fracos. De fato, são mais bem equipados, pois os fortes seriam atormentados por uma energia para a qual não haveria vazão. Sem dúvida a beleza rara dos prédios que vi foram os últimos resultados de uma energia então sem propósito da humanidade antes de ela se assentar em perfeita harmonia com as condições nas quais vivia — o florescer do triunfo que deu início à última grande paz. Tal fora o destino da energia em segurança; ela leva à arte e ao erotismo, depois recai em lassidão e decadência.³⁴

“Mesmo esse ímpeto artístico viria, enfim, a definhar — e já quase definhara totalmente no tempo que vi. Os adornos de flores, as danças, os cânticos à luz do Sol: tal foi o que restara do espírito artístico, e nada mais. Mesmo isso viria a desaparecer no contentamento da inatividade. O que nos

mantém afiados é a mó da dor e da necessidade, e, assim me parecia, ali essa mó detestável fora finalmente quebrada.

“De pé em meio às sombras que baixavam sobre mim, imaginei que com essa simples tese eu havia dominado o problema do mundo — dominado todo o segredo daquela gente deliciosa.³⁵ Talvez as precauções tomadas para combater o aumento populacional tivessem funcionado bem demais, e os números tivessem diminuído em vez de se manterem constantes. Isso explicaria as ruínas abandonadas. Era um raciocínio muito simples e plausível o bastante — como costuma ser a maioria das teorias equivocadas!”

²⁹. Como observaram alguns críticos, o ano em que o Viajante do Tempo chega é próximo ao que seria o suficiente para se passarem quarenta anos platônicos. O ano platônico é o tempo necessário para se completar um ciclo completo dos equinócios em torno da eclíptica, à época determinado como um período de 20 mil anos, posteriormente corrigido para 25.800.

³⁰. Diferentemente de outros metais, como ferro ou bronze, conhecidos desde a Antiguidade, a tecnologia para extrair alumínio metálico só foi desenvolvida em 1824 pelo físico-químico Hans Christian Ørsted, depois aperfeiçoada por Friedrich Wöhler, em 1827, e por Henri Étienne Sainte-Claire Deville, em 1854, que só então elabora um método para a produção industrial do alumínio. Por esse motivo, o metal havia ganhado conotações futuristas no final do séc.XIX.

³¹. Ainda que o *Manifesto comunista* já tivesse sido lançado em 1848, o termo aqui à época não teria necessariamente a mesma conotação que tem hoje, ligada à obra de Marx e Engels. É provável que a referência mais imediata para um leitor de Wells fosse a Comuna de Paris, revolta que aconteceu entre março e maio de 1871, uma lembrança que vinha acompanhada pelo medo de que algo semelhante acontecesse também em Londres.

³². O grifo é um animal lendário com corpo de leão e asas e cabeça de águia. Originalmente um motivo decorativo popular da Antiguidade, por combinar dois animais nobres ele se torna uma criatura importante para a heráldica e o imaginário alegórico medievais.

³³. Termo da antropologia do séc.XIX, encontrado na obra de Edward Burnett Tylor, que descreve certas crenças e hábitos que, de algum modo, persistiriam mesmo após desaparecer a visão de mundo que as sustentava, como se pode observar, por exemplo, com superstições. Como diz o autor, em seu *Primitive Culture* (1871), as sobrevivências são “processos, costumes e opiniões ... levados por força do hábito a um novo estado da sociedade, diferente daquele no qual têm seu lar original, e deste modo permanecem como provas e exemplos de uma condição mais antiga da cultura a partir da qual a nova evoluiu”.

³⁴. As ideias do protagonista aqui estão alinhadas às do crítico social Max Nordau, como expressas em seu best-seller *Degeneração* (1892), ainda que o livro só tenha sido traduzido para o inglês em 1895. Nordau faz um diagnóstico da sociedade europeia finissecular e a enxerga como sofrendo de um processo de degeneração moral e mental, e vê o decadentismo da arte produzida na época como um tipo de

sintoma desse processo. Segundo críticos, porém, é provável que Wells estivesse, na verdade, acompanhando as ideias de seu professor, T.H. Huxley.

[35](#). Há um duplo sentido no uso do adjetivo *delicious* por parte do narrador aqui para descrever a população do futuro, como ficará claro na sequência.

UM CHOQUE SÚBITO

— ENQUANTO EU ESTAVA LÁ, refletindo sobre esse triunfo demasiadamente perfeito do homem, na direção nordeste nasceu a Lua cheia, amarela e redonda, transbordando de luz prateada. As figurinhas brancas haviam parado de se mover lá embaixo, uma coruja sobrevoou em silêncio, e eu tremi com o sereno da noite. Decidi descer e encontrar um lugar onde dormir.

“Procurei a construção que eu já conhecia. Então meu olhar continuou até alcançar a figura da Esfinge Branca sobre o pedestal de bronze, que se destacava conforme a luz do luar se intensificava. Vi o vidoeiro-branco contra ela. Lá estavam as raízes dos arbustos de rododendros, negros contra a luz pálida, e o pequeno gramado. Olhei para o gramado outra vez. Uma dúvida estranha congelou minha satisfação. ‘Não’, teimei comigo mesmo. ‘Não é o mesmo gramado.’

“Só que *era, sim*, o gramado. Pois a face branca e leprosa da esfinge estava virada na sua direção. Os senhores acham que podem imaginar o que senti conforme digeria essa descoberta? Não, não podem. A Máquina do Tempo tinha desaparecido!

“De uma vez, como uma chicotada no rosto, veio-me a possibilidade de perder a minha própria época, de ficar abandonado, sem amparo, nesse estranho mundo novo. Só o ato de pensar isso já era em si uma sensação física real. Pude senti-la agarrando a minha garganta e me impedindo de respirar. No momento seguinte, eu me vi numa paixão³⁶ de medo, correndo a grandes passadas, aos saltos, morro abaixo.

Caí de cabeça e fiz um corte no rosto; não perdi tempo estancando o sangue, apenas levantei e continuei correndo, com aquela sensação morna escorrendo pela bochecha e pelo queixo. O tempo todo eu dizia a mim mesmo: ‘Eles devem só tê-la trocado de lugar, deve estar escondida debaixo dos arbustos.’ Em todo caso, corri com todas as minhas forças. O tempo inteiro, com a certeza que por vezes acompanha o pavor excessivo, eu sabia que essa consolação era insensata, sabia por instinto que a máquina havia sido tirada do meu alcance. Respirar doía. Imagino que tenha dado conta de toda a distância do pico da colina até o pequeno gramado, o que dava talvez uns três quilômetros, em dez minutos. Não sou nenhum jovem. Eu praguejava alto e bom som, enquanto corria, amaldiçoando minha insensatez por ter abandonado a máquina, desperdiçando ainda mais o fôlego no processo. Gritei, e ninguém respondeu. Criatura nenhuma parecia se mover naquele mundo iluminado pelo luar.

“Quando alcancei o gramado, meus maiores medos se concretizaram. Não havia sinal da coisa à vista. Senti-me fraco e gelado ao encarar o espaço vazio em meio ao negror dos arbustos. Dei voltas ao redor furiosamente, como se a coisa estivesse escondida num canto, depois parei de repente, com as mãos carpindo os cabelos. Sobre mim erguia-se alta a esfinge no pedestal de bronze, branca, reluzente, leprosa, à luz da Lua que surgia. Parecia sorrir, zombando do meu desespero.

“Eu poderia me consolar imaginando que alguma das pessoinhas tivesse abrigado o mecanismo para mim, não estivesse eu convencido de sua inadequação física e intelectual. Era isso que me levava ao desespero: a sensação da presença de algum poder, até então insuspeito, cuja intervenção levava ao desaparecimento da minha invenção. Porém, de uma coisa eu tinha certeza: a não ser que alguma outra época tivesse produzido uma duplicata exata, a máquina não poderia se deslocar no tempo. O sistema de alavancas — mais tarde demonstrarei aos senhores como funciona — impedia que outros a utilizassem desse modo quando elas eram removidas. Se ela havia sido extraviada e escondida, fora apenas no espaço. Mas onde poderia estar?

“Acho que devo ter entrado em algum tipo de frenesi. Lembro-me de correr violentamente por entre os arbustos iluminados pelo luar em torno da esfinge e de ter perturbado algum animal branco que, naquela luz tênue, acreditei ser um pequeno veado. Lembro-me também de, mais tarde naquela noite, ter batido nos arbustos com as mãos cerradas até os meus punhos sangrarem, escoriados com os gravetos partidos. Depois, chorando e delirante em minha angústia mental, descí até a grande construção de pedra. O vasto salão estava escuro, silencioso e deserto. Escorreguei num desnível do chão e caí sobre uma das mesas de malaquita, quase quebrando a canela. Acendi um fósforo e passei pelas cortinas empoeiradas, as quais já mencionei aos senhores.

“Lá encontrei um segundo grande salão coberto de almofadas, sobre as quais dormiam talvez duas dezenas daquelas pessoinhas. Não tenho dúvida de que devem ter achado a minha reaparição bem estranha, surgindo de repente no silêncio da escuridão e fazendo barulhos inarticulados, acompanhado do crepitar e do clarão de um fósforo. Pois eles já haviam esquecido o que eram palitos de fósforo.

““Onde está a minha Máquina do Tempo?”, comecei a me esgoelar como uma criança birrenta, agarrando-os e sacudindo-os. Deve ter sido muito estranho para eles. Alguns riram, a maioria parecia estar terrivelmente assustada. Quando vi que me cercavam, entendi que estava agindo da forma mais insensata possível naquelas circunstâncias, procurando reavivar neles a sensação de medo. Pois, a julgar pelo comportamento diurno, eles deviam ter esquecido o que era ter medo.

“Joguei o fósforo no chão de súbito e, derrubando um deles que estava no meu caminho, fui cambaleando pelo salão de jantar de novo e saí sob o luar. Ouvi gritos de terror e seus pezinhos correndo e tropeçando aqui e ali. Não me lembro de tudo que fiz conforme a Lua subia no céu. Suponho que foi a natureza inesperada da minha perda que me enlouqueceu. Eu me senti desesperadamente extirpado da minha própria raça — um animal estranho num mundo desconhecido. Devo ter corrido para lá e para cá num estado delirante, gritando e clamando a Deus e ao Destino. Tenho lembranças de sofrer

uma fadiga horrível, conforme a longa noite de desespero se desfazia; de procurar num e noutro lugar impossível; de seguir apalpando em meio às ruínas enlutaradas; e de, por fim, deitar no chão ao lado da esfinge, chorando em absoluta desolação. Não me sobrara senão sofrimento. Por fim adormeci, e, quando acordei de novo, já era plena luz do dia, e alguns pardais saltavam ao meu redor na relva, ao alcance do meu braço.

“Sentei-me, ao frescor da manhã, tentando me lembrar como havia chegado ali e o porquê de meu profundo sentimento de deserção e desespero. Então as coisas ficaram claras em minha cabeça. Sob a luz razoável e clara do dia, pude confrontar as circunstâncias com clareza. Pude ver a insensatez selvagem do frenesi da noite anterior e raciocinar comigo mesmo.

“‘Vamos supor o pior?’, eu disse. ‘Vamos supor que a máquina tenha sido irremediavelmente perdida, talvez destruída. Cabe a mim ser calmo e paciente, aprender os costumes do povo, adquirir uma ideia clara do método de minha perda e os meios de arranjar os materiais e as ferramentas; de modo que, ao fim, talvez, eu possa construir outra.’ Era possível que essa fosse minha única esperança, mas era melhor do que o desespero. E, afinal, aquele era um mundo lindo e peculiar.

“Mas era provável que a máquina tivesse sido apenas roubada. Ainda assim, eu devia ser calmo e paciente, encontrar o lugar aonde ela fora levada e recuperá-la pela força ou pela astúcia. E, com isso, levantei-me e olhei ao redor, me perguntando onde poderia me banhar. Eu estava cansado, dolorido e sujo pela viagem. O frescor da manhã me fez desejar um frescor semelhante. Já havia me exaurido emocionalmente. De fato, conforme dava prosseguimento aos meus afazeres, eu me flagrei refletindo sobre a minha agitação intensa da noite anterior. Examinei com cuidado o solo ao redor do pequeno prado. Gastei algum tempo interrogando, tanto quanto era capaz, as pessoinhas que passavam, mas foi em vão. Nenhuma delas conseguiu compreender os meus gestos; algumas permaneceram simplesmente estólicas, outras acharam que era brincadeira e riram de mim. Era a tarefa mais árdua do mundo manter as mãos longe daquelas carinhas bonitinhas que davam risada. Era um impulso estúpido, mas o demônio nascido do

medo e da fúria cega estava mal contido e ávido ainda por tirar vantagem da minha perplexidade. A relva me foi mais útil. Encontrei um sulco nela, a meio caminho entre o pedestal da esfinge e as marcas que fiz com os pés ao me debater com a máquina capotada assim que chegara. Havia outros sinais de sua remoção, além de estranhas pegadas estreitas, como as que imagino que seriam feitas por um bicho-preguiça. Isso direcionou a minha atenção mais detida para o pedestal. Era de bronze, como eu disse antes. Não era um mero bloco, e sim ricamente decorado com chapas de moldura profunda em ambos os lados. Bati nelas com a mão. O pedestal era oco. Ao examinar as chapas com cuidado, percebi que havia uma descontinuidade delas com a estrutura. Não havia alças nem trancas, mas era possível que, se fossem portas, como imaginei, as chapas abrissem por dentro. Uma coisa ficou bastante clara para mim: não era necessário um grande esforço mental para inferir que a Máquina do Tempo estava dentro daquele pedestal. Mas como ela havia ido parar lá era outra história.

“Por entre os arbustos debaixo das macieiras floridas, vi as cabeças de duas pessoas vestidas de laranja vindo na minha direção. Sorrindo, chamei-as até a mim. Elas vieram, e então, apontando para o pedestal de bronze, tentei demonstrar meu desejo de abri-lo. Mas, ao meu primeiro gesto, elas se comportaram de uma forma muito esquisita. Não sei como transmitir a expressão aos senhores. Imaginem que tivessem usado um gesto grosseiramente inadequado perto de uma mulher de modos delicados — ela reagiria da mesma forma. Elas saíram correndo como se tivessem recebido o pior insulto possível. Na sequência, tentei o mesmo com um camaradinho de branco e de aspecto meigo, e obtive o mesmo resultado. De algum modo, sua reação fez com que eu me sentisse constrangido. Mas, como os senhores sabem, eu queria a minha Máquina do Tempo, e insisti com ele. Conforme ele fugia de mim, como os outros, meu temperamento me venceu. Alcancei-o com três passadas, agarrei-o pela parte frouxa da túnica atrás do pescoço e comecei a arrastá-lo até a esfinge. Foi então que vi o horror e a repugnância em seu rosto e, de repente, o soltei.

“Mas não me dei por vencido. Bati com o punho nas chapas de bronze. Pensei ter ouvido algo se mexer lá dentro — para ser mais explícito, pensei ter ouvido uma risadinha, mas devo ter me enganado. Depois peguei um pedregulho do rio, voltei e martelei com ele até amassar uma das volutas da decoração, e o azinhavre descascou em flocos pulverizados. As pessoinhas delicadas devem ter me ouvido martelando, em surtos resfolegantes, a mais de um quilômetro de distância, mas ninguém apareceu. Vi um bando deles sobre os barrancos, olhando para mim furtivamente. Por fim, suado e cansado, eu me sentei para observar o lugar. Mas estava agitado demais para ficar observando por muito tempo; minha disposição é demasiado ocidental³⁷ para suportar uma vigília longa. Sou capaz de trabalhar num problema por anos a fio, mas esperar inativo por vinte e quatro horas é outra coisa.

“Levantei-me depois de um tempo e comecei a andar sem rumo pelos arbustos que subiam o morro outra vez. ‘Paciência’, disse a mim mesmo. ‘Se você quer sua máquina de novo, vai ter que deixar a esfinge em paz. Se eles quiserem ficar com a máquina, não adianta muito destruir as chapas de bronze. Se não quiserem, você vai recuperá-la assim que conseguir pedir. Não tem futuro ficar sentado aqui no meio dessas coisas desconhecidas, tentando resolver um quebra-cabeça. Esse é o caminho da monomania. Enfrente este mundo. Aprenda os seus costumes, observe-os, não tire conclusões apressadas. No final, você vai encontrar resposta para tudo.’

De repente, captei a ironia da situação: foram anos de estudo e labor para chegar ao futuro e, agora, a minha paixão ansiosa era ir embora. Eu armara para mim mesmo a mais complicada e inescapável armadilha que um homem já concebera. Ainda que fosse à minha própria custa, não pude me segurar. Comecei a rir alto.

“Ao atravessar o grande palácio, pareceu-me que as pessoinhas estavam me evitando. Pode ter sido só impressão ou pode ter tido algo a ver com as marteladas nos portões de bronze. Em todo caso, eu estava bastante convencido de que estavam me evitando. Tomei cuidado, porém, para não deixar transparecer minha preocupação e me abster de procurá-los, e,

no decorrer de um dia ou dois, as coisas voltaram ao mesmo pé de antes. Fiz todo o progresso que podia na língua deles, e, além disso, levei adiante as explorações aqui e acolá. Ou alguma particularidade sutil me escapara ou a língua deles era excessivamente simples — composta quase que de forma exclusiva por substantivos concretos e verbos. Parecia haver pouco ou até mesmo nenhum termo abstrato, e o uso de linguagem figurativa³⁸ era raro. Suas frases, no geral, eram simples e constituídas de duas palavras, e eu não conseguia transmitir ou compreender nada além das mais simples das proposições. Decidi guardar os pensamentos sobre a Máquina do Tempo e o mistério das portas de bronze sob a esfinge num canto da memória, tanto quanto fosse possível, até que o conhecimento que eu acumulava pudesse me levar de volta a eles com naturalidade. Porém uma certa sensação, que os senhores vão entender, me prendia num círculo de alguns quilômetros em torno do meu ponto de chegada.”

³⁶. Os termos “paixão” (*passion*) e “apaixonado” (*passionate*) são usados por Wells com um sentido mais antigo. As palavras derivam do latim *passio* e do grego *páthos*, que significa “sofrer”, “estar sujeito a algo”, e descrevem qualquer emoção forte e não apenas a paixão no contexto amoroso.

³⁷. Wells aqui partilha uma ideia racista perigosa, porém corrente, do séc.XIX, de que diferentes “raças” têm diferentes disposições. Em seu *The Outline of History* (1919-20), ele distingue os ocidentais dos orientais, identificando no Ocidente uma disposição ativa, dinâmica e inquieta, enquanto os orientais seriam mais propensos à inatividade e à paciência. Apesar desse pensamento racista, no entanto, é importante frisar que Wells nessa obra nega qualquer ideal de purismo ou superioridade entre raças.

³⁸. Nas línguas humanas a tendência é derivarmos palavras abstratas a partir de palavras concretas via metáfora (a própria palavra “abstrato”, por exemplo, vem do latim *abstractus* com o sentido concreto de “afastado, separado”), logo, a ausência de termos abstratos seria mais uma evidência da condição primitiva do povo do futuro.

EXPLICAÇÃO

— ATÉ ONDE ERA POSSÍVEL VER, o mundo inteiro exibia a mesma exuberância do vale do Tâmis. De toda colina que eu subia, podia observar a mesma abundância de esplêndidas construções, infinitamente variadas em material e estilo, os mesmos matagais de plantas de folhagem perene, as mesmas árvores carregadas de flores e samambaias. Aqui e ali a água reluzia que nem prata, e à distância a terra se erguia em colinas azuis ondulantes, até desaparecer na serenidade do céu. Uma característica peculiar, que logo atraiu minha atenção, foi a presença de certos poços circulares, vários, como me parecia, muito profundos. Havia um deles na trilha que eu pegara para subir a colina em minha primeira caminhada. Como os outros, tinha as bordas revestidas de bronze, curiosamente adornado, e era protegido da chuva por uma pequena cúpula. Sentado diante desses poços e olhando para dentro, para a escuridão entrincheirada, eu não conseguia ver o menor relance de água, nem fazer qualquer reflexo com um fósforo aceso. Mas em todos eu ouvia um certo som, um tum-tum-tum, como os baques de um grande motor; e descobri, acendendo meus fósforos, que havia uma corrente de ar descendo os dutos. Além do mais, atirei um pedaço de papel num deles e, em vez de ele descer pairando devagar, foi sugado de uma vez e desapareceu de vista.

“Após um tempo, também, passei a ligar esses poços às torres altas que se viam aqui e ali sobre os barrancos, pois acima delas muitas vezes reluzia o tipo de lampejo no ar que se observa num dia quente ou sobre uma praia crestada pelo sol.

Ligando os pontos, cheguei a uma hipótese forte sobre a existência de um extenso sistema subterrâneo de ventilação cujo propósito real era difícil imaginar. A princípio minha inclinação era associá-lo aos aparatos sanitários daquele povo. Era uma conclusão óbvia, mas absolutamente errada.

“E aqui devo admitir que aprendi pouquíssimo sobre ralos, encanamentos, modos de distribuição e conveniências semelhantes durante o meu tempo nesse futuro real. Em algumas dessas visões de Utopias³⁹ e tempos vindouros que já li, há uma vasta quantidade de detalhes sobre construções e arranjos sociais, e assim por diante. Mas, ainda que tais detalhes sejam fáceis o suficiente de ser obtidos quando o mundo inteiro está contido na imaginação do autor, eles são completamente inacessíveis a um viajante de verdade em meio a tais realidades, como eu lá descobri. Imaginem o relato que um negro recém-saído da África central faria a respeito de Londres ao voltar à sua tribo! O que ele saberia das companhias ferroviárias, dos movimentos sociais, dos fios de telégrafo e telefone, da *Parcels Delivery Company*,⁴⁰ dos vales postais e coisas assim? Porém nós, pelo menos, estaríamos dispostos a lhe explicar tudo isso! E mesmo do que ele aprendesse, o quanto disso ele seria capaz de fazer um amigo não viajado apreender ou acreditar? Então, pensem no quão estreita é a lacuna entre o africano e o europeu de nossa própria era e no quão amplo é o intervalo entre mim e aqueles da Idade de Ouro! Eu tinha consciência do muito que ainda havia por ver que contribuía para o meu conforto; mas, salvo por uma impressão geral de organização automática, temo não conseguir transmitir quase nada dessa diferença a vossos espíritos.

“Em matéria de sepulcro, por exemplo, não conseguia ver qualquer sinal de crematórios nem nada que sugerisse túmulos. Mas me ocorreu que, possivelmente, pudesse haver cemitérios (ou crematórios) em algum lugar além do alcance das minhas explorações. Isso também foi uma pergunta que fiz a mim mesmo deliberadamente, e a princípio a minha curiosidade foi derrotada por completo nessa questão. A coisa me intrigava, e fui levado a reparar também em outro ponto, que me intrigou

ainda mais: entre aquele povo não se viam velhos nem enfermos.

“Devo confessar que minha satisfação com minhas primeiras teorias de uma civilização automática⁴¹ e uma humanidade decadente não duraram muito. Porém eu era incapaz de conceber qualquer outra. Deixem-me expor minhas dificuldades. Os vários grandes palácios que eu explorara eram meros espaços de habitação, grandes salões de jantar e apartamentos para dormir. Não encontrei maquinário algum ou utensílio de qualquer natureza. No entanto, essas pessoas trajavam tecidos bonitos que devem por vezes precisar ser substituídos, e suas sandálias, ainda que despojadas, eram espécimes razoavelmente complexos de metalurgia. De algum modo tais coisas devem ter sido construídas. E as pessoinhas não demonstravam nenhum vestígio de tendências criativas. Não havia lojas, nem oficinas e nenhum sinal de importações entre elas. Elas passavam seu tempo todo em folguedos despreocupados, banhando-se no rio, fazendo amor de forma brincalhona, comendo frutas e dormindo. Eu não conseguia ver como as coisas eram mantidas funcionando.

“E, mais uma vez, a Máquina do Tempo: algo, o que ao certo eu não sabia, a levava ao pedestal oco da Esfinge Branca. *Por quê?* Juro pela minha vida que eu não conseguia imaginar. Aqueles poços sem água também, aqueles pilares que tremeluziam. Eu sentia que me faltava uma pista. Sentia... como colocar em palavras? Imaginem que os senhores encontrassem uma inscrição com frases aqui e ali em nosso idioma, claras e simples, mas, interpoladas nelas, outras frases feitas de palavras e até mesmo letras que lhes fossem absolutamente desconhecidas. Bem, no terceiro dia de minha visita, era assim que o mundo do ano 802701 se apresentava a mim!

“Naquele dia, fiz também uma amizade — ou algo parecido. Ocorreu que, enquanto eu observava algumas das pessoinhas se banhando na parte rasa do rio, uma delas foi acometida de câibras e começou a ser arrastada correnteza abaixo. A corrente principal era um tanto rápida, mas não muito forte nem mesmo para um nadador moderado. Os senhores terão uma ideia, portanto, da estranha deficiência dessas criaturas

quando eu lhes contar que nenhuma delas fez a menor tentativa de resgatar aquela coisinha fraca que chorava enquanto se afogava diante deles. Quando me dei conta disso, tirei as roupas depressa e, vadeando num ponto mais adiante, peguei a pobre criatura e a levei em segurança para terra firme.⁴² Esfreguei seus membros de leve, logo a fiz recobrar a consciência e tive a satisfação de ver que estava em boas condições antes de eu deixá-la. Eu já formara uma opinião tão negativa de sua raça que não esperava dela qualquer gratidão. Nisso, porém, me enganara.

“Isso aconteceu de manhã. À tarde, encontrei a pequena mulher, que é o que acredito que ela fosse, ao retornar de uma de minhas explorações, e ela me recebeu com gritos de alegria e me presenteou com uma grande guirlanda de flores — evidentemente feita para mim e só para mim. A coisa tomou a minha imaginação. É muito possível que eu estivesse me sentindo solitário. Em todo caso, fiz o melhor para demonstrar que apreciava o presente. Logo estávamos sentados sob um pequeno caramanchão de pedra, engajados numa conversa que consistia sobretudo de sorrisos. A amabilidade da criatura me atingiu como a de uma criança me atingiria. Passamos flores um ao outro, e ela beijou as minhas mãos. Fiz o mesmo com as delas. Então tentei conversar e descobri que se chamava Weena, o que, por mais que eu não soubesse o que significava, de algum modo me pareceu bastante adequado.⁴³ Esse foi o começo de uma amizade estranha que durou uma semana e depois acabou — como vou lhes contar!

“Ela era exatamente como uma criança. Queria ficar comigo o tempo inteiro. Tentava me acompanhar aonde eu fosse, e em minha jornada seguinte me doeu o coração quando ela se cansou e tive que deixá-la para trás, exausta, chamando por mim lastimosamente. Mas os problemas do mundo precisavam ser dominados. Eu não viera ao futuro, dizia a mim mesmo, atrás de um flerte em miniatura. Porém era muito grande a sua aflição quando eu a deixava, frenéticas as suas queixas à ocasião da partida, e acho que, no geral, eu extraía tanta perturbação quanto consolo dessa devoção. Em todo caso, ela me foi, de algum modo, um grande conforto. Pensei que fosse mero afeto infantil o que fazia com que ela se prendesse a

mim. Só entendi tarde demais o mal que eu infligia nela quando a deixava. Também foi só quando já era tarde demais que compreendi com clareza o que ela foi para mim. Pois, meramente por parecer gostar de mim e demonstrar seu apreço daquele jeitinho fraco e fútil, a bonequinha que era aquela criatura dava aos meus retornos à vizinhança da Esfinge Branca quase um sentimento de voltar para casa; e eu ficava à espera de rever sua pequena figura pálida e loura assim que alcançava a colina.

“Foi com ela também que aprendi que o medo ainda não abandonara o mundo. Era bastante destemida à luz do dia e confiava muito em mim, pois uma vez, num momento de bobeira, eu lhe fiz caretas ameaçadoras e ela simplesmente riu. Mas ela temia as trevas, temia as sombras, temia coisas escuras. A escuridão para ela era uma coisa pavorosa. Era uma emoção singularmente apaixonada, que me fez ficar pensando e observando. Descobri então, entre outras coisas, que essas pessoinhas se reuniam nas grandes casas quando escurecia e dormiam em bandos. Entrar nessas casas sem luz implicava criar entre elas todo um tumulto de apreensões. Nunca encontrei ninguém do lado de fora, nem dormindo sozinho lá dentro, depois que escurecia. Porém eu ainda era tão estúpido que não aprendi a lição desse medo e, apesar da aflição de Weena, insistia em dormir longe das multidões ressonantes.

“Isso muito a perturbava, mas, no fim, seu estranho afeto por mim triunfava, e em cinco das noites de nossa amizade, incluindo a última, ela dormiu com a cabeça apoiada em meu braço. Mas estou me afastando da história ao falar dela. Deve ter sido na noite antes de eu resgatá-la que, perto do amanhecer, fui acordado. Eu estava inquieto, tive sonhos desagradáveis de que me afogava e que anêmonas-do-mar apalpavam meu rosto com seus tentáculos macios. Acordei de sobressalto e com a impressão estranha de que algum animal acinzentado passara fugindo pelo aposento. Tentei adormecer outra vez, mas me sentia inquieto e desconfortável. Era aquela hora cinza e escura em que as coisas estão começando a ganhar forma em meio às trevas, quando tudo ainda é incolor e nítido e, no entanto, irreal. Levantei e fui até o grande salão,

andando pelas pedras que pavimentavam a frente do palácio. Decidi tirar proveito da situação e observar o nascer do Sol.

“A Lua estava se pondo, e o luar moribundo e a primeira palidez da manhã se misturavam numa meia-luz macilenta. Os arbustos estavam negros como nanquim, o chão, de um cinza sombrio, o céu, sem cor e infeliz. E, subindo a colina, pensei ter visto fantasmas. Várias vezes, enquanto perscrutava o barranco, pude ver umas figuras brancas. Duas vezes pareceu-me distinguir uma criatura simiesca, branca, solitária, correndo rapidamente morro acima, e uma vez perto das ruínas vi algumas delas carregando um corpo escuro. Moviam-se depressa. Não pude ver o que aconteceu com elas. Pareceram sumir em meio aos arbustos. A aurora ainda era indistinta, os senhores hão de compreender. Eu experimentava aquela sensação gélida, incerta, do começo da manhã, que os senhores devem conhecer. Duvidava de meus próprios olhos.

“Conforme o lado oriental do céu se iluminava, a luz do dia chegava e sua cor vívida retornava ao mundo outra vez, pude observar a paisagem com mais nitidez. Mas não vi mais vestígio das figuras brancas. Eram meras criaturas da meia-luz. ‘Devem ter sido fantasmas’, eu disse, ‘de que época será que são?’ Pois uma das ideias estranhas de Grant Allen⁴⁴ me veio à cabeça e prendeu minha atenção. Se cada geração morre e deixa fantasmas, ele argumentava, o mundo virá, por fim, a ficar lotado deles. Com base nessa teoria, eles deveriam ter se tornado incontáveis nesses oitocentos mil anos, e não seria, portanto, causa para grande espanto ver quatro deles de uma vez só. Mas o gracejo não me satisfez, e pensei naquelas figuras a manhã inteira, até que o resgate de Weena as expulsou de minha cabeça. Eu as associei, de algum modo indefinido, com o animal branco que eu havia perturbado em minha primeira busca desesperada pela Máquina do Tempo. Mas pensar em Weena era mais agradável. Em todo caso, porém, logo eles viriam ocupar meus pensamentos de uma forma muito mais mortífera.

“Acredito que já comentei como o clima dessa Idade de Ouro era mais quente que o nosso. Não posso explicar o porquê. Pode ser que o Sol fosse mais quente ou a Terra mais próxima do Sol. É comum presumir que o Sol ficará cada vez mais frio

no futuro. Mas, como não conhecem teorias tais como as do mais jovem Darwin,⁴⁵ as pessoas se esquecem de que os planetas devem, no fim, retornar um por um ao corpo que os gerou. Conforme tais catástrofes ocorrerem, o Sol passará a queimar com forças renovadas; e pode ser que algum planeta mais próximo tenha sofrido esse destino. Qualquer que seja o motivo, permanece o fato de que o Sol era muito mais quente do que como o conhecemos.

“Bem, numa manhã muito quente — a minha quarta, acredito —, eu buscava abrigo do calor e da claridade numa ruína colossal próxima da grande casa onde eu dormia e comia, e aconteceu uma coisa estranha: ao subir pelas pilhas de alvenaria, encontrei uma galeria estreita, cujas janelas do fundo e dos lados estavam bloqueadas por massas de pedras caídas. Em contraste com a claridade externa, lá me parecia impenetravelmente escuro. Entrei tateando, pois a mudança da luz para a escuridão fez com que manchas de cores nadassem diante de mim. De repente eu parei, fascinado. Um par de olhos, luminosos por conta do reflexo contra a luz do Sol lá fora, me observava do interior das trevas.

“O velho pavor instintivo de feras selvagens recaiu sobre mim. Cerrei os punhos e encarei com firmeza aqueles dois olhos que me fitavam. Tive medo de me virar. Nisso, a ideia da segurança absoluta na qual a humanidade parecia estar vivendo me veio à mente. E então me lembrei do estranho terror do escuro. Superando meu medo em algum grau, avancei um passo e me pronunciei. Admito que minha voz era ríspida e pouco contida. Estendi a mão e esbarrei em algo macio. Os olhos dispararam para o lado num sobressalto e algo branco passou por mim correndo. Eu me virei com o coração na boca e vi uma figura simiesca esquisita, a cabeça baixada de forma peculiar, correndo pelo espaço ensolarado atrás de mim. Ela trombou com um bloco de granito, deu a volta cambaleando, e num instante estava escondida numa sombra escura sob outra pilha de alvenaria arruinada.

“A minha impressão da criatura, é claro, é imperfeita; mas sei que ela era de um branco baço e tinha estranhos olhos grandes cinzento-avermelhados; também tinha pelos pálidos na cabeça e nas costas. Mas, como digo, correu rápido demais para eu

vê-la com distinção. Não sei nem mesmo dizer se corria como um quadrúpede ou se apenas andava com os braços muito rentes ao chão. Após um instante de pausa, segui-a até uma segunda pilha de ruínas. A princípio não pude encontrá-la; mas, após um tempo na escuridão profunda, esbarrei numa daquelas aberturas redondas, parecidas com poços, de que já lhes falei, semiobstruída por um pilar tombado. Um pensamento súbito me veio. Será que essa Coisa teria descido pelo duto? Acendi um fósforo e, olhando para baixo, vi uma criatura pequena e branca se mexendo, com olhos grandes e iluminados que me fitavam sem hesitar enquanto recuava. Aquilo me fez estremecer. Parecia uma aranha humana! Ela descia pela parede e agora pude ver pela primeira vez que havia apoios para pés e mãos que formavam um tipo de escada descendo o duto. Então o fogo queimou meus dedos e o fósforo caiu, se apagando na queda, e, quando acendi outro, o monstrinho já havia desaparecido.

“Não sei por quanto tempo fiquei ali sentado, olhando para dentro do poço. Demorou um tanto para eu conseguir me persuadir de que a coisa que eu vira era humana. Mas a verdade me veio gradualmente: o Homem havia perdurado não como uma única espécie, mas se diferenciado em dois animais distintos; as minhas crianças graciosas do Mundo Superior não eram as únicas descendentes da nossa geração, e essa Coisa esbranquiçada, asquerosa, noturna, que corraera diante de mim, também era herdeira de todas as eras.⁴⁶

“Pensei nos pilares tremeluzentes e na minha teoria dos dutos de ventilação subterrânea. Comecei então a ter uma suspeita do seu real propósito. E o que, eu me perguntava, fazia aquele Lêmure⁴⁷ em meu esquema de uma organização em perfeito equilíbrio? Como isso se relacionava à serenidade indolente dos belos habitantes do Mundo Superior? E o que se escondia lá embaixo, ao pé daquele duto? Eu me sentei na beirada do poço dizendo a mim mesmo que, em todo caso, não havia nada a temer, e que eu deveria descer atrás da solução para as minhas dificuldades. Ainda assim, eu temia descer! Enquanto eu hesitava, um casal daquele belo povo do Mundo Superior veio correndo, em meio a brincadeiras amorosas, abrigando-se

da luz do Sol numa sombra. O macho corria atrás da fêmea, lançando flores nela.

“Pareceram perturbados em me encontrar com o braço apoiado no pilar tombado, olhando poço adentro. Aparentemente era considerado falta de educação reparar naquelas aberturas; pois quando apontei e tentei formular uma pergunta sobre ela em sua língua, eles ficaram ainda mais visivelmente perturbados e se afastaram. Mas tinham interesse em meus palitos de fósforo, e acendi um deles para diverti-los. Tentei perguntar sobre o poço de novo e de novo fracassei. Assim, pois, eu os abandonei, com a intenção de voltar a Weena e ver o que conseguia com ela. Mas minha mente já dava voltas; minhas impressões e suposições foram mudando e mudando até chegarem a um novo ajuste. Eu tinha agora uma pista quanto à importância daqueles poços, as torres de ventilação, o mistério dos fantasmas; para não falar de uma pista quanto ao sentido dos portões de bronze e o destino da Máquina do Tempo! E bem vagamente me veio uma sugestão quanto à solução do problema econômico que me intrigara.

“Esse era o novo panorama. Era óbvio que essa segunda espécie de Homem era subterrânea. Havia três circunstâncias em particular que me fizeram pensar que sua rara emergência à superfície da terra era o resultado de um hábito subterrâneo de longa data. Em primeiro lugar, eles tinham aquele aspecto esbranquiçado comum à maioria dos animais que habitam sobretudo lugares escuros — os peixes brancos das cavernas do Kentucky,⁴⁸ por exemplo. Depois, aqueles grandes olhos, com capacidade de refletir luz, que são traços comuns de coisas noturnas — vide a coruja e o gato. E, por fim, aquela confusão evidente à luz do dia, a fuga apressada porém desajeitada rumo ao escuro das sombras, e o porte peculiar da cabeça à luz — tudo reforçava a teoria de uma sensibilidade extrema das retinas.

“Sob meus pés, portanto, a terra devia abrigar túneis enormes, que eram o *habitat* da nova raça. A presença de dutos de ventilação e poços nos barrancos — onipresentes exceto no vale do rio — demonstrava o quanto suas ramificações eram amplas. O que seria mais natural, portanto, do que presumir que era nesse Submundo artificial que se realizava um trabalho

tal qual o necessário para manter o conforto da raça diurna? A noção era tão plausível que eu a aceitei de imediato, e continuei especulando *como* se dera a divisão da espécie humana. Ouso dizer que os senhores hão de antecipar a forma de minha teoria; porém, de minha parte, logo descobri que estava longe da verdade.

“A princípio, partindo dos problemas da nossa própria era, me pareceu claro como o dia que a ampliação gradual da diferença, hoje meramente temporária e social, entre o Capitalista e o Proletário era a chave de toda a questão. Sem dúvida há de lhes parecer bastante grotesco — e absolutamente inacreditável! —, e, no entanto, mesmo agora há circunstâncias que apontam nessa direção. Existe uma tendência ao uso de espaços subterrâneos para os propósitos menos ornamentais da civilização; a Ferrovia Metropolitana de Londres,⁴⁹ por exemplo, os novos bondes elétricos, as passagens subterrâneas, os escritórios e restaurantes subterrâneos, e tudo isso cresce e se multiplica. É evidente, pensei, que essa tendência tenha aumentado até a Indústria gradualmente perder seu lugar ao sol. Quero dizer com isso que ela teria ido mais e mais fundo em fábricas cada vez mais colossais, passando cada vez mais tempo nelas, até que, no fim...! Mesmo hoje, os trabalhadores do East End não vivem em condições tão artificiais que estão praticamente apartados da superfície natural da terra?⁵⁰

“De novo, a tendência exclusivista dos mais ricos — sem dúvida devida ao refinamento cada vez maior de sua educação e ao abismo crescente entre eles e a violência grosseira dos pobres — já está levando à interdição, em seu benefício, de porções consideráveis da superfície terrestre. Em Londres, por exemplo, talvez metade dos terrenos mais bonitos já estejam fechados contra intrusos. E esse mesmo abismo crescente — que deriva, da parte dos ricos, da extensão e das despesas dos seus processos educacionais superiores, bem como das facilidades e tentações, cada vez maiores, de obter hábitos refinados — fará com que sejam menos e menos frequentes os câmbios entre as classes e a promoção de casamentos inter-raciais, que hoje retardam a separação da nossa espécie em linhas de estratificação social. Desse modo, no fim, na

superfície teremos os Possuidores, que buscam prazer e conforto e beleza, e, sob a terra, os Despossuídos, os Operários continuamente adaptando-se às suas condições de trabalho. Uma vez lá, eles teriam sem dúvida de pagar aluguel, que não seria barato, pela ventilação de suas cavernas; se eles se recusassem, morreriam de fome ou sufocados para pagar as dívidas. Os de constituição suscetível à infelicidade ou à rebeldia morreriam; e, no fim, sendo permanente o equilíbrio, os sobreviventes se tornariam tão adaptados às condições da vida subterrânea e tão felizes em seus modos quanto as pessoas do Mundo Superior nos seus. Como me parecia, a beleza fina e a palidez estiolada eram consequências bastante naturais.

“O grande triunfo da Humanidade com o qual eu sonhara assumia uma forma diferente em meu espírito. De forma alguma fora triunfo da educação moral e da cooperação generalizada, como eu imaginara. Em vez disso, eu via uma autêntica aristocracia, armada com uma ciência aperfeiçoada e trabalhando para levar o sistema industrial de hoje a uma conclusão lógica. Seu triunfo não fora um simples triunfo sobre a natureza, mas um triunfo sobre a natureza e também sobre o próximo. Tal, devo lhes avisar, era a minha teoria até então. Não tive um cicerone adequado,⁵¹ no padrão dos meus livros utópicos. Minha explicação pode estar absolutamente equivocada. Ainda acredito que é a mais plausível. Mas, mesmo com base nessa suposição, o estágio de civilização equilibrada que por fim foi conquistado deveria há muito tempo ter ultrapassado o seu zênite, e agora afundava na decadência. A segurança demasiadamente perfeita dos habitantes do Mundo Superior os levava a um movimento lento de degeneração, até definharem de forma generalizada no tocante a tamanho, força e inteligência. Isso eu já podia ver com clareza o bastante. O que acontecera com os Subterrâneos eu ainda não suspeitava; mas, pelo que pude ver dos Morlocks — esse, aliás, era o nome pelo qual essas criaturas se chamavam —, imagino que a modificação do tipo humano fora ainda mais profunda do que entre os Elói,⁵² a bela raça que eu já conhecia.

“Então vieram as dúvidas perturbadoras. Por que os Morlocks haviam tomado a minha Máquina do Tempo? Pois estava certo que tinham sido eles. E por que, também, se os Elói eram os mestres, eles não podiam devolvê-la para mim? E por que eles tinham um temor tão terrível do escuro? Continuei, como disse, a questionar Weena sobre esse Submundo, mas novamente me decepcionei. A princípio ela não compreendia minhas perguntas e depois se recusou a respondê-las. Ela tremia, como se o assunto fosse insuportável. E, quando eu a pressionava, talvez exagerando um pouco na rispidez, ela irrompia em prantos. Aquela foi a única vez que vi lágrimas, exceto pelas minhas próprias, naquela Idade de Ouro. Ao vê-las, cessei subitamente de perturbá-la com os Morlocks e minha única preocupação passou a ser expulsar esses sinais da herança humana dos olhos de Weena. Em pouco tempo, ela voltara a sorrir e a bater palmas enquanto eu solenemente queimava um palito de fósforo.”

[39.](#) *Utopia* (do grego “lugar nenhum”) é um romance de Thomas More, publicado em 1516, que descreve a visita de um viajante à ilha epônima. Ainda que o sentido da obra esteja em aberto, o termo passou a ser utilizado para se referir a imaginações idealizadas do futuro. Como um gênero literário, as utopias eram uma tendência bastante popular no final do séc.XIX, especialmente nos meios socialistas, como se observa em obras como *Looking Backward* (1888), de Edward Bellamy, na qual um homem acorda no ano 2000 e descobre que todos os problemas de classe foram resolvidos, e *News from Nowhere* (1890), de William Morris, no qual um homem também acorda num futuro no qual a propriedade privada e o sistema monetário foram abolidos e a sociedade funciona com base no prazer no trabalho.

[40.](#) A empresa de entrega de encomendas de Londres, fundada em 1837, alguns anos após os correios ingleses serem proibidos de oferecer esse tipo de serviço, em 1794.

[41.](#) Uma civilização que funciona perfeitamente, segundo esquemas de uma “organização automática” que eliminam a desigualdade, como se vê nas utopias do séc.XIX.

[42.](#) A preocupação com afogamento era um tema importante na época, tanto que a instituição de caridade Royal Humane Society havia sido fundada originalmente, em 1774, com o nome de Society for the Recovery of Persons Apparently Drowned e dava prêmios anuais para quem tivesse salvado alguém de se afogar (Bram Stoker, por exemplo, autor de *Drácula*, havia recebido o prêmio em 1882 por ter resgatado um afogado do Tâmis). Essa preocupação era vista como uma questão moral, e perdê-la no futuro era mais um sinal da degeneração e desumanização do ser humano.

[43.](#) Não é claro o que ele quer dizer com isso, mas é possível que Wells tivesse em mente o adjetivo inglês *wee*, que significa “pouco”, “pequeno”, e seria adequado para descrever Weena.

[44.](#) Grant Allen (1848-99) foi um escritor canadense, autor de diversos livros científicos de teor darwiniano, mas também de ficção, incluindo o gênero de horror gótico. No conto “Pallinghurst Barrow”, publicado originalmente no *Illustrated London News* em 1892 e inspirado por sua expedição ao forte de Ogbury Barrows, o protagonista se encontra numa expedição a um montículo funerário da Idade do Ferro e tem uma discussão sobre fantasmas com outro convidado num jantar. Porque a maioria dos relatos de fantasmas envolve figuras de gerações próximas, fica sugerida a possibilidade de que a capacidade de se ver fantasmas é limitada pela percepção histórica, de modo que haveria vastas hordas deles que permanecem obscuros por serem de tempos muito passados. Porém, ao realizar uma certa sequência de ações, o protagonista acaba tendo acesso a essa visão e é subitamente atacado por uma legião de fantasmas selvagens de homens pré-históricos.

[45.](#) Sir George Howard Darwin (1845-1912), segundo filho de Charles Darwin, que se torna professor de astronomia em Cambridge em 1884.

[46.](#) Citação do poema “Locksley Hall” (1842), de Tennyson: “*I the heir of all the ages, in the foremost files of time*” (Eu, o herdeiro de todas as eras, nas fileiras da vanguarda do tempo). Nele acompanhamos o monólogo dramático de um soldado enquanto passa pela sua cidade natal, a fictícia vila de Locksley Hall. Lá, ele pede aos seus companheiros que o deixem por um instante enquanto revive suas lembranças de infância e juventude, o que inclui memórias dolorosas de rejeição amorosa, mas que logo dão lugar a um entusiasmo pelo progresso e pela industrialização, que virá a acabar com locais pacatos como a própria Locksley Hall.

[47.](#) Lêmures eram um tipo de espírito temido entre os romanos, associados aos mortos incapazes de descansar. Um festival/ritual coletivo que acontecia nos meses de maio, chamado de Lemuria ou Lemuralia, visava a apaziguá-los ou exorcizá-los. O naturalista Carlos Lineu, ao descrever os primatas do gênero Lóris, escolheu chamá-los de lêmures como referência a esses espíritos, dadas as tendências noturnas e semelhanças desses animais com seres humanos, e o nome mais tarde se estendeu para abranger todo o ramo filogenético. Ambas as referências se aplicam metaforicamente à descrição do Morlock pelo Viajante do Tempo, pois se trata de um animal humanoide noturno que ele havia anteriormente confundido com um fantasma.

[48.](#) A Mammoth Cave, localizada no estado norte-americano do Kentucky, é a mais longa caverna conhecida e foi uma sensação no séc.XIX, atraindo a atenção de escritores e naturalistas. Os peixes encontrados lá são cegos e pálidos, como resultado da adaptação à escuridão.

[49.](#) Inaugurada em 1863, foi a primeira ferrovia subterrânea do mundo, conectando o centro de Londres a Paddington, em Westminster. A malha metroviária foi se expandindo a partir daí, e o fim do séc.XIX e o começo do XX testemunharam a introdução de linhas de carros movidos a eletricidade também. Desde vinte anos antes, porém, já existia o túnel do Tâmsa para pedestres, inaugurado em 1843, que ligava Wapping a Rotherhithe e foi louvado como “a oitava maravilha do mundo” à época, considerando-se o desafio de engenharia que foi construir um túnel sob um rio. Apesar de ter sido uma atração turística a princípio, o projeto foi um fracasso financeiramente, alvo de ridículo (por conta dos atrasos na construção) e logo passou a ser considerado perigoso, um ambiente propício para assaltos e prostituição, e acabou incorporado à malha metroviária em 1865.

[50.](#) Região com fronteiras pouco definidas que se estende a leste, para além das muralhas medievais da Cidade de Londres, ao norte do rio Tâmsa. A área é famosa por problemas urbanos de falta de infraestrutura, superpopulação, criminalidade e pobreza, que se agravaram no séc.XIX com a construção das docas de St.

Katharine, em 1827, e dos terminais de metrô, o que levou à demolição de favelas. A esqualidez da vida dos pobres foi registrada na obra de jornalistas como Henry Mayhew, autor de *London Labour and the London Poor* (1840), e George Sims, autor de *How the Poor Live* (1883) e *Horrible London* (1889). Os moradores do East End e suas condições miseráveis são um tema recorrente em ambas as obras.

[51](#). Em romances utópicos (ver nota 39) é comum que o protagonista, cuja perspectiva representa a visão e a confusão do leitor exposto a esse novo mundo representado, seja acompanhado por um guia do país visitado, que lhe mostra como as coisas funcionam. A palavra “cicerone” é de origem italiana, como um aumentativo do nome Cícero, em referência irônica ao famoso orador romano.

[52](#). Essa é a primeira vez em que o narrador menciona as espécies humanoides do futuro pelo nome. Os motivos para as origens desses nomes, porém, não são claros. Comentadores costumam identificar duas possibilidades para Elói: a partir do hebraico Elohim, um dos nomes de Deus usado no Antigo Testamento, ou do nome francês Éloi, que deriva do latim *Eligius*, com o sentido de “escolhido”. A palavra também é encontrada na famosa frase de Jesus na cruz, *Eloi, Eloi, lamá sabactâni?* (Marcos 15:34), que significa, em aramaico, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Quanto aos Morlocks, possíveis referências para o nome são: ainda no âmbito bíblico, o ídolo cananeu Moloch, que exigia sacrifícios de crianças (*Levítico* 18, 20 e *2 Reis* 23:10); a palavra *mullock*, expressão dialetal britânica que significa “lixo”, “detrito”; e o povo morlaco, uma comunidade rural do interior da Bósnia, cujo nome se tornou um termo pejorativo no séc.XVIII, associado a costumes “bárbaros” ou “atrasados”.

OS MORLOCKS

— PODE LHE PARECER ESTRANHO, mas levei dois dias até conseguir ir atrás da pista recém-descoberta da maneira que era obviamente a mais adequada. Sentia uma aversão peculiar àqueles corpos pálidos. Eles tinham a mesma coloração meio esbranquiçada de vermes e seres que se veem preservados no museu zoológico. E apresentavam uma frieza asquerosa ao toque. Provavelmente a minha aversão se dava em grande parte por influência empática dos Elói, cujo asco pelos Morlocks eu agora começava a entender.

“Na noite seguinte não consegui dormir direito. É provável que a minha saúde estivesse um pouco debilitada. Sentia-me oprimido pela perplexidade e pela dúvida. Uma vez ou duas tive uma sensação de medo intenso cujo motivo específico não conseguia identificar. Lembro de ter entrado, furtiva e silenciosamente, no grande salão onde as pessoinhas dormiam à luz do luar — Weena estava entre elas naquela noite — e ter me sentido mais seguro por sua presença. Ocorreu-me então que no espaço de alguns dias a Lua atingiria os últimos estágios de sua fase minguante e as noites ficariam mais escuras, e a aparição daquelas criaturas desagradáveis do submundo, aqueles lêmures embranquecidos, aquela praga nova que substituíra as antigas, poderia ficar mais abundante. E naqueles dois dias experimentei a sensação inquieta de quem tenta fugir de um dever inevitável. Tinha certeza de que a Máquina do Tempo só seria recuperada se eu penetrasse corajosamente naqueles mistérios subterrâneos. Porém eu era incapaz de enfrentar o mistério. Se pelo menos eu tivesse um

companheiro, as coisas seriam diferentes. Mas estava tão horrivelmente só que a mera ideia de descer até as trevas do poço me deixava estarecido. Não sei se os senhores compreenderão minha sensação, mas nunca sentia que tinha as costas seguras.

“Foi essa inquietude, essa insegurança, talvez, o que me levou mais e mais adiante em minhas expedições exploratórias. Seguindo na direção sudoeste, rumo a uma elevação que hoje chamamos de Combe Wood, eu havia observado ao longe, na direção da Banstead do século XIX, uma vasta estrutura verde, diferente de qualquer outra que eu vira até então. Superava o maior dos palácios ou ruínas que eu conhecia, e a fachada tinha um aspecto oriental: sua frente tinha o lustro e a pigmentação verde pálida, um tipo de verde azulado, de uma certa variedade de porcelana chinesa. Essa diferença de aspecto sugeria uma diferença de uso, e fiquei convencido de que deveria seguir em frente e explorar o lugar. Mas estava ficando tarde, e eu chegara diante dessa paisagem após um circuito longo e cansativo; por isso resolvi adiar a aventura para o dia seguinte e retornar ao carinho e às boas-vindas da pequena Weena. Mas, na manhã seguinte, percebi com bastante clareza que a minha curiosidade em relação ao Palácio de Porcelana Verde era só um pretexto para protelar por mais um dia uma experiência que me deixava apavorado. Decidi fazer minha descida sem mais delongas e comecei meu caminho de manhã cedinho rumo a um poço próximo às ruínas de granito e alumínio.

“A pequena Weena corria comigo. Ela dançava ao meu lado enquanto eu seguia até o poço, mas, quando me viu inclinado sobre a boca do poço para olhar lá dentro, ficou estranhamente desconcertada. ‘Adeus, pequena Weena’, eu disse, beijando-a. Então, colocando-a no chão, comecei a apalpar o parapeito, procurando os ganchos que serviam de escada — não sem alguma pressa, posso bem confessar, pois temia que a coragem pudesse me fugir! A princípio ela me observou com deslumbramento. Depois soltou um grito de dar pena e, correndo até mim, começou a me puxar com suas mãozinhas. No entanto, acredito que a sua oposição à minha empreitada tenha na verdade me inspirado a prosseguir. Eu me

desvencilhei dela, talvez com menos delicadeza do que deveria, e, no momento seguinte, já estava na garganta do poço. Vi seu rostinho agoniado sobre o parapeito, e sorri para reconfortá-la. Então precisei olhar para baixo para ver os ganchos instáveis nos quais me segurava.

“Tive que descer um duto de talvez duzentos metros. Ia me apoiando nas barras metálicas fixadas nas laterais do poço. Porém, sendo estas adaptadas às necessidades de uma criatura muito menor e mais leve do que eu, logo fiquei com câibras e fatigado. E não apenas fatigado! Uma das barras cedeu de repente sob o meu peso e quase me atirou na escuridão abaixo. Por um momento fiquei pendurado numa só mão e, depois dessa experiência, não tive mais coragem de me segurar por muito tempo nas barras outra vez. Apesar da dor aguda nos braços e nas costas, continuei prosseguindo em minha descida vertiginosa com os movimentos mais rápidos possíveis. Ao olhar para cima, vi a abertura, um pequeno disco azul no qual uma estrela era visível, com a cabeça da pequena Weena aparecendo como uma projeção redonda e escura. Os baques de uma máquina abaixo de mim ficavam cada vez mais altos e opressores. Tudo exceto o pequeno disco acima era profundamente escuro, e, quando olhei de novo, a pequena Weena havia desaparecido.

“O desconforto me deixava agoniado. Cogitei tentar subir o fosso outra vez e deixar o Submundo em paz. Mas, mesmo enquanto pensava nessas coisas, continuava descendo. Por fim, com alívio intenso, distingui, a um palmo à minha direita, um buraco estreito na parede. Ao me esgueirar por ele, descobri que era a abertura de um túnel horizontal apertado, no qual eu poderia deitar e descansar. Já não era sem tempo. Meus braços doíam, eu estava com câibras nas costas e tremia com o terror prolongado de cair. Além disso, as trevas sem fim causaram um efeito perturbador em meus olhos. A atmosfera latejava com os ruídos e zumbidos do maquinário que bombeava ar fosso adentro.

“Não sei por quanto tempo fiquei deitado. Fui despertado por uma pequena mão tocando meu rosto. Levantando de sobressalto no escuro, apanhei um de meus palitos de fósforo e, acendendo-o com pressa, vi três criaturas encurvadas

semelhantes à que vira nas ruínas, fugindo apressada da luz. Vivendo, como viviam, no que parecia uma escuridão impenetrável, seus olhos eram anormalmente grandes e sensíveis, como as pupilas de peixes abissais, e refletiam a luz do mesmo jeito. Não tenho dúvida de que conseguiam me ver naquela escuridão afótica, e eles não pareciam ter qualquer medo de mim, apenas da luz. Mas, assim que acendi o fósforo para vê-los, eles correram descontroladamente, desaparecendo nas trincheiras e nos túneis escuros, de onde seus olhos reluziam na minha direção do modo mais estranho.

“Tentei chamá-los, mas, pelo visto, a língua que falavam era distinta daquela das pessoas do Mundo Superior; de modo que eu estava necessariamente deixado à minha própria sorte, e a ideia de fugir antes de explorar persistia em meu espírito até mesmo nesses momentos. Mas disse a mim mesmo, ‘Você tem que ir até o fim’, e, tateando pelo túnel à minha frente, percebi que o barulho do maquinário estava ficando mais alto. Logo as paredes se distanciaram de mim, e cheguei a um grande espaço aberto. Acendendo outro fósforo, vi que havia entrado numa vasta caverna abobadada que se estendia em completa escuridão além do alcance da minha luz. Eu só via o quanto se pode ver à chama de um fósforo.

“Minhas lembranças são vagas. Vultos imensos como grandes máquinas se erguiam nas trevas e lançavam sombras negras grotescas, nas quais os Morlocks, em sua palidez espectral, se abrigavam do clarão. O lugar, aliás, era muito abafado e opressor, e havia no ar o cheiro distante de sangue recém-derramado. Mais adiante, havia uma mesinha de metal branca, posta com o que parecia ser uma refeição. Os Morlocks afinal eram carnívoros! Mesmo naquele momento me lembro de ter me perguntado que tipo de animal de grande porte teria sobrevivido para fornecer o corte de carne vermelha que vi. Tudo estava muito indistinto: o cheiro forte, os grandes vultos indefinidos, as figuras obscenas espreitando nas sombras e apenas à espera das trevas para virem na minha direção outra vez! Então o fósforo se consumiu, queimou meus dedos e caiu, um pontinho vermelho se retorcendo no negrume.

“Pensei no quanto eu estava particularmente despreparado para a experiência. Quando comecei o trabalho com a

Máquina do Tempo, partia da presunção absurda de que os homens do Futuro estariam infinitamente à nossa frente em todos os seus equipamentos. Cheguei sem armas, sem remédios, sem fumo — por vezes senti uma falta assustadora do meu tabaco — e nem mesmo tinha lá muitos fósforos. Ah, se ao menos tivesse pensado em levar uma Kodak!⁵³ Eu poderia ter fotografado aquele relance do Submundo num instante e depois examiná-lo com cuidado. Mas o fato é que eu estava munido apenas das armas e dos poderes que a natureza me concedera — mãos, pés e dentes; isso e os quatro fósforos que ainda me restavam.

“Fiquei com medo de avançar mais em meio a todo aquele maquinário no escuro, e foi apenas com meu último relance de luz que descobri que meu estoque de fósforos estava acabando. Até aquele momento nunca me ocorrera que houvesse necessidade de economizá-los, e eu já havia desperdiçado quase metade da caixa só distraindo os habitantes do Mundo Superior, para os quais o fogo era uma novidade. Agora, como disse, restavam apenas quatro fósforos, e, enquanto eu estava lá no escuro, a mão de alguém tocou a minha, dedos compridos apalparam meu rosto, e reparei num odor desagradável peculiar. Pensei ter ouvido o som da respiração de uma multidão daqueles serezinhos pavorosos ao meu redor. Senti a caixa de fósforos sendo delicadamente removida de minha mão e outras mãos mexendo em minhas roupas. A noção de que essas criaturas que eu não podia ver estavam me examinando era indescritivelmente desagradável. A percepção súbita de que eu ignorava seus modos de pensar e agir me atingiu de uma forma muitíssimo vívida na escuridão. Gritei com eles o mais alto que consegui. Eles se afastaram, e então pude senti-los se reaproximando. Passaram a me apalpar com mais coragem, sussurrando sons estranhos entre si. Estremeci com violência e gritei outra vez, bem irritado. Dessa vez ficaram menos seriamente alarmados e fizeram um barulho bizarro de risada enquanto voltavam na minha direção. Confesso que fiquei horivelmente assustado. Decidi que acenderia outro fósforo e escaparia protegido pelo seu clarão. Assim fiz e, despertando o fogo com um pedaço de papel do meu bolso, consegui fazer

uma boa retirada até o túnel estreito. Porém eu mal havia entrado nele quando meu fósforo se apagou e, na escuridão, pude ouvir o som dos Morlocks, como um farfalho de folhas ao vento ou o som da chuva batendo no telhado, enquanto corriam atrás de mim.

“Num instante fui agarrado por várias mãos, e não havia dúvida de que estavam tentando me arrastar de volta. Acendi outro fósforo e o balancei diante de seus rostos ofuscados. Os senhores não podem imaginar quão repugnantemente humanos eles pareciam, me encarando em sua cegueira e seu atordoamento com aqueles rostos pálidos e sem queixo, os grandes olhos de um cinza rosado e sem pálpebras! Mas não fiquei para ver, isso lhes juro: bati em retirada outra vez e, quando o segundo fósforo se apagou, acendi o terceiro. Ele havia quase terminado de queimar quando cheguei à abertura que levava ao duto. Deitei-me junto da beirada, pois o latejar da grande bomba abaixo me deixava tonto. Então tateei as paredes procurando os ganchos e, enquanto o fazia, algo agarrou meus pés, e fui puxado para trás com violência. Acendi o último fósforo... e ele se apagou na hora. Mas eu já tinha as mãos nas barras, e, chutando com violência, consegui me desvencilhar das garras dos Morlocks e subir rapidamente o duto, enquanto eles ficavam lá parados, olhando e piscando na minha direção: todos eles, menos um pequeno miserável que me seguiu um pouco e quase levou minha bota como troféu.

“A subida me pareceu interminável. Nos últimos seis ou nove metros uma náusea mortífera se apoderou de mim. Tive uma dificuldade imensa em manter as mãos nas barras. Os últimos lances foram uma luta pavorosa contra essa fraqueza. Várias vezes minha cabeça rodopiou, e eu experimentava todas as sensações de estar caindo. Por fim, no entanto, consegui de algum modo chegar à beira do poço e saí cambaleando daquelas ruínas rumo à luz de um sol que me cegava. Caí com o rosto no chão. Até mesmo o solo me parecia cheiroso e limpo. Depois lembro de ter sentido Weena beijando minhas mãos e orelhas, e as vozes de outros dos Elói. Em seguida, perdi os sentidos por um tempo.”

[53](#). A primeira câmera instantânea Kodak foi vendida em 1888 pelo inventor George Eastman, fundador da empresa. Esse modelo original vinha pré-carregado com filme e era devolvido à Kodak para as fotos serem reveladas.

QUANDO A NOITE CHEGOU

— AGORA EU PARECIA ESTAR, de fato, numa situação pior do que antes. Até o momento, exceto à noite, quando me sentia angustiado pela perda da Máquina do Tempo, eu nutria uma esperança de, no fim, conseguir escapar, e isso me dava forças, mas essa esperança fora abalada pelas novas descobertas. Até o momento, acreditava estar sendo impedido meramente pela simplicidade infantil das pessoinhas e por algumas forças desconhecidas que eu só precisaria compreender para superar; mas havia um elemento inteiramente novo na asquerosidade dos Morlocks, algo desumano e maligno. Eu os desprezava como se por instinto. Antes eu sentia o que um homem sentiria ao cair num buraco: minha preocupação era com o buraco e como escapar. Agora eu me sentia como um animal preso numa armadilha, com o inimigo prestes a alcançá-lo.

“Talvez os senhores se surpreendam ao saberem que inimigo eu tanto temia. Era a escuridão da Lua nova. Weena havia colocado isso em minha cabeça com alguns comentários, a princípio incompreensíveis, sobre as Noites Escuras. Agora já não era difícil imaginar o que a chegada das Noites Escuras poderia significar. A Lua estava minguante: a cada noite havia um intervalo mais longo de trevas. E agora eu compreendia em algum grau, ao menos, o motivo do medo que os pequenos habitantes do Mundo Superior tinham do escuro. Eu tentava vagamente imaginar a vilania torpe que os Morlocks aprontavam sob a Lua nova. Era bem certo agora que a minha segunda hipótese estava muitíssimo errada. As pessoas do Mundo Superior talvez tenham sido em algum momento a aristocracia privilegiada, e os Morlocks os seus criados mecânicos, mas essa era ficara para trás havia muito tempo.

As duas espécies que resultaram da evolução do ser humano seguiam rumo a uma relação totalmente nova, ou já a haviam alcançado. A decadência dos Elói, como a dos reis carolíngios,⁵⁴ os levaria à mera futilidade da beleza. Eles ainda possuíam a terra por um acordo tácito: uma vez que os Morlocks, subterrâneos havia inúmeras gerações, não toleravam a superfície iluminada do dia. E os Morlocks continuavam fabricando as suas roupas, eu intuía, e os proviam em suas necessidades habituais, talvez como sobrevivência de um velho hábito de prestar serviços. Eles o faziam do mesmo modo que um cavalo em pé pateia o solo, ou como um homem que tem prazer em matar animais por esporte: porque necessidades antigas e já ausentes fizeram com que esses comportamentos permanecessem impressos no seu organismo. Mas era claro que a ordem antiga fora em parte revertida. A Nêmesis⁵⁵ daqueles seres delicados vinha rastejando depressa. Eras antes, milhares de gerações no passado, o homem havia expulsado o seu irmão homem do conforto e da luz do Sol. E agora seu irmão voltava transformado! Já os Elói haviam começado a aprender de novo uma antiga lição. Estavam se acostumando outra vez com o Medo. E de repente me veio à cabeça a memória da carne que eu vira no Submundo. Foi estranho o modo como essa lembrança apareceu em minha mente: não suscitada pelo fluxo de minhas meditações, mas surgindo quase como uma questão externa. Tentei lembrar o formato da peça de carne. Tive uma noção vaga de algo familiar, mas não conseguia dizer ao certo o que era então.

“Ainda assim, porém, por mais indefesos que os pequenos fossem na presença do seu Medo misterioso, eu era de uma constituição diferente. Eu vinha desta nossa era, da maturidade primorosa da raça humana, quando o Medo não paralisa e o mistério perdeu seus terrores. Eu iria pelo menos me defender. Eu estava determinado a fabricar sem demora algumas armas para mim e um abrigo no qual eu pudesse dormir. Com esse refúgio como base, eu seria capaz de encarar esse mundo estranho com um pouco daquela mesma confiança que eu perdera ao perceber o tipo de criaturas às quais estava exposto noite após noite. Tive a sensação de que jamais conseguiria dormir de novo até que a minha cama estivesse segura contra

eles. Eu tremia de horror em pensar que eles já deviam ter me examinado antes.

“Passei a tarde vagando pelo vale do Tâmis, mas nenhum lugar que vi me sugeriu ser inacessível. Todas as construções e árvores pareciam fáceis de subir para escaladores habilidosos como os Morlocks deveriam ser, a julgar por seus poços. Então os píncaros do Palácio de Porcelana Verde e o brilho polido de suas paredes voltaram à minha memória; e, ao entardecer, levando Weena nos ombros como uma criança, subi os morros na direção sudoeste. Eu calculara que a distância seria de uns onze ou doze quilômetros, mas deve ter sido mais perto de vinte e oito. A primeira vez que eu avistara o lugar fora numa tarde úmida, quando as distâncias parecem enganosamente menores. Além disso, o salto de um dos meus sapatos estava frouxo, e um dos pregos começava a furar a sola — eram sapatos antigos e confortáveis que eu usava em casa —, de modo que eu coxeava. E foi bem depois do poente que vi o palácio, com sua silhueta preta contra o amarelo pálido do céu.

“Weena adorara quando comecei a carregá-la, mas após um tempo desejou que eu a pusesse no chão e seguiu me acompanhando lado a lado, ocasionalmente desviando do caminho aqui e acolá para colher flores e colocá-las em meus bolsos. Meus bolsos sempre foram motivo de intriga para Weena, e, no fim, ela concluiu que eram um tipo excêntrico de vaso para decoração floral. Pelo menos era para esse propósito que ela os utilizava. E isso me lembra! Ao trocar de paletó, eu encontrei...”

O Viajante do Tempo parou, pôs a mão no bolso e colocou, em silêncio, duas flores murchas, parecidas com hibiscos brancos gigantes, sobre a mesinha. Então continuou sua narrativa.

— Conforme o silêncio da noite recaía sobre o mundo e nós prosseguíamos morro acima na direção de Wimbledon, Weena se cansou e quis voltar ao casarão de pedra cinzenta. Mas eu aponte para os píncaros distantes do Palácio de Porcelana Verde e me esforcei para fazê-la compreender que estávamos procurando um refúgio lá contra o Medo. Sabem aquela grande pausa que cai sobre as coisas antes do anoitecer? Até

mesmo a brisa para em meio às árvores. Para mim, há sempre um ar de expectativa na quietude do fim de tarde. O céu estava límpido, remoto e vazio, exceto por algumas faixas horizontais à distância, no poente. Bem, naquela noite, a expectativa assumia a cor dos meus medos. Naquela calmaria crepuscular, os meus sentidos pareciam sobrenaturalmente aguçados. Eu imaginava até mesmo poder sentir o vazio oco do chão sob os pés: de fato, podia quase ver os Morlocks através dele, correndo aqui e acolá em seu formigueiro, esperando o escuro. Em meu estado agitado, julgava que eles receberiam a minha invasão de seus espaços subterrâneos como uma declaração de guerra. E por que haviam pegado a minha Máquina do Tempo?

“Assim continuamos seguindo adiante naquele silêncio, e o crepúsculo se aprofundou em noite. O azul-claro à distância sumia, e as estrelas surgiam uma após outra. O solo ficava escuro e as árvores, negras. Os medos e a exaustão de Weena tomaram conta dela. Peguei-a nos braços, conversei com ela e fiz carinho. Então, quando a escuridão aumentou, ela colocou os braços ao redor do meu pescoço e, fechando os olhos, pressionou com força o rosto contra meu ombro. Assim seguimos por uma longa encosta que dava num vale, e em meio ao breu quase caí num pequeno riacho. Vadeando esse riacho, subi o lado oposto do vale, passando um número de dormitórios e uma estátua — um Fauno⁵⁶ ou coisa parecida, mas sem cabeça. Havia também acácias. Até o momento eu não notara qualquer sinal dos Morlocks, mas a noite mal havia começado, e as horas mais sombrias que antecedem a Lua minguante ainda estavam por vir.

“Do cume da colina seguinte, eu vi uma mata fechada que se expandia, ampla e negra, à minha frente. Então hesitei. Não tinha como ver onde ela terminava, nem à direita, nem à esquerda. Cansado — meus pés, em particular, estavam muito doloridos —, parei, desci Weena do ombro com cuidado e me sentei sobre a relva. Já não dava para ver o Palácio de Porcelana Verde, e eu tinha dúvidas quanto à direção que seguíamos. Olhei para a mata fechada e pensei no que poderia se esconder nela. Sob aquele emaranhado denso de galhos era possível ocultar-se das estrelas. Mesmo onde não houvesse perigo à espreita — e eu não queria dar asas à minha

imaginação quanto a esse perigo —, ainda havia todo tipo de raiz e troncos para tropeçar e esbarrar. E estava também muito cansado, depois de todas as emoções daquele dia; por isso decidi não encarar a floresta e passar a noite no morro a céu aberto.

“Fiquei feliz em descobrir que Weena estava em sono profundo. Embrulhei-a no meu casaco com cuidado e me sentei ao seu lado para esperar a Lua. A colina estava quieta e deserta, mas do negrume da floresta vinham vez ou outra os ruídos de coisas vivas. Sobre mim, brilhavam as estrelas, pois era uma noite bastante clara. O seu brilho me transmitia uma certa sensação de conforto. Todas as antigas constelações, porém, haviam desaparecido do céu: aquele movimento lento que é imperceptível numa centena de gerações humanas havia rearranjado as estrelas em agrupamentos desconhecidos. Mas a Via Láctea, a meu ver, ainda era a mesma faixa esfarrapada de poeira estelar de outrora. Ao sul (como me parecia) havia uma estrela de um vermelho muito brilhante que era nova para mim; mais esplêndida até mesmo do que o brilho esverdeado da atual Sirius.⁵⁷ E, em meio a todos esses pontos cintilantes de luz, havia um planeta que reluzia firme e gentilmente como o rosto de um velho amigo.⁵⁸

“A visão dessas estrelas de repente fez meus problemas parecerem menores, junto com todas as gravidades da vida terrestre. Pensei em sua distância insondável, e o movimento à deriva lento e inevitável que seguiam, do passado desconhecido ao futuro também desconhecido.⁵⁹ Pensei no grande ciclo precessional que o polo da Terra descreve.⁶⁰ Essa revolução silenciosa havia ocorrido apenas quarenta vezes durante todos os anos que eu havia atravessado. E nessas poucas revoluções todas as atividades, todas as tradições, as organizações complexas, as nações, línguas, literaturas, aspirações, até mesmo a mera memória do Ser Humano como eu o conhecia, haviam sido varridas da existência. Em vez disso, restavam aquelas criaturas frágeis que tinham se esquecido da grandiosidade de sua herança, e aquelas Coisas brancas que me despertavam terror. Então pensei no Grande Medo que pairava entre as duas espécies e, pela primeira vez, com um calafrio súbito, me veio a revelação clara de qual

carne poderia ser aquela que eu vira. Mas era horrível demais! Olhei para a pequena Weena dormindo ao meu lado, seu rosto branco e parecido com as próprias estrelas que brilhavam sobre ele, e de pronto rejeitei esses pensamentos.

“Durante aquela noite interminável, mantive minha mente tão distante dos Morlocks quanto era possível e me dediquei a tentar imaginar se poderia encontrar sinais das antigas constelações naquela nova confusão. O céu continuava muito límpido, exceto por uma ou outra vaga nuvem. Não tenho dúvida de que peguei no sono algumas vezes. Então, conforme terminava minha vigília, veio uma claridade no céu a leste, como o reflexo de algum fogo incolor, e a Lua minguante surgiu, fina, pontuda e branca. E, logo em seguida, dominando-a e inundando-a, veio a aurora, pálida a princípio, depois quente e rosada. Nenhum Morlock havia nos abordado. De fato, não vi nenhum deles na colina naquela noite. E, com a confiança do dia renovado, quase me pareceu que meu medo fora infundado. Levantei e vi que o pé cujo sapato tinha o salto frouxo estava inchado no tornozelo e dolorido no calcanhar; então me sentei, tirei os sapatos e os arremessei longe.

“Despertei Weena e entramos na floresta, agora verde e agradável em vez de escura e sinistra. Colhemos algumas frutas para o desjejum. Logo encontramos outras das criaturinhas frágeis, rindo e dançando ao sol como se não existisse noite na natureza. E então pensei mais uma vez na carne que eu vira. Naquele momento, tive certeza de que tipo de carne era e, do fundo do meu coração, senti pena daquele último débil jato do que fora o grande dilúvio da humanidade. Claramente, em algum ponto no Passado Distante do processo de decadência humana, o alimento dos Morlocks tornara-se escasso. É possível que eles sobrevivessem se alimentando de ratos e outras pragas parecidas. Mesmo hoje o ser humano é muito menos seletivo e exclusivo em sua alimentação do que já foi — bem menos do que qualquer macaco. Seu preconceito contra carne humana não tem base em nenhum instinto profundo. E assim esses desumanos filhos do homem...!⁶¹ Tentei olhar para a coisa a partir de uma perspectiva científica. Afinal, eles não eram menos humanos ou mais remotos do que nossos antepassados canibais de três ou quatro mil anos atrás.

E a inteligência que faria desse estado de coisas um tormento desaparecera. Por que ficar perturbado com isso? Esses Elói eram mero gado para engorda que aqueles Morlocks formiculares preservavam e caçavam — e provavelmente cuidavam de sua reprodução também. E ali estava Weena, dançando ao meu lado!

“Então tentei me preservar do horror que se apossava de mim pensando nele como um castigo rigoroso do egoísmo humano. O homem se contentara em viver uma vida fácil e prazerosa à custa da labuta de seus companheiros, tomara a Necessidade⁶² como sua palavra de ordem e pretexto, e, no tempo certo, a Necessidade retornara a ele. Tentei até uma atitude de escárnio, *à la* Carlyle,⁶³ em relação a essa aristocracia decadente e miserável. Mas era impossível manter esse espírito. Por maior que tenha sido sua degradação intelectual, os Elói mantinham semelhanças demais com a forma humana para não terem minha compaixão, e obrigatoriamente faziam de mim alguém a partilhar sua degeneração e seu Medo.

“Naquele momento, eu tinha ideias bastante vagas de como deveria proceder. A primeira era que eu deveria assegurar algum lugar a salvo para servir de refúgio e fabricar as armas de pedra ou metal que eu fosse capaz de fabricar. Essa necessidade era imediata. Depois, esperava encontrar algum meio de produzir fogo, de modo que pudesse ter uma tocha nas mãos como arma, pois nada, eu bem sabia, seria mais eficiente contra os Morlocks. Então, pretendia arranjar algum utensílio para arrombar as portas de bronze sob a Esfinge Branca. Pensei num aríete. Estava convencido de que, se conseguisse adentrar aquelas portas levando comigo um facho de luz, encontraria a Máquina do Tempo e poderia fugir. Não conseguia imaginar que os Morlocks fossem fortes o suficiente para a terem levado muito longe. Quanto a Weena, eu decidira que a traria comigo ao nosso tempo. E, repassando esses esquemas em minha mente, segui em frente rumo à construção que a minha imaginação escolhera como nosso lugar para morada.”

⁵⁴. A dinastia carolíngia, ou carlovíngia, foi a dinastia dos reis francos fundada por Carlos Martel em 714. Teve seu auge com Carlos Magno (742-814) e depois entrou

num declínio lento ao longo dos dois séculos seguintes, marcados pela fragmentação do poder e brigas internas, até sua dissolução em 1124.

55. Deusa grega da retribuição divina. Seu nome, porém, assume um uso genérico comum com o sentido de “arqui-inimigo”.

56. Ser mitológico da cultura romana que era parte homem, parte bode, semelhante aos sátiros gregos e por vezes associado ao deus Pã (ver nota 21).

57. Uma das estrelas mais culturalmente relevantes na história humana, e a mais brilhante do céu noturno, localizada na constelação do Cão Maior. O nascimento helíaco de Sirius marca no hemisfério Norte o período das canículas, os dias mais quentes e tempestuosos do verão.

58. Provavelmente Vênus, o mais reluzente dos planetas observáveis a olho nu.

59. As estrelas realizam dois tipos de movimento: um movimento aparente, i.e., a impressão causada pelo movimento da Terra, e um movimento próprio. Antigamente o movimento aparente era o único reconhecido, e as estrelas eram tidas como fixas, porém no séc.XVIII Edmund Halley observou que estrelas como Sirius, Arcturo e Aldebarã se encontravam em posições diferentes das previstas, o que o levou a concluir que elas se moviam também, ainda que esse deslocamento seja bastante lento para nossa perspectiva. Mesmo a estrela de Barnard, a mais rápida conhecida no tocante ao seu movimento próprio, observada em 1888 e medida em 1916 por E.E. Barnard, se desloca a apenas 10,3 segundos de arco anualmente. No entanto, com as centenas de milhares de anos que se passaram no romance, é de esperar que mesmo as estrelas mais lentas teriam se deslocado significativamente pelo céu, a ponto de a maioria das constelações não ser mais reconhecível.

60. Precessão é o termo para mudança de orientação do eixo rotacional (como, por exemplo, o centro de um pião), que é um fenômeno que afeta inclusive o eixo terrestre, alterado gradualmente em ciclos de 25.772 anos. Esse fenômeno é chamado historicamente de “precessão dos equinócios” e foi observado por astrônomos/astrologos da Antiguidade, que notaram que certas “estrelas fixas” (como Spica, ou Alpha Virginis, na constelação de Virgem) teriam se deslocado em relação à eclíptica, quando comparavam medições recentes com registros mais antigos. Como o narrador comenta, e como observado na nota 29, passaram-se quarenta repetições desse ciclo no tempo descrito.

61. A expressão é bíblica (*ben 'adam*), ocorrendo múltiplas vezes sobretudo no livro de Ezequiel. Ela contrasta a linhagem mortal do ser humano com o divino, geralmente num contexto do contato de Deus ou anjos com um profeta.

62. A palavra remete a Ananke, deusa grega primordial que personifica a inevitabilidade e o fatalismo do destino, que tem sua contraparte latina na deusa Necessitas. Apesar de a princípio uma figura mítica, ela se torna um conceito filosófico em Platão, no diálogo *Timeu*, e objeto de discussão recorrente nos sécs.XVIII e XIX, tendo sido tematizada por nomes como William Godwin, Thomas Carlyle e Karl Marx. Godwin, por exemplo, dedica um capítulo inteiro de seu *Political Justice* ao tema, contrapondo-o à questão da liberdade e do livre-arbítrio.

63. Thomas Carlyle (1795-1881) foi um influente filósofo, satirista, historiador e matemático escocês, autor de *Sartor Resartus* (1836), *A Revolução Francesa: uma história* (1837) e *Passado e presente* (1843). Carlyle criticava o esvaziamento de sentido e valores da vida moderna e exaltava a nobreza do trabalho, desprezando a aristocracia ociosa. Isso significa que, se enxergarmos a situação dos Elói de uma

perspectiva carlyliana, o seu destino não é nada senão merecido, como castigo pelo ócio.

O PALÁCIO DE PORCELANA VERDE

— ENCONTREI O PALÁCIO de Porcelana Verde vazio e arruinado quando nos aproximamos dele, perto do meio-dia. Apenas vestígios estilhaçados de vidro permaneciam nas janelas, e grandes placas daquele tom esverdeado haviam caído, revelando a estrutura metálica corroída. Erguia-se bem alto sobre um planalto coberto de relva, e, olhando para nordeste antes de entrar, fiquei surpreso de ver um grande estuário, talvez um lago, onde eu julgava um dia terem estado Wandsworth e Battersea.⁶⁴ Pensei então, embora não tenha levado a ideia mais adiante, no que poderia ter acontecido ou estar acontecendo com os seres vivos no mar.

“O material do qual o Palácio era feito se revelou, à minha investigação, ser de fato porcelana, e, na fachada, vi uma inscrição em caracteres desconhecidos. Supus, estupidamente, que Weena pudesse me ajudar a interpretá-los, mas isso só serviu para eu aprender que a mera ideia do ato de escrever jamais passara por sua cabeça. Ela sempre me pareceu, imagino, mais humana do que era de fato, talvez por ser tão humano seu afeto por mim.

“Atrás das grandes portas duplas — que estavam abertas e quebradas —, encontramos, em vez do salão de entrada costumeiro, uma longa galeria iluminada por janelas laterais. À primeira vista, me fez pensar num museu. O chão de azulejos tinha uma camada espessa de poeira, e um arranjo notável de objetos variados tinha sobre si a mesma cobertura cinzenta. Então percebi, estranha e macilenta no meio do salão, o que era claramente a metade inferior de um imenso esqueleto. Reconheci, pelos pés oblíquos, que era alguma criatura extinta, nos moldes do megatério.⁶⁵ O crânio e os

ossos superiores estavam ao seu lado, na poeira grossa, e, num dado ponto, onde a água da chuva pingara por uma goteira no telhado, a coisa em si havia se desgastado. Mais adiante na galeria estava o imenso esqueleto abaulado de um brontossauro.⁶⁶ Minha hipótese de que se tratava de um museu se confirmava. Seguindo para um dos lados, encontrei o que pareciam ser prateleiras inclinadas e, limpando a poeira grossa, encontrei os mostruários de vidro já comuns em nossa era. Mas devem ter sido fechados a vácuo, a julgar pela excelente preservação de seus conteúdos.

“Era claro que estávamos em meio às ruínas de algum museu tardio nos moldes dos de South Kensington!⁶⁷ Aquela, aparentemente, era a seção paleontológica, e que arranjo esplêndido de fósseis devia ter sido, embora o inevitável processo de degeneração, que fora adiado por um tempo e que, com a extinção de fungos e bactérias, perdera noventa e nove centésimos de sua força, estivesse novamente agindo sobre todos os seus tesouros, com extrema certeza ainda que com extrema lentidão. Aqui e ali encontrei vestígios da ação das pessoinhas na forma de fósseis raros quebrados em pedaços ou pendurados em juncos por uma cordinha. E os mostruários em alguns casos haviam sido inteiramente removidos — pelos Morlocks, supus. O lugar era silenciosíssimo. O pó espesso abafava o som de nossos passos. Weena, que rolava um ouriço-do-mar pelo vidro inclinado de um mostruário, logo veio até mim, enquanto eu olhava ao redor, pegou minha mão em silêncio e ficou do meu lado.

“E a princípio eu fiquei tão surpreso com aquele antigo monumento de uma era intelectual que nem pensei nas possibilidades que ele apresentava. Até mesmo minhas preocupações com a Máquina do Tempo cederam um pouco de espaço em meus pensamentos.

“A julgar pelo tamanho do lugar, o tal Palácio de Porcelana Verde tinha muito mais do que só uma Galeria de Paleontologia; era possível que tivesse galerias históricas, talvez até mesmo uma biblioteca! Para mim, pelo menos nas circunstâncias em que eu me encontrava então, essas opções seriam vastamente mais interessantes do que aquele espetáculo

decadente de geologia antiga. Explorando ainda mais, encontrei outra pequena galeria transversal à primeira. Parecia ser dedicada a minerais, e a visão de um bloco de enxofre fez meus pensamentos dispararem com a ideia de produzir pólvora. Mas não consegui encontrar salitre;⁶⁸ nenhum nitrato, de fato, de qualquer tipo. Sem dúvida eles já deviam ter sofrido o seu processo de deliquescência eras antes. O enxofre, porém, ficou em minha mente e desencadeou uma linha de pensamento. Quanto aos demais conteúdos da galeria, apesar de, no geral, serem o que havia de mais bem preservado de tudo que vi, nada me interessou muito. Não sou especialista em mineralogia, e segui por um corredor bastante arruinado paralelo ao primeiro, pelo qual entrara. Pelo visto, a seção era dedicada à história natural, mas tudo deixara de ser reconhecível havia muito tempo. Alguns vestígios enegrecidos e murchos do que um dia foram animais empalhados, múmias ressequidas em jarros que outrora guardaram seu espírito, a poeira pardacenta de plantas mortas: isso era tudo! Lamentei muito por essas coisas, porque ficaria feliz em traçar as adaptações patentes pelas quais se dera a conquista da natureza viva. Depois chegamos a uma galeria de proporções simplesmente colossais, mas singularmente mal iluminada, cujo chão se inclinava para baixo num ângulo suave a partir da entrada por onde viemos. Do teto pendiam globos brancos distribuídos a certos intervalos — muitos deles quebrados e esmagados —, o que sugeria que o lugar contara originalmente com iluminação artificial.⁶⁹ Aqui eu me sentia em um ambiente mais familiar, pois de cada um dos meus lados erguiam-se os volumes imensos de grandes máquinas, todas bastante corroídas e muitas delas quebradas, mas algumas ainda razoavelmente completas. Os senhores bem sabem que tenho uma certa fraqueza por mecanismos, e tive vontade de ficar mais um tempinho entre eles; tanto mais porque, em sua maior parte, me pareciam quebra-cabeças, e eu fazia as mais vagas suposições quanto à sua função. Imaginei que, se pudesse resolvê-los, eu me veria em posse de poderes que me seriam úteis contra os Morlocks.

“De repente, Weena se aproximou de mim. Tão de repente que me assustou. Se não fosse por ela, acho que eu nem sequer

teria reparado que o chão da galeria era de fato inclinado.⁷⁰ A extremidade por onde eu entrara estava bem acima do chão e era iluminada por raras seteiras.⁷¹ Conforme seguíamos pela galeria, o solo lá fora ia se aproximando das janelas, até que, no fim, havia um fosso na frente de cada uma, como a ‘entrada de serviço’ de uma típica casa londrina,⁷² e apenas um feixe estreito de luz solar no topo. Eu prosseguira devagar, intrigado com as máquinas, e ficara tão concentrado nelas que não tinha percebido a diminuição gradual da iluminação, até que a apreensão crescente de Weena chamou minha atenção. Então vi que a galeria levava, enfim, às trevas profundas. Hesitei e, quando olhei ao redor, notei que a poeira era menos abundante ali e sua superfície menos homogênea. Mais adiante, na escuridão, ela me parecia interrompida por pequenas pegadas estreitas, o que reavivou a sensação da presença imediata dos Morlocks. Percebi que estava perdendo tempo com a investigação acadêmica do maquinário. Lembrei que a tarde já avançava, e eu ainda não tinha nenhuma arma, nenhum refúgio e nenhum meio de fazer fogo. E lá, naquela escuridão remota da galeria, ouvi um som peculiar, os mesmos ruídos estranhos que ouvira descendo o poço.

“Segurei a mão de Weena. Então, atingido por uma ideia súbita, deixei-a e me virei para uma máquina da qual se projetava uma alavanca não diferente da de uma cabine de controle.⁷³ Subi na plataforma, agarrando a alavanca com ambas as mãos, e empurrei-a para o lado colocando todo o meu peso sobre ela. De repente, Weena, abandonada no corredor central, começou a choramingar. Eu havia julgado bastante corretamente a resistência da alavanca, pois ela arrebentou com um minuto de esforço, e retornei para Weena tendo em mãos uma maça mais do que suficiente, imaginei, para o crânio de qualquer Morlock que eu pudesse encontrar. E eu ansiava muito por matar um ou outro Morlock. Que desumano, os senhores podem pensar, querer sair por aí matando os próprios descendentes! Mas era, de algum modo, impossível sentir qualquer humanidade naquelas coisas. Apenas o meu receio de deixar Weena sozinha e a ideia do que a Máquina do Tempo poderia sofrer se eu comesse a saciar a

sede por assassinato contiveram meu impulso de adentrar aquela galeria e matar as bestas que eu ouvia.

“Bem, com a maça numa das mãos e Weena na outra, saí daquela galeria e entrei numa ainda maior que, à primeira vista, me lembrou uma capela militar com estandartes em frangalhos. Logo reconheci os trapos pardos e queimados pendurados de ambos os lados como vestígios decadentes de livros. Eles há muito já tinham se feito em pedaços, e qualquer traço de tinta os abandonara. Mas aqui e ali havia tábuas retorcidas e ganchos metálicos partidos que contavam muito bem a história. Se eu fosse um homem de pendor literário poderia talvez pregar sobre a futilidade das ambições. Mas, sendo as coisas como eram, o que me atingiu com mais força foi o enorme desperdício de trabalho que esse ermo sombrio de papel podre testemunhava. Naquele instante, confesso que pensei principalmente no *Philosophical Transactions*⁷⁴ e nos meus próprios dezessete artigos sobre física óptica.

“Então, ao subir uma larga escadaria, chegamos ao que pode ter sido outrora uma galeria de química aplicada. E ali eu tinha não poucas esperanças de fazer descobertas úteis. Exceto por um trecho no qual o telhado havia caído, a galeria estava bem preservada. Percorri avidamente cada mostruário ainda intacto. E, por fim, num dos mostruários lacrados a vácuo, encontrei uma caixa de fósforos. Com imensa avidez, testei-os. Estavam perfeitamente bons. Nem úmidos estavam. Voltei-me para Weena. ‘Dance’, gritei para ela em sua própria língua. Pois agora eu tinha de fato uma arma contra as criaturas horríveis que temíamos. E, assim, naquele museu decrépito, sobre o tapete suave e espesso de poeira, para grande deleite de Weena, eu executei solenemente um tipo de dança composta, ao som de uma versão de “The land of the leal”,⁷⁵ que assobieei com o máximo de empolgação que consegui. A dança era em parte um canção modesto, em parte um sapateado, em parte uma dança burlesca (tanto quanto a cauda do meu casaco me permitia), em parte uma criação original. Pois sou naturalmente inventivo, como os senhores sabem.

“Bem, ainda considero que essa caixa de fósforos ter escapado ao desgaste do tempo por anos imemoriais foi uma coisa

surpreendente, e, para mim, uma sorte. Porém, estranhamente, encontrei uma substância ainda mais improvável: cânfora. Num frasco lacrado que, supus, o acaso havia vedado hermeticamente,⁷⁶ na verdade. Imaginei a princípio que fosse cera de parafina, e por isso quebrei o vidro. Mas o odor da cânfora era inconfundível. Em meio à decadência universal, a substância volátil conseguira sobreviver, talvez por muitos milhares de séculos. Ela me lembrou uma pintura em sépia que uma vez eu vira ser feita a partir da tinta de um fóssil de belemnite,⁷⁷ que devia ter morrido e se fossilizado milhões de anos antes. Eu estava prestes a jogá-la fora, mas lembrei que era inflamável e queimava com uma chama boa — dava, na verdade, uma vela excelente — e guardei-a no bolso. Não encontrei, porém, explosivos ou algum meio de derrubar as portas de bronze. Até o momento a clava de ferro era a coisa mais útil com a qual eu tinha topado. Em todo caso, saí daquela galeria eufórico.

“Não tenho como lhes contar a história toda daquela longa tarde. Seria necessário um grande esforço de memória para lembrar minhas explorações na ordem adequada. Lembro-me de uma longa galeria de armas, repletas de ferrugem, e como hesitei entre meu pé de cabra e uma machadinha ou uma espada. Mas não seria possível carregar as duas coisas, e a barra de ferro era a melhor promessa contra os portões de bronze. Havia um grande número de armas de fogo, pistolas e fuzis. Em sua maior parte, eram apenas massas de ferrugem, mas havia algumas feitas de um metal novo e ainda razoavelmente intactas. Quaisquer cartuchos ou pólvora que possam ter existido ali, no entanto, já haviam apodrecido e virado pó. Um dos cantos que visitei estava em frangalhos e tinha marcas de incêndio; talvez, pensei, algo tivesse explodido entre os espécimes. Em outro lugar, havia um vasto conjunto de ídolos — polinésios, mexicanos, gregos, fenícios, de todos os países da Terra que eu conseguisse imaginar. E ali, cedendo a um impulso irresistível, escrevi meu nome sobre o nariz de um monstro de esteatito da América do Sul que chamou particularmente minha atenção.

“Conforme entardecia, meu interesse foi minguando. Passei de galeria em galeria, todas poeirentas, silenciosas, muitas vezes

arruinadas, suas exposições por vezes meras pilhas de ferrugem e linhito, por vezes mais conservadas. Num dos lugares de repente me flagrei diante de uma maquete de uma mina de estanho, e pelo mais mero acidente descobri, numa caixa fechada a vácuo, dois cartuchos de dinamite! ‘Eureca!’⁷⁸ gritei, e quebrei o vidro com alegria. Depois me veio uma dúvida e hesitei. Em seguida, elegendo uma galeriazinha à parte, fiz um experimento. Nunca senti tanta decepção na vida como enquanto esperava cinco, dez, quinze minutos por uma explosão que nunca veio. Era claro que aquelas coisas eram falsas, como eu poderia ter adivinhado pela sua presença. Acredito de verdade que, não fosse esse o caso, eu teria corrido na mesma hora e explodido a Esfinge, as portas de bronze e (como mais tarde descobri) as minhas chances de encontrar a Máquina do Tempo, e mandado tudo junto rumo à inexistência.

“Foi depois disso, acredito, que chegamos a um pátio a céu aberto dentro do palácio. Ele tinha um gramado e três árvores frutíferas. Lá descansamos e restauramos nossas forças. Perto do poente comecei a pensar em nossa situação. A noite caía sobre nós, e meu esconderijo inacessível ainda estava por ser descoberto. Mas isso muito pouco me perturbava agora. Eu estava de posse de algo que era talvez a melhor de todas as defesas contra os Morlocks — eu tinha fósforos! Também tinha a cânfora em meu bolso, se precisasse de uma labareda. Parecia-me que o melhor que poderíamos fazer era passar a noite ao léu, protegidos por uma fogueira. De manhã eu recuperaria a Máquina do Tempo. Para isso, até o momento, eu contava apenas com a barra de ferro. Mas agora, com meus novos conhecimentos, nutria sentimentos muito diferentes em relação àquelas portas de bronze. Até então eu evitara forçá-las, em grande parte por conta do mistério quanto ao que havia do outro lado. Mas nunca me deram a impressão de serem muito fortes, e eu tinha esperanças de ver que a minha barra de ferro não era de todo inadequada para o trabalho.”

⁶⁴. Áreas próximas à margem sul do Tâmis, mais próximas de Londres.

⁶⁵. Gênero de preguiças terrestres gigantes endêmicas da América do Sul que chegavam a seis metros de comprimento e quatro toneladas. Foram extintas no final do período Pleistoceno. O primeiro fóssil completo foi encontrado na Argentina em

1788 e levado à Espanha no ano seguinte para ser documentado e exposto no Museu Nacional de Ciências Naturais, em Madri, onde permanece até hoje.

[66.](#) Saurópode (grande dinossauro herbívoro) com um corpo volumoso e pescoço alongado adaptado para se alimentar da folhagem de árvores altas. As três espécies de brontossauro conhecidas viveram no período Jurássico, ao final do qual foram extintas, sendo descobertas por Othniel Charles Marsh em 1879, durante a “guerra dos ossos” entre os paleontólogos.

[67.](#) Distrito da região oeste de Londres. Era uma zona rural até metade do séc.XIX, mas em 1851 uma área imensa do distrito foi comprada pelos organizadores da chamada A Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações, que aconteceu naquele ano, a fim de transformá-la num espaço dedicado às artes e ciências. Por esse motivo, South Kensington conta com diversas instituições de ensino e museus, como o Museu de História Natural e o Museu da Ciência.

[68.](#) Salitre é um termo amplo para sais oxigenados nítricos, geralmente nitrato de potássio, utilizado para fabricação de pólvora, junto com carvão e enxofre.

[69.](#) À época de Wells a iluminação a gás já era comum na Inglaterra, mas todo o século desde 1802 foi testemunha dos experimentos para desenvolver uma forma viável, prática e comercialmente aplicável da lâmpada incandescente. A lista de inventores inclui mais de 22 nomes, sendo os principais deles Joseph Swan e Thomas Edison. Faz sentido, portanto, que Wells concebesse um futuro em que prédios como o museu em questão contassem com iluminação artificial.

[70.](#) É possível, claro, que o chão não fosse inclinado, mas que o museu fosse construído numa colina. (Nota do autor)

[71.](#) Janelas em forma de fendas verticais estreitas e compridas, originalmente concebidas para permitirem que arqueiros atirassem flechas e setas a partir do interior de um castelo ou muralha sem precisarem se expor.

[72.](#) Em Londres, era comum que os casarões tivessem um pequeno pátio abaixo do nível da rua para o acesso de criados e comerciantes, comumente chamado de *area*.

[73.](#) Cabines em que se controlam o trajeto dos trens, através de sistemas de bloqueio, e a sinalização ferroviária de modo a garantir o seu funcionamento adequado e seguro. O termo também é utilizado na aeronáutica, mas a invenção do avião é posterior ao romance.

[74.](#) Periódico científico da Royal Society de Londres, publicado desde 1665, a princípio como uma atividade pessoal do secretário da instituição e depois como uma publicação oficial, a partir de 1752. Nomes famosos que já contribuíram para a publicação incluem Benjamin Franklin, Darwin e Faraday, entre outros.

[75.](#) “Land o’ the Leal” é uma canção escocesa do séc.XVIII, cuja autoria é atribuída ora a Robert Burns, ora a lady Carolina Nairne. A letra é um monólogo de morte na voz de um moribundo que encontra consolação no fato de na terra dos leais (o céu) não haver tristeza nem preocupações.

[76.](#) O termo “hermético” remete ao lendário sábio egípcio Hermes Trismegisto, a quem é atribuída a ciência por trás da invenção dos alquimistas que desenvolveram a técnica para criar um tubo de vidro a vácuo, utilizado para destilação. Dizer que algo foi fechado de forma hermética significa, portanto, que está “totalmente fechado, de maneira a impedir a entrada e a saída do ar”.

[77.](#) Animal extinto que existiu entre os períodos Jurássico e Cretáceo do Mesozoico, semelhante a uma lula e dotado de concha interna, que é a parte que foi preservada como fóssil, descoberto e discutido entre especialistas já no começo do séc.XIX. Como seus parentes cefalópodes, os belemnites também produziam tinta,

que ainda pode ser extraída dos seus fósseis e utilizada, inclusive, na fabricação de sépia, como o personagem descreve.

[78.](#) Exclamação em grego que significa “Descobri!”, famosamente atribuída ao matemático e inventor Arquimedes ao compreender o funcionamento do fenômeno físico do empuxo, durante um banho.

NA ESCURIDÃO

— SAÍMOS DO PALÁCIO com o Sol ainda parcialmente acima do horizonte. Eu estava determinado a alcançar a Esfinge Branca de manhã cedo e, antes que anoitecesse, pretendia desbravar a mata que me impedira na jornada anterior. Meu plano era ir o mais longe possível aquela noite e então fazer uma fogueira e dormir sob a proteção de seu clarão. Assim, fomos colhendo todo graveto e pedaço de mato seco que encontrávamos no caminho, e logo já tínhamos os braços cheios. Com tal fardo, nosso progresso acabou sendo mais lento do que eu antecipara, e, além do mais, Weena estava cansada. Comecei a sentir sono também; de modo que já era noite antes de chegarmos à floresta. Na colina cercada de arbustos, Weena quis parar, temendo a escuridão diante de nós; mas uma sensação singular de calamidade iminente, que de fato deveria ter me servido de aviso, me motivava a ir adiante. Havia uma noite e dois dias que eu não dormia, e meu humor estava febril e irritadiço. Sentia o sono prestes a cair sobre mim, e com ele os Morlocks.

“Enquanto hesitávamos, vi três figuras acoradas em meio aos arbustos escuros atrás de nós, ocultas em seu negrume. Havia vegetação rasteira e capim alto ao nosso redor, e não me senti em segurança quanto à sua aproximação traiçoeira. A floresta, pelos meus cálculos, tinha pouco mais de um quilômetro de extensão. Se conseguíssemos atravessá-la e chegar à colina descampada do outro lado, encontraríamos ali, como me parecia, um lugar mais seguro para o nosso repouso; imaginei que, com meus fósforos e cânfora, conseguiria manter o nosso caminho iluminado em meio à floresta. Porém era evidente que, se eu fosse ficar acendendo fósforos, teria que abandonar a lenha; por isso, com alguma relutância,

precisei colocá-la no chão. E então me veio à cabeça que eu poderia deslumbrar os nossos amigos pondo fogo na lenha. Eu estava prestes a descobrir a terrível insensatez desse gesto, mas, naquele momento, pareceu-me um jeito engenhoso de acobertar a nossa fuga.

“Não sei se os senhores já refletiram sobre que coisa rara deva ser uma fogueira na ausência do ser humano e num clima temperado. O calor do Sol raramente tem força para fazer fogo, mesmo que seja concentrado por gotas de orvalho, como por vezes ocorre em regiões tropicais. Relâmpagos podem fulminar e fazer escurecer a vegetação, mas dificilmente causam incêndios generalizados. Folhas em decomposição podem ocasionalmente fumejar com o calor da fermentação, mas é raro que isso resulte em chamas. No processo de decadência que se deu, a arte de fazer fogo também foi esquecida na Terra. As línguas vermelhas que subiam, lambendo minha pilha de lenha, eram uma coisa toda nova e estranha para Weena.

“Ela quis correr até o fogo e brincar com ele. Acredito que teria se atirado nas chamas se eu não a tivesse detido. Mas alcancei-a e, por mais que tenha se debatido, avancei corajosamente no matagal diante de mim. Por um tempo o clarão do fogo iluminou o caminho. Olhando para trás por entre a mata densa, pude ver que a labareda havia se espalhado da minha pilha de gravetos para alguns arbustos adjacentes, e uma linha curva de chamas ia subindo a relva da colina. Ri disso e me virei outra vez para as árvores escuras diante de mim. Estava tudo muito preto, e Weena se agarrava a mim convulsivamente, mas havia ainda, conforme meus olhos se acostumavam à escuridão, luz o suficiente para que eu conseguisse evitar os troncos. Acima o céu estava simplesmente negro, exceto por lacunas onde um céu azul remoto brilhava sobre nós aqui e ali. Não acendi mais nenhum fósforo, porque não tinha mais mão livre. No braço esquerdo carregava a minha pequena, na mão direita, a barra de ferro.

“Por parte do caminho tudo o que eu ouvia era o ruído dos gravetos quebrando sob meus pés, o farfalhar suave da brisa acima e a minha própria respiração e o latejar de vasos sanguíneos em meus ouvidos. Então pensei notar o ruído de

passos ao meu redor. Prossegui friamente. Os passos ficaram mais distintos, e então flagrei o mesmo som estranho e as vozes que ouvi no Submundo. Havia evidentemente vários Morlocks, e estavam fechando o cerco contra mim. De fato, no minuto seguinte, senti um puxão no meu casaco, depois alguma coisa no meu braço. E Weena passou a tremer violentamente e depois ficou paralisada.

“Era hora de acender um fósforo. Mas, para isso, eu precisaria colocá-la no chão. Foi o que fiz e, enquanto levava a mão ao bolso, teve início uma luta ao redor dos meus joelhos, na escuridão, em perfeito silêncio da parte dela e com os mesmos sons de arrulho peculiares da parte dos Morlocks. Mãozinhas suaves também subiam por meu casaco e costas, tocando até mesmo o meu pescoço. Então vieram os sons de arranhão e o crepitar do fósforo. Eu o segurei enquanto queimava e vi as costas brancas dos Morlocks em fuga em meio às árvores. Tirei depressa um punhado de cânfora do bolso e me preparei para acendê-lo assim que o fósforo começasse a se apagar. Então olhei para Weena. Ela estava deitada, agarrada aos meus pés e imóvel, com o rosto colado ao solo. Com um medo súbito, abaixei-me até ela. Mal parecia conseguir respirar. Acendi o bloco de cânfora e o arremessei no chão, e ele se repartiu e queimou e afastou os Morlocks e as sombras, enquanto eu me abaixava e a erguia. A floresta atrás de mim parecia cheia dos ruídos e murmúrios de uma vasta companhia!

“Ela parecia ter desmaiado. Coloquei-a com cuidado no ombro e me levantei para seguirmos adiante, e então me veio uma constatação horrível. No que eu lidava com os fósforos e Weena, acabei dando várias voltas e agora já não tinha a menor ideia de que direção tomar. Até onde sabia, podia estar voltado para o Palácio de Porcelana Verde. Eu suava frio. Precisava pensar rápido no que fazer. Decidi acender uma fogueira e montar acampamento ali mesmo. Desci Weena dos braços, repousei-a, ainda imóvel, sobre um tronco coberto de mato, e com muita pressa, conforme se apagava o primeiro punhado de cânfora, comecei a reunir gravetos e folhas. Na escuridão ao meu redor, os olhos dos Morlocks brilhavam aqui e ali como carbúnculos.

“A cânfora tremeluziu e se apagou. Acendi um fósforo e, nisso, duas formas brancas que se aproximavam de Weena saíram correndo depressa. Uma delas ficou tão cega com a luz que veio correndo na minha direção, e senti seus ossos serem moídos sob o golpe do meu punho. Deu um gemido de desalento, cambaleou por um segundo e caiu no chão. Acendi outro pedaço de cânfora e continuei juntando lenha. Logo percebi o quanto parte da folhagem acima de mim estava seca, pois, desde a minha chegada com a Máquina do Tempo, cerca de uma semana antes, não havia chovido mais. Por isso, em vez de me abaixar atrás de gravetos no chão, comecei a pular e a agarrar os galhos. Logo já tinha uma fogueira de mato verde e gravetos secos, ardendo com uma fumaça de fazer sufocar, e podia economizar a cânfora. Então me virei para onde Weena estava deitada, ao lado da barra de ferro. Tentei o que podia para ressuscitá-la, mas jazia como morta. Não consegui nem confirmar se respirava ou não.

“Bem, a fumaça da fogueira estava vindo na minha direção e deve ter me deixado tonto de repente. Além do mais, havia o vapor da cânfora no ar. Minha fogueira não precisaria ser realimentada por, no mínimo, uma hora, mais ou menos. Eu estava muito cansado depois de todo o esforço e me sentei. A mata também estava cheia de murmúrios sonolentos que eu não conseguia compreender. Pareceu-me que fechei os olhos apenas por um instante. Mas quando os abri, estava tudo escuro, e os Morlocks colocavam suas mãos sobre mim. Afastando seus dedos insistentes, apalpei o bolso depressa, à procura da caixa de fósforos e... ela tinha desaparecido! Então eles me agarraram e fecharam o cerco sobre mim de novo. Num momento compreendi o que acontecera. Eu caíra no sono e a fogueira se apagara, e a amargura da morte recaía sobre minha alma. A floresta parecia inundada com o cheiro de madeira chamuscada. Fui agarrado pelo pescoço, pelos cabelos, pelos braços, e arrastado. Era uma sensação indescritivelmente horrível a dessas criaturas macias se empilhando sobre mim nas trevas. Eu me sentia como se estivesse na teia de uma aranha monstruosa. Fui dominado e derrubado. Senti dentinhos mordiscando meu pescoço. Rolei para o lado, e, nisso, minha mão tocou a alavanca de ferro. Isso me deu forças. Eu me debati, sacudindo os ratos humanos

que estavam sobre mim, e, segurando a barra junto ao corpo, bati com ela onde julguei que estivessem seus rostos. Dava para sentir como a carne e os ossos cediam, suculentos, sob os meus golpes, e, por um momento, eu me vi livre.

“Veio-me aquela estranha exultação que tantas vezes parece acompanhar lutas intensas. Sabia que eu e Weena estávamos perdidos, mas decidi que faria os Morlocks pagarem caro por nossa carne. Fiquei de pé contra uma árvore, golpeando o que viesse à minha frente com a barra de ferro. A floresta inteira estava cheia dos movimentos e gritos deles. Um minuto se passou. Suas vozes pareceram subir de tom, ficando mais estridentes em sua agitação, e seus movimentos se aceleraram. Porém nenhum deles ao meu alcance. Fiquei ali, em pé, olhando para a escuridão. Então de repente me veio uma esperança. E se os Morlocks estivessem com medo? E, no encalço disso, aconteceu uma coisa estranha. A escuridão pareceu se alumiar. Comecei a ver, com dificuldade, os Morlocks ao meu redor — três golpeados aos meus pés — e então percebi, com uma surpresa incrédula, que os outros corriam, sem parar, como me parecia, vindos de trás de mim e fugindo em direção à floresta à minha frente. Suas costas já não me pareciam brancas, mas avermelhadas. Enquanto eu continuava ali, boquiaberto, vi uma pequena fagulha vermelha passar à deriva por entre os galhos e desaparecer. E nisso compreendi o cheiro de madeira chamuscada, o murmúrio sonolento que agora crescia e se tornava um rugido tormentoso, o brilho vermelho e a fuga dos Morlocks.

“Afastando-me da árvore e olhando para trás, pude ver, em meio aos pilares negros das árvores próximas, as labaredas da floresta em chamas. Era aquela primeira fogueira que vinha atrás de mim. Procurei por Weena, mas ela desaparecera. Os silvos e o crepitar às minhas costas, o baque explosivo de cada árvore viva que pegava fogo, não deixavam muito tempo para reflexão. Com a barra de ferro ainda firme na mão, segui o caminho dos Morlocks. Era uma corrida acirrada. Houve um momento em que as chamas avançaram tão ligeiras à minha direita enquanto eu corria que me vi flanqueado e precisei correr para a esquerda. Mas, por fim, cheguei a uma pequena

clareira, e, nisso, um Morlock veio cambaleando na minha direção, passou por mim e seguiu direto para o fogo!

“E agora eu estava prestes a ver a coisa mais estranha e horrível, acredito, de todas as que contemplei na era futura. Com o reflexo do fogo, a clareira estava tão iluminada quanto o dia. No centro havia uma elevação ou um pequeno monte funerário, sobre a qual crescia um espinheiro chamuscado. Mais adiante, havia outro braço da floresta em chamas, com línguas amarelas já se retorcendo e circundando o espaço completamente com uma muralha de fogo. Sobre a elevação havia uns trinta ou quarenta Morlocks, ofuscados pela luz e pelo calor, chocando-se uns contra os outros em seu desnordeio. A princípio não percebi que estavam cegos e os golpeei furiosamente com a barra de ferro, num frenesi de medo, quando se aproximavam de mim, matando um e aleijando vários. Mas, quando observei os gestos de um deles tateando sob o espinheiro contra o céu vermelho e ouvi seus gemidos, tive a certeza de seu desamparo absoluto e da miséria em seu olhar, e não fustiguei mais nenhum.

“Porém, vez ou outra, algum deles vinha direto na minha direção, despertando um horror trêmulo que me fazia desviar depressa. Em certo ponto as chamas se abrandaram, e tive medo de que aquelas criaturas vis pudessem me ver. Pensei em começar a luta, matando alguns deles antes que isso acontecesse, mas o fogo irrompeu de novo, com grande claridade, e me contive. Caminhei pela colina entre eles, evitando-os, procurando por algum rastro de Weena. Mas Weena tinha desaparecido.

“Por fim, me sentei no alto da elevação e observei aquele estranho e incrível grupo de coisas cegas tateando aqui e ali, emitindo sons perturbadores umas para as outras, conforme o clarão do incêndio as atingia. Uma espiral de fumaça subiu atravessando o céu, e pelos raros vãos daquele dossel vermelho, tão remotas que pareciam vir de outro universo, brilhavam as pequenas estrelas. Dois ou três Morlocks vieram esbarrando em mim, e os afastei com socos, tremendo o tempo inteiro.

“Durante a maior parte daquela noite, estive convencido de que fora tudo um pesadelo. Eu me mordia e gritava num desejo apaixonado de despertar. Batia no chão com as mãos e me levantava e sentava outra vez, vagava aqui e ali, e de novo me sentava. Então caía, esfregando os olhos e clamando a Deus para acordar. Três vezes vi Morlocks baixarem a cabeça num tipo de agonia e correrem para o meio das chamas. Mas, por fim, acima do vermelho do fogo que desaparecia, acima dos rolos espessos de fumaça preta que corriam sobre nós e os tocos de árvores que embranqueciam e enegreciam, e o número cada vez menor daquelas criaturas pálidas, veio a luz branca do dia.

“Procurei outra vez por rastros de Weena, mas não havia nenhum. Era claro que eles tinham largado seu pobre corpinho na floresta. Não consigo descrever o quanto me aliviava pensar que ela havia escapado do destino funesto ao qual parecia fadada. Ao refletir sobre isso, quase tive o impulso de iniciar um massacre daquelas abominações indefesas ao meu redor, mas me detive. A elevação, como disse, era uma espécie de ilha na floresta. Do seu píncaro dava para distinguir, em meio ao nevoeiro causado pela fumaça, o Palácio de Porcelana Verde e, a partir dele, inferir a direção da Esfinge Branca. Nisso, abandonando o que restava daquelas almas malditas que corriam aqui e ali e gemiam, conforme o dia ia clareando, amarrei algumas folhas de relva nos pés e atravessei, coxeando, as cinzas fumegantes e os tocos pretos, que ainda pulsavam internamente com fogo, rumo ao esconderijo da Máquina do Tempo. Eu caminhava devagar, pois estava quase exausto, além de aleijado, e sentia a mais intensa angústia pela morte horrível da pequena Weena, que me parecia uma calamidade insuportável. Agora, nesta sala velha e familiar, é mais como a tristeza de um sonho do que uma perda real. Mas, naquela manhã, ela me deixou absolutamente solitário de novo — uma solidão terrível. Comecei a pensar nesta minha casa, nesta minha lareira, em alguns de vocês, e com tais pensamentos me veio uma saudade dolorosa.

“Mas, enquanto caminhava sobre as cinzas fumegantes ao céu claro da manhã, fiz uma descoberta. No bolso da minha calça

havia ainda alguns fósforos avulsos. Deviam ter caído da caixa antes de eu perdê-la.”

A CILADA DA ESFINGE BRANCA

— POR VOLTA DE UMAS oito ou nove horas da manhã, cheguei ao mesmo assento de metal amarelo do qual eu havia visto o mundo na noite de minha chegada. Pensei nas conclusões apressadas a que me lançara naquela noite e não consegui não rir, com amargura, de minha autoconfiança. Lá estava a mesma bela paisagem, a mesma folhagem abundante, os mesmos lugares esplêndidos e ruínas magníficas, o mesmo rio argênteo correndo por entre as margens férteis. As túnicas alegres daquela gente linda seguiam aqui e acolá entre as árvores. Alguns se banhavam no mesmo exato lugar onde eu salvara Weena, e isso de repente me fez sentir uma pontada aguda de dor. E, como manchas na paisagem, erguiam-se as cúpulas sobre os acessos ao Submundo. Compreendi então o que se escondia por trás de toda a beleza do povo do Mundo Superior. Muito agradável era o seu dia, tão agradável quanto o do gado no campo. Tal como o gado, eles desconheciam quaisquer inimigos e não se preparavam para qualquer necessidade. E seu fim era o mesmo.

“Afligia-me pensar quão breve fora o sonho do intelecto humano. Cometera suicídio. Norteara-se com firmeza rumo ao conforto e à facilidade, a uma sociedade equilibrada, com a segurança e a permanência como suas palavras de ordem; conquistara as suas esperanças — para, ao fim, chegar a isso. Outrora, a vida e a propriedade deviam ter alcançado a segurança quase absoluta. Os ricos tinham sua riqueza e conforto garantidos, e o operário, sua vida e trabalho. Sem dúvida, nesse mundo perfeito não havia o problema do desemprego ou qualquer questão social deixada por resolver. E uma grande calma se seguiu.

“Essa é uma lei da natureza que ignoramos, que a versatilidade intelectual é a compensação pela mudança, pelo perigo e pelos transtornos. Um animal em perfeita harmonia com seu meio é um mecanismo perfeito. A natureza nunca apela à inteligência até que o hábito e o instinto sejam inúteis. Não há inteligência onde não há mudança nem necessidade de mudança. São apenas os animais que precisam dar conta de uma variedade de necessidades e perigos que partilham a inteligência.

“Assim, a meu ver, o homem do Mundo Superior fora levado rumo a essa beleza débil, e o Submundo à mera indústria mecânica. Mas faltava algo a esse estado perfeito de coisas para se chegar à perfeição mecânica — e isso era a permanência absoluta. Aparentemente, conforme o tempo foi passando, a alimentação do Submundo, qualquer que fosse o modo como ela se dava, havia sido perturbada. A Mãe Necessidade, afastada havia alguns milênios, retornava e começava seu trabalho por baixo. Os seres do Submundo, estando em contato com o maquinário, que, por mais perfeito que fosse, ainda carecia de um pouco de pensamento para além do hábito, havia provavelmente sido forçado a reter um tanto mais de iniciativa, ainda que em menor proporção em comparação a qualquer outra característica humana, do que o habitante do mundo superior. E quando outras carnes lhes faltaram, eles se voltaram àquele antigo hábito até então proibido. Essa foi a conclusão a que cheguei em minha última visão do mundo de 802701. Pode ter sido uma explicação tão errada quanto a mente mortal é capaz de inventar. Foi assim que a coisa tomou forma para mim e é isso que repasso aos senhores.

“Após as fadigas, exaltações e terrores dos dias passados, e apesar do meu luto, aquele assento, a paisagem tranquila e a luz cálida do Sol me eram muito agradáveis. Eu estava muito cansado e sonolento, e logo toda a minha teorização deu lugar ao sono. Ao me flagrar quase cochilando, entendi o que meu corpo pedia, deitei no gramado e dormi um sono longo e revigorante.

“Acordei um pouco antes do poente. Eu me sentia seguro agora de que não seria surpreendido cochilando pelos Morlocks, e, após me espreguiçar um pouco, desci a colina

rumo à Esfinge Branca. Levava a barra de ferro numa das mãos e, com a outra, brincava com os fósforos no bolso.

“E então aconteceu uma coisa das mais inesperadas. No que me aproximei do pedestal da esfinge, descobri que as válvulas de bronze estavam abertas. Havia deslizado por sobre as ranhuras.

“A isso, parei de repente diante delas, hesitando em entrar.

“Dentro havia um pequeno cômodo, e num espaço elevado num canto estava a Máquina do Tempo. Eu tinha comigo as pequenas alavancas, no bolso. Então aqui, após todos os meus preparativos elaborados para o cerco da Esfinge Branca, eu me deparava com uma rendição submissa. Acabei jogando fora a barra, quase com pena de não a ter usado.

“Um pensamento súbito veio à minha cabeça enquanto eu me abaixava para passar pelo portal. Pela primeira vez, pelo menos, pude compreender as operações mentais dos Morlocks. Suprimindo uma forte inclinação de cair na risada, entrei pela estrutura de bronze e fui até a Máquina do Tempo. Fiquei surpreso ao descobrir que ela fora cuidadosamente limpa e azeitada. E passei a suspeitar que os Morlocks haviam até mesmo chegado a desmontá-la parcialmente, tentando, a seu modo bruto, compreender o seu propósito.

“Então, enquanto eu a examinava, satisfeito só de tocar o aparelho, aconteceu o que eu esperara. As chapas de bronze de repente deslizaram e se chocaram com um clangor. Eu estava no escuro — encurralado. Foi o que os Morlocks acharam. Ao pensar nisso, dei uma risadinha.

“Eu já podia ouvir sua risada murmurada conforme vinham na minha direção. Com muita calma, tentei acender um fósforo. Só precisava prender as alavancas e partir, como um fantasma. Mas havia ignorado um detalhe. Os palitos eram daquele tipo abominável que só acende na lateral da caixa.

“Os senhores podem imaginar como a minha calma desapareceu. Os pequenos brutos cercavam-me de perto. Um deles me tocou. Dei um golpe certo no escuro, atingindo um deles com as alavancas, e comecei a me debater em minha tentativa de montar na sela da máquina. Senti a mão de um

deles sobre mim e em seguida mais uma. Então precisei lutar contra seus dedos persistentes, que queriam as minhas alavancas, e ao mesmo tempo apalpar o painel procurando onde elas se encaixavam. De fato, eles quase conseguiram tirar uma delas de mim. No que ela escorregou de minha mão, precisei dar uma cabeçada no escuro — deu para ouvir o som que o crânio do Morlock fez — para recuperá-la. Essa última luta foi uma briga mais acirrada do que a da floresta, acredito.

“Mas, por fim, a alavanca encaixou e eu a pressionei. As mãos que me agarravam escorregaram. Então a escuridão desapareceu de meus olhos. Eu me encontrei sob aquela mesma luz cinzenta e aquele tumulto que já descrevi anteriormente.”

A VISÃO DISTANTE

— JÁ LHES CONTEI do enjoo e da confusão que acompanham a viagem no tempo. E desta vez eu não havia conseguido me sentar adequadamente sobre a sela, estava meio de lado, numa posição instável. Por um período indefinido de tempo fiquei agarrado à máquina enquanto ela vibrava e balançava, sem prestar atenção a como eu estava, e quando consegui me fazer olhar para os indicadores outra vez fiquei maravilhado em descobrir aonde havia chegado. Um dos ponteiros marcava os dias, outro, milhares de dias, outro, milhões de dias e outro, milhares de milhões. Pois bem, em vez de reverter as alavancas, eu as pressionei de modo a ir adiante, e quando olhei para os indicadores descobri que o ponteiro dos milhares girava tão rápido quanto o ponteiro dos segundos num relógio... rumo ao futuro.

“Conforme eu prosseguia, uma mudança peculiar se infiltrou na aparência das coisas. O cinza pulsante escureceu; então — por mais que eu estivesse viajando numa velocidade prodigiosa — o sucessivo piscar de dias e noites, em geral indicativo de um ritmo mais lento, voltou e se tornou mais e mais pronunciado. Isso muito me intrigou a princípio. As alternâncias de noite e dia ficaram mais e mais lentas e o mesmo se podia dizer da passagem do Sol pelo céu, até parecerem demorar séculos. Por fim, um crepúsculo constante cobriu a Terra, um crepúsculo interrompido vez ou outra apenas quando se via o clarão de um cometa riscando o céu escuro. A faixa de luz que indicava o Sol desaparecera havia muito; pois o Sol deixara de se pôr — ele simplesmente nascia e baixava no ocidente e se tornava cada vez mais largo e mais avermelhado. Qualquer resquício da Lua sumira. O

movimento circular das estrelas, que se tornava cada vez mais lento, dava lugar a pontos rastejantes de luz. Por fim, algum tempo antes de eu parar, o Sol, vermelho e muito grande, estacionou imóvel sobre o horizonte, uma vasta cúpula brilhando com um calor baço, e vez ou outra sofrendo de uma extinção temporária. Por um breve momento ele chegou a brilhar com mais força outra vez, mas reverteu rapidamente ao seu calor vermelho desolador. Com essa desaceleração do nascer e do pôr do Sol, percebi que o trabalho do empuxo das marés⁷⁹ havia se encerrado. A Terra parou com uma face voltada para o Sol, do mesmo modo como a Lua tem sempre uma face virada para a Terra.⁸⁰ Com muito cuidado, pois eu me lembrava da minha queda de cabeça de antes, comecei a reverter meu movimento. O giro dos ponteiros ficou mais e mais lento, até que o dos milhares pareceu imóvel e o dos dias já não era senão uma mera névoa sobre o visor. Cada vez mais devagar, até que as linhas baças de uma praia erma se tornassem visíveis.

“Parei com muita delicadeza e me sentei sobre a Máquina do Tempo, olhando ao redor. O céu não era mais azul. O lado nordeste era de um preto retinto, e do negrume reluziam nítidas e constantes as pálidas estrelas brancas. Acima, o tom era de um vermelho indiano⁸¹ profundo e sem estrelas, e a sudeste a luz brilhava cada vez mais forte, até chegar a um escarlate reluzente onde, entrecortado pelo horizonte, repousava o casco imenso do Sol, rubro e imóvel. As rochas que me cercavam tinham uma tonalidade vermelho árido, e o único vestígio de vida que pude ver a princípio era a vegetação intensamente verde que cobria todos os pontos que se projetavam da face sudeste. Era o mesmo verde forte que se vê no musgo das florestas ou no líquen das cavernas: plantas que, como essas, crescem no perpétuo crepúsculo.

“A máquina estava parada numa praia íngreme. O mar se estendia para longe no sudoeste, erguendo-se num horizonte claro e nítido contra o céu baço. Não havia ondas, pois nem mesmo um sopro de vento batia. Apenas uma oscilação levemente oleosa subia e descia como uma respiração suave, e mostrava que o mar eterno ainda detinha alguma energia e vida. E, ao longo da margem, onde a água às vezes batia, vi

uma crosta grossa de sal — rosado sob aquele céu lúrido. Havia uma sensação de opressão em minha cabeça, e reparei que eu respirava com rapidez. A sensação me fez lembrar de minha única experiência com montanhismo, o que me fez deduzir que o ar devia ser mais rarefeito do que é agora.

“À distância, de sobre o barranco desolado, ouvi um grito estridente e vi uma coisa que parecia uma enorme borboleta branca descer pairando pelo céu, traçar um círculo no ar e desaparecer sobre umas colinas que se erguiam mais além. O som de sua voz era tão assombroso que tremi e me sentei com mais firmeza sobre a máquina. Olhando ao meu redor outra vez, vi que, não muito longe dali, o que eu acreditara ser uma massa avermelhada de rochas vinha se movimentando devagar até mim. Depois vi que a coisa na verdade era uma criatura monstruosa semelhante a um caranguejo. Os senhores conseguem imaginar um caranguejo tão grande quanto aquela mesa, com as pernas se mexendo devagar e o passo incerto, as grandes garras balançando, as longas antenas, como chibatas, oscilando e sentindo o ar, e os olhos nas pontas dos pedúnculos encarando-os de ambos os lados de sua face metálica? Protuberâncias grosseiras ornamentavam suas costas corrugadas, e uma crosta esverdeada a maculava aqui e ali. Pude ver os muitos pedipalpos de sua boca complexa se mexendo e sondando conforme ele vinha.

“Enquanto eu encarava essa aparição sinistra que rastejava até mim, senti algo fazer cócegas em minha bochecha, como se uma mosca tivesse pousado nela. Tentei afastá-lo com a mão, mas já retornava no momento seguinte, e quase imediatamente veio outro em minha orelha. Repeti o movimento e apanhei algo que parecia um fio. Rapidamente ele foi puxado da minha mão. Com uma náusea medonha, virei-me e vi que havia agarrado a antena de outro caranguejo monstruoso que estava logo atrás de mim. Seus olhos malignos se contorciam em seus pedúnculos, a boca parecia sedenta de apetite, e as vastas garras grosseiras, lambuzadas com uma gosma de algas, desciam sobre mim. Num instante minha mão já estava sobre a alavanca, e coloquei um mês entre mim e esses monstros. Mas eu ainda estava na mesma praia, e os vi distintamente assim

que parei. Dúzias deles pareciam rastejar aqui e ali, na luz sombria, entre as folhagens daquele verde intenso.

“Não consigo transmitir o sentimento de desolação abominável que pairava sobre o mundo. O céu rubro do oriente, o negrume do norte, o salso mar Morto,⁸² a praia rochosa infestada daqueles monstros vis e lentos, o verde uniforme e de aspecto venenoso dos líquens, o ar rarefeito que feria os pulmões: tudo contribuía para um efeito aterrador. Avancei uma centena de anos, e lá estavam o mesmo Sol — um pouco maior, um pouco mais baço —, o mesmo mar moribundo, o mesmo ar gélido, a mesma multidão de crustáceos terrosos se arrastando em meio ao mato verdejante e as rochas vermelhas. E, no céu do ocidente, enxerguei uma linha pálida curvada como uma vasta Lua nova.

“Assim continuei viajando, com paradas, em grandes passadas de mil anos ou mais, atraído pelo mistério do destino da Terra, observando com uma estranha fascinação o Sol se tornar maior e mais baço no céu ocidental e a vida terrestre minguar. Por fim, mais de trinta milhões de anos depois, a cúpula do Sol vermelho incandescente havia ocupado quase a décima parte dos céus umbrosos. Então parei mais uma vez, pois a multidão de caranguejos rastejantes havia desaparecido, e a praia vermelha, exceto por seus líquens lívidos e suas hepáticas verdejantes, parecia morta. Agora jazia salpicada de manchas brancas. Um frio penetrante me tomou de assalto. Raros flocos brancos caíam aqui e ali. Para nordeste, o clarão da neve repousava sob as estrelas de um céu cor de sable,⁸³ e eu podia ver uma crista ondulante de montes num tom de branco rosado. Havia franjas de gelo na margem do mar, com massas à deriva mais além; mas a principal expansão do oceano salgado, todo sangrento sob o eterno poente, permanecia não congelado.

“Olhei ao redor para ver se havia quaisquer vestígios remanescentes de vida animal. Uma certa apreensão indefinível ainda me mantinha colado na sela da minha máquina. Mas eu não via nada se mover, nem na terra, nem no céu, nem no mar. A gosma verde nas rochas dava, sozinha, testemunho de que a vida não estava extinta. Um banco de

areia raso havia aparecido no mar, e a água recuara da praia. Imaginei ter visto algum objeto preto debater-se sobre esse banco de areia, mas se tornou imóvel assim que olhei para ele, e julguei que meu olho fora enganado, e que o objeto preto era uma mera rocha. As estrelas no céu tinham um brilho intenso e me pareciam piscar muito pouco.

“De repente, reparei que o desenho circular do Sol no ocidente havia mudado; que uma concavidade, uma baía, aparecia em sua curvatura. Observei que essa concavidade foi crescendo. Por um minuto, talvez, fiquei encarando horrorizado essa escuridão que se alastrava pelo dia, e então percebi que era o começo de um eclipse. Era a Lua ou o planeta Mercúrio que atravessava o disco do Sol. Naturalmente, imaginei que a princípio fosse a Lua, mas há muitos motivos para me fazer acreditar que o que vi de verdade era o trânsito de algum planeta interior⁸⁴ passando bem perto da Terra.

“A escuridão crescia a passos largos; um vento gelado começou a soprar em lufadas frescas vindas do leste, e a chuva de flocos brancos caindo do céu aumentou. Da orla do mar veio uma onda e um sussurro. Exceto por esses sons mortos, aquele era um mundo todo em silêncio. Em silêncio? Seria difícil transmitir em palavras o quanto tudo estava inerte. Todos os sons do ser humano, os berros das ovelhas, os gritos dos pássaros, os zumbidos dos insetos, os ruídos que compõem o pano de fundo de nossas vidas — tudo tinha acabado. Conforme a escuridão se espessava, o fluxo dos flocos se tornava mais abundante, e eles dançavam diante de meus olhos; e o frio no ar se tornava mais intenso. Por fim, um por um, rapidamente, um atrás do outro, os picos brancos nas colinas distantes desapareceram nas trevas. A brisa cresceu até se tornar um vendaval que gemia. Vi a sombra central escura do eclipse varrer o ar acima de mim. No instante seguinte, só as estrelas pálidas estavam visíveis. Todo o resto era uma obscuridade afótica. O céu estava absolutamente negro.

“Veio-me um horror dessa grande escuridão. O frio, que castigava até a medula, e a dor que eu sentia para respirar me venceram. Eu tremia, e uma náusea mortífera tomou conta de mim. Então, como um arco vermelho incandescente, surgiu no céu a beirada do Sol. Desci da máquina para me recuperar. Eu

me sentia tonto e incapaz de enfrentar a jornada de volta. Enquanto estava lá, enjoado e confuso, vi novamente a coisa que se mexia sobre o banco de areia — não havia dúvida agora de que era uma coisa que se mexia — contra a água vermelha do mar. Era uma coisa redonda, do tamanho de uma bola de futebol talvez, ou maior, e tinha tentáculos que escorriam dela; parecia ter um corpo negro contra as águas revoltas daquela cor vermelho-sangue, e saltava em espasmos. Então senti que eu ia desmaiar. Mas o pavor terrível de cair indefeso sob aquele crepúsculo medonho me deu forças para subir de volta na sela.”

[79.](#) A formação da Lua e os seus efeitos sobre as marés eram interesses de sir George Darwin. Como nesse futuro imaginado por Wells não havia mais Lua (talvez ela tivesse saído de órbita), também deixa de existir o movimento das marés.

[80.](#) O trecho descreve o fenômeno de rotação sincronizada, no qual um corpo celeste gira em torno de outro, mas seu período orbital é igual ao período de rotação do outro, de modo que ambos ficam perpetuamente com a mesma face à vista, como ocorre com a Terra e a Lua.

[81.](#) Tom de vermelho terroso obtido com um pigmento de óxidos de ferro comumente encontrado no solo da Índia.

[82.](#) O mar Morto é um lago salino localizado na fronteira entre Israel e a Jordânia. Sua alta concentração de sal não permite que peixes ou plantas aquáticas sobrevivam — daí o seu nome.

[83.](#) Como é chamada a cor preta na heráldica, termo derivado do nome em francês antigo para a zibelina, animal conhecido por sua pelagem escura.

[84.](#) Termo para os planetas rochosos menores e mais próximos do Sol, o que inclui Mercúrio, Vênus, a Terra e Marte.

O RETORNO DO VIAJANTE DO TEMPO

— E ASSIM VOLTEI. Por muito tempo devo ter ficado desacordado sobre a máquina. O piscar sucessivo de dias e noites retornou, o Sol estava dourado outra vez, e o céu, azul. Eu já respirava com mais liberdade. Os contornos da Terra iam e vinham. Os ponteiros giravam na direção contrária. Por fim, vi outra vez as sombras vagas de casas, as evidências da humanidade decadente. Essas também mudaram e passaram e outras vieram. Então, quando o ponteiro do milhão indicava zero, diminuí a velocidade. Comecei a reconhecer a nossa própria arquitetura, trivial e familiar, o ponteiro dos milhares voltava ao ponto de partida, e a noite e o dia se alternavam cada vez mais lentamente. Então as velhas paredes do laboratório surgiram ao meu redor. Com muita delicadeza, pois, desacelerei o mecanismo.

“Observei uma coisinha ainda que me pareceu estranha. Acho que já lhes disse que, quando parti, antes de chegar a velocidades altíssimas, a sra. Watchett havia atravessado a sala feito um foguete, como me pareceu. Quando voltei, passei de novo por aquele minuto no qual ela atravessou o laboratório. Mas agora todos os seus movimentos vinham como uma inversão exata dos movimentos anteriores. A porta no canto inferior se abriu, e ela veio deslizando em silêncio pelo laboratório, de costas, e desapareceu por trás da porta por onde antes havia entrado. Logo antes disso pensei ter visto Hillyer⁸⁵ por um momento; mas ele passou por mim como um relâmpago.

“Então parei a máquina, e vi ao meu redor de novo o bom e velho laboratório, minhas ferramentas, meus instrumentos, tudo tal como eu os deixara. Desci da coisa muito abalado e

me sentei na minha banquetta. Por vários minutos tremi violentamente. Depois fiquei mais calmo. Ao meu redor estava de novo a minha oficina, exatamente como antes. Eu podia muito bem ter pegado no sono ali, e a coisa toda ter sido só um sonho.

“Porém, nem tudo estava exatamente como antes! A máquina partira do canto sudeste do laboratório. E tinha parado no noroeste, contra a parede onde vocês a viram. Isso lhes dá a distância exata do pequeno gramado ao pedestal da Esfinge Branca, para onde os Morlocks levaram a minha máquina.

“Por um tempo meu cérebro ficou estagnado. Logo consegui levantar e atravessei essa passagem aqui, mancando, porque meu calcanhar ainda doía, e me sentindo horrivelmente encardido. Observei uma edição da *Pall Mall Gazette*⁸⁶ na mesa perto da porta. Confirmei que a data era de fato a de hoje e, ao olhar o relógio, que eram quase oito horas. Ouvi as vozes dos senhores e o tilintar dos pratos. Então hesitei — de tão enjoado e fraco. Mas senti o cheiro de carne boa e saudável e abri a porta que levava até os senhores. O resto já é conhecido. Eu me lavei e jantei, e agora conto-lhes esta história.”

⁸⁵. Essa personagem só é mencionada neste ponto, e estudiosos estabelecem que seja o prenome ou do narrador, ou de um criado do Viajante do Tempo.

⁸⁶. Jornal londrino que existiu entre 1865, quando é fundado pelo editor George Murray Smith, e 1921, quando se funde com *The Globe*, antes de ambos serem absorvidos pelo *Evening Standard*, em 1923. Além de Wells, outros autores que fazem menção à *Pall Mall Gazette* são Conan Doyle, num dos contos de Sherlock Holmes (“O carbúnculo azul”), e Bram Stoker, em *Drácula*.

DEPOIS DA HISTÓRIA

— EU SEI — ele disse, depois de uma pausa — que isso tudo parecerá absolutamente incrível aos senhores. Para mim, a coisa mais inacreditável é eu estar aqui esta noite nesta velha sala já bem conhecida, olhando seus rostos amistosos e lhes contando essas estranhas aventuras.

Ele olhou para o Médico.

— Não, não posso esperar que os senhores acreditem em mim. Podem pensar que é uma mentira... ou profecia. Digam que sonhei tudo isso na minha oficina. Considerem que eu vinha especulando sobre os destinos de nossa raça até conceber essa ficção. Tratem a minha afirmação de sua veracidade como um mero gesto artístico para torná-la mais interessante. E, encarando-a como uma história, o que os senhores acham dela?

Ele pegou o cachimbo e começou a batê-lo, nervoso, nas barras da grade da lareira, como era seu antigo costume. Houve um silêncio momentâneo. Depois poltronas começaram a ranger e sapatos a arrastar suas solas no carpete. Desviei minha atenção do rosto do Viajante do Tempo e olhei ao redor, para sua plateia. Estavam todos no escuro, e pequenos pontos coloridos nadavam diante deles. O Médico parecia absorto na contemplação de nosso anfitrião. O Editor-Chefe olhava firme para a ponta do seu charuto — o sexto. O Jornalista fuçava o bolso atrás do relógio. Os outros, até onde me lembro, estavam imóveis.

O Editor-Chefe se levantou com um suspiro.

— Que pena que o senhor não escreve histórias! — disse, colocando a mão no ombro do Viajante do Tempo.

— O senhor não acredita?

— Bem...

— Foi o que pensei.

O Viajante do Tempo se voltou para nós:

— Onde estão os fósforos? — perguntou. Então acendeu um deles e falou por cima do cachimbo, pitando. — Para lhes dizer a verdade... eu mesmo mal acredito nisso tudo... e no entanto...

Seu olhar caiu com um tom inquisitivo e mudo sobre as flores brancas e murchas na mesinha. Ele girou a mão que segurava o cachimbo, e vi que observava algumas feridas quase cicatrizadas nos nós dos dedos.

O Médico se levantou, chegou até o lampião e examinou as flores.

— O gineceu é estranho — disse.

O Psicólogo se inclinou para ver, esticando a mão como quem pede um espécime também.

— Raios me partam se não são quinze para a uma — disse o Jornalista. — Como vamos voltar para casa?

— Tem bastante táxi na estação — disse o Psicólogo.

— Que coisa curiosa — disse o Médico. — Mas não sei a que ordem natural pertencem estas flores. Posso ficar com elas?

O Viajante do Tempo hesitou. Depois respondeu de forma brusca:

— Certamente que não.

— Onde foi que o senhor arranjou essas flores, de verdade? — perguntou o Médico.

O Viajante do Tempo colocou a mão na cabeça. Ele falava como se tentasse apanhar uma ideia que lhe escapava.

— Quem as colocou no meu bolso foi Weena, quando viajei no tempo — ele olhou ao redor da sala. — Minha nossa, está tudo me escapando agora. Esta sala e os senhores e a atmosfera do cotidiano são demais para a minha memória.

Será que fiz mesmo uma Máquina do Tempo ou um protótipo da Máquina do Tempo? Ou será que foi tudo um sonho? Dizem que a vida é um sonho, um sonho precioso e por vezes perverso... mas não serei capaz de suportar outro sonho absurdo assim. É loucura. E de onde veio esse sonho?... Tenho que ver a minha máquina. Se é que existe uma!

Ele apanhou o lampião, ligeiro, e o carregou, com um clarão vermelho, cruzando a porta que dava no corredor. Nós o acompanhamos. Lá, sob aquela luz trêmula do lampião, estava a máquina, sem dúvida, atarracada, feia e torta; uma coisa de latão, ébano, marfim e quartzo translúcido reluzente. Era sólida ao toque — pois pousei a mão nela e senti o seu trilho — e tinha máculas e manchas marrons sobre o marfim, pedaços de grama e musgo nas partes mais baixas, e um dos trilhos havia entortado.

O Viajante do Tempo abaixou o lampião sobre a banquetta e correu a mão sobre o trilho danificado:

— Está tudo bem agora — disse. — A história que lhes contei era verdadeira. Sinto muito ter-lhes trazido até aqui no frio.

Ele apanhou o lampião e, em absoluto silêncio, voltamos à sala de fumar.

Ele veio até o vestíbulo conosco e ajudou o Editor-Chefe a vestir o casaco. O Médico olhou para o seu rosto e, com certa hesitação, lhe disse que ele estava sofrendo de estafa, ao que ele reagiu com uma grande risada. Lembro dele de pé junto ao portão, gritando boa-noite.

Dividi um táxi com o Editor-Chefe. Ele achava que a história era uma “mentira estrambótica”. De minha parte, eu era incapaz de chegar a uma conclusão. A história era tão fantástica e incrível, e sua narração tão sóbria e verossímil. Fiquei acordado durante boa parte da noite pensando nela. Decidi ir lá no dia seguinte rever o Viajante do Tempo. Foi-me dito que ele estava no laboratório e, conhecendo já a casa, fui até ele. O laboratório, porém, estava vazio. Encarei a Máquina do Tempo por um minuto e estiquei a mão e encostei na alavanca. Nisso, aquela massa atarracada e aparentemente firme balançou como um galho abalado pelo vento. Sua

instabilidade me perturbou ao extremo, e me veio uma estranha reminiscência das épocas de criança, quando era proibido de mexer nas coisas. Voltei pelo corredor. O Viajante do Tempo me encontrou na sala de fumar. Ele vinha de outro cômodo da casa. Trazia uma pequena câmara consigo sob um dos braços e uma mochila sob o outro. Deu uma risada quando me viu e me ofereceu um cotovelo para cumprimentar.

— Estou terrivelmente ocupado — disse — com aquela coisa ali.

— Mas não é uma farsa? — perguntei. — Você pode mesmo viajar no tempo?

— Posso, sim, de fato — e ele me olhou francamente nos olhos. Hesitava. Seu olhar corria pela sala. — Só preciso de meia hora — disse. — Sei o motivo da sua vinda, e isso é muito bom da sua parte, formidável. Há algumas revistas aqui. Se quiser ficar para o almoço, eu poderei provar para o senhor. Desta vez eu vou com tudo, trazendo espécimes e o que mais for preciso. Espero que me perdoe deixá-lo agora.

Consenti, mal compreendendo a importância real de suas palavras, e ele acenou com a cabeça e saiu pelo corredor. Ouvi a porta do laboratório bater, me sentei numa cadeira e peguei o jornal do dia. O que ele ia fazer antes do almoço? Então de repente me lembrei, por conta de um anúncio, que havia prometido me encontrar com Richardson, da editora, às duas horas. Olhei para o relógio e vi que mal daria tempo para chegar a esse compromisso. Levantei-me e atravessei o corredor para dizer isso ao Viajante do Tempo.

Quando segurei a maçaneta da porta, ouvi do outro lado uma exclamação, estranhamente truncada, e um clique e um baque. Uma lufada de vento soprou enquanto eu abria a porta, e lá de dentro veio o som de vidro quebrado caindo no chão. O Viajante do Tempo não estava lá. Pensei ver por um momento uma figura fantasmagórica e indistinta sentada numa massa revolta de sombras e latão — uma figura tão transparente que a escrivainha logo atrás, com suas plantas e desenhos, permanecia absolutamente nítida; mas esse fantasma desapareceu assim que esfreguei os olhos. A Máquina do Tempo não estava mais lá. Exceto pelo pó que baixava, a outra

ponta do laboratório estava vazia. Uma vidraça da claraboia havia aparentemente estourado.

Senti um deslumbramento irracional. Sabia que havia acontecido algo estranho, mas, por um momento, não conseguia distinguir o que era. Enquanto estava parado ali, olhando, a porta para o jardim se abriu e o criado apareceu.

Nós nos entreolhamos. E assim começaram a surgir ideias:

— O sr. — saiu por aí? — perguntei.

— Não, senhor. Ninguém saiu por aqui. Esperava encontrá-lo aqui no laboratório.

Então compreendi. Correndo o risco de decepcionar Richardson, fiquei lá, esperando pelo Viajante do Tempo; esperando pela segunda história, talvez ainda mais estranha que a primeira, e os espécimes e as fotografias que ele traria consigo. Mas começo a temer agora que eu precise esperar uma vida inteira. Faz três anos que o Viajante do Tempo desapareceu. E, como todos sabem, jamais retornou.

EPÍLOGO

NÃO PODEMOS SENÃO conjecturar. Será que ele vai voltar um dia? É possível que tenha sido levado de volta ao passado e caído no meio dos selvagens peludos e sanguinários da Idade da Pedra Lascada;⁸⁷ nos abismos do mar Cretáceo ou entre os sáurios grotescos, os brutos reptilianos dos tempos jurássicos. Agora mesmo — se é que podemos usar essa expressão — pode estar vagando por algum recife de corais oolítico assombrado por plesiossauros,⁸⁸ ou pelos lagos salinos solitários da Era Triássica.⁸⁹ Ou será que avançou para o futuro, rumo a uma era mais próxima, na qual o ser humano ainda é humano, mas com os enigmas de sua própria época respondidos e os seus exaustivos problemas resolvidos? Rumo à maturidade da raça: pois eu, de minha parte, não consigo pensar que estes dias de hoje, de experimentação débil, teorias fragmentadas e discórdia mútua, possam ser de fato a era da culminação do ser humano! Isso de minha própria parte, como disse. Ele, eu bem sei — pois discutimos a questão entre nós antes de a Máquina do Tempo ser construída —, fazia pouco-caso do Avanço da Humanidade e via nos crescentes acúmulos da civilização apenas um amontoado insensato que no final deverá inevitavelmente desmoronar e destruir seus criadores. Se assim for, o que nos resta é continuar vivendo como se assim não fosse. Mas, para mim, o futuro ainda é obscuro e está em branco — uma vasta ignorância, iluminada em alguns pontos casuais pela memória desta história. E tenho comigo, para me confortar, duas estranhas flores brancas — encarquilhadas agora, amarronzadas, achatadas e quebradiças —, como testemunho de que, mesmo quando a força e o intelecto tiverem nos abandonado, a gratidão e a ternura mútua ainda viverão no coração do ser humano.

[87.](#) O período Paleolítico, que representa a maior parte da pré-história humana, iniciado com o primeiro uso conhecido de ferramentas de pedra por homínídeos c.3,3 milhões de anos atrás. Como o nome indica, o período é caracterizado pelo uso de ferramentas feitas de pedra fraturada e não polida (ao contrário do que ocorre no período posterior, o Neolítico).

[88.](#) Répteis marinhos dotados de corpo achatado com membros em forma de barbatanas e pescoço alongado. Foi um dos primeiros fósseis de répteis descobertos no séc.XIX, sendo seu gênero já batizado pela ciência em 1821.

[89.](#) Triássico, Jurássico e Cretáceo são, respectivamente, os períodos geológicos do início, metade e fim da era Mesozoica. O Triássico vai de c.251 a 201 milhões de anos atrás e é marcado pela grande extinção do Permiano-Triássico, pelo surgimento dos primeiros mamíferos e répteis da superordem Archosauria e pelo começo da divisão da Pangeia; ele se encerra com a grande extinção do Triássico-Jurássico. Na sequência, o período Jurássico vai de c.201 a 145 milhões de anos atrás; conhecido como a Era dos Répteis, foi dominado por dinossauros, sobretudo os grandes herbívoros, chamados saurópodes. Por fim, o Cretáceo vai de c.145 a 66 milhões de anos atrás; é o período no qual viveram alguns dos dinossauros mais conhecidos, como o tiranossauro rex, o velociraptor e o tricerátops. É provável que a ênfase dada pelo narrador ao *mar* Cretáceo em específico seja porque os mares desse período eram especialmente perigosos, mais do que em qualquer outra época, repletos de predadores gigantescos como os mosassauros, ictiossauros e plesiossauros.

ANEXOS

OS ARGONAUTAS CRÔNICOS

I. Sendo o relato da estadia do dr. Nebogipfel em Llyddwdd

A cerca de um quilômetro da vila de Llyddwdd, na estrada que passa pelo lado leste da montanha Pen-y-pwll na direção de Rwestog, encontra-se uma grande fazenda conhecida como a Paróquia.¹ O nome deriva do fato de ter sido residência do pastor dos metodistas calvinistas por um tempo.² É uma construção singela, baixa e irregular, a uns cem metros da ferrovia, e que agora está rapidamente chegando a um estado de ruína.

Desde sua construção, na segunda metade do último século, a sorte da casa mudou muitas vezes, tendo sido abandonada há muito tempo pelo fazendeiro dono dos acres ao seu redor, em busca de acomodações menos pretensiosas e mais convenientes. Entre outros, certa vez a srta. Carnot, a “Safo Galesa”,³ fez de lá seu lar, e mais tarde um senhor chamado Williams passou a ocupá-la. O assassinato horrendo deste inquilino pelos dois filhos foi o motivo para o lugar ter permanecido inabitado por um tempo considerável, cuja consequência inevitável foi a sua dilapidação completa.

A casa tinha má reputação, e os adolescentes e a Natureza juntaram forças para fazer com que uma desolação recaísse sobre ela sem demora. O temor aos Williams, que evitavam que os jovens de Llyddwdd satisfizessem sua propensão a invadir a construção deserta, se manifestara num ressentimento extraordinariamente destrutivo contra o que pudesse ser quebrado no exterior. Os projéteis com os quais eles ao mesmo tempo confessavam e desafiavam seu temor espiritual deixaram sobrar apenas um ou outro caco de vidro e não mais que algumas relíquias surradas das esquadrias de chumbo à moda antiga nas janelas estreitas, enquanto incontáveis telhas estilhaçadas em torno da casa e quatro ou cinco aberturas que bocejavam atrás dos caibros desnudados no telhado eram também testemunhas vívidas da energia com que a rejeitavam. A chuva e o vento tinham caminho livre, portanto, para entrar nas salas vazias e fazer o que quisessem por lá, com a ajuda e a aprovação do velho pai, o Tempo. As tábuas do assoalho e do lambril, alternando-se entre encharcadas e ressequidas, acabaram se deformando em feitiços estranhos, rachadas aqui e ali, e se desvencilharam, em paroxismos de dor reumática, dos pregos devorados pela ferrugem que outrora as mantinham firmes. O gesso das paredes e do teto, que escurecia em tons esverdeados com a crosta de vida rasteira alimentada pela chuva, se separava devagar de suas ripas fermentadas; e os grandes fragmentos dele que caíam inexplicavelmente em horas tranquilas, com concussões e estrondos retumbantes, davam força à superstição popular de que o velho Williams e seus filhos estavam fadados a reencenar sua medonha tragédia até o dia do Juízo Final. Rosas brancas e intrincadas trepadeiras, com as quais a srta. Carnot havia adornado as paredes, agora se espalhavam viçosas sobre as telhas cobertas de líquens, e com raminhos graciosos invadiam, tímidas, os cômodos fantasmagoricamente acortinados com teias de aranha. Fungos macilentos começavam a deslocar e a empurrar os tijolos do porão, e por toda parte eles se reuniam sobre a madeira que apodrecia, em toda a glória de suas cores púrpura e carmim malhado, marrom amarelado e hepatita. Formigas e cochonilhas, besouros e mariposas, inumeráveis coisas aladas e rastejantes a cada dia encontravam um lar mais agradável entre as ruínas; e atrás delas, em multidões cada vez maiores, amontoavam-se sapos malhados. Andorinhas e martins construíam ninhos a cada ano maiores nas câmaras arejadas do sótão. Morcegos e corujas lutavam pelos cantos crepusculares das salas inferiores. E assim, na primavera do ano 1887, aos poucos mas com firmeza, a Natureza se tornava a inquilina da velha Paróquia. “A casa estava caindo aos pedaços, rápida e decididamente”, como diriam aqueles incapazes de apreciar a serventia para outros seres do que os homens abandonam. Mas estava, em todo caso, destinada a abrigar um último inquilino humano antes de sua dissolução.

Não houve ciência do advento de um novo habitante na pacata vila de Llyddwdd. Ele chegou sem qualquer aviso, vindo do vasto desconhecido para a esfera das fofocas e da observação pequena do vilarejo. Caiu no mundo de Llyddwdd, como se diz, tal qual um relâmpago em plena luz do dia. De repente, do nada, lá estava ele. Os rumores, de fato, mencionavam por alto que fora visto chegando num certo trem vindo de Londres e que seguira direto, sem hesitação, para a velha Paróquia, sem

dar uma palavra de explicação ou sinal a qualquer mortal quanto a seu propósito ali; mas essa mesma fonte fértil de informações também sugeria que fora visto deslizando morro abaixo pelos barrancos íngremes de Pen-y-pwll com excessiva rapidez, montado, ao que parecia ao observador inteligente, num instrumento não diferente de uma peneira, e que entrara na casa pela chaminé. Desses relatos conflitantes, foi o primeiro que começou antes a circular, mas o segundo, em vista da presença bizarra e dos costumes excêntricos do mais novo habitante, foi ganhando espaço. Quaisquer que tenham sido os meios pelos quais ele chegara, não há dúvida de que no dia 1º de maio ele estava lá e de posse da Paróquia; porque, na manhã desse dia, foi observado pela srta. Morgan ap Lloyd Jones – e subsequentemente pelas numerosas pessoas que o seu relato levou a subirem a montanha – engajado na curiosa ocupação de pregar folhas de metal nos buracos das janelas de seu novo domicílio — “cegando a casa”, como descreveu, não sem propriedade, a srta. Morgan ap Lloyd Jones.

Era um homenzinho pequeno e de pele amarelada, vestido em trajes justos que pareciam feitos de algum material rígido e escuro, que, segundo a opinião do sr. Parry Davies, o sapateiro de Llyddwdd, era couro. O nariz aquilino, os lábios finos, as maçãs do rosto proeminentes e o queixo pontudo eram todos pequenos, bem-proporcionados e simétricos; mas os ossos e os músculos da face se destacavam em excesso e se distinguiam pela magreza extrema. A mesma razão contribuía para a aparência funda de seus grandes olhos cinzentos e de olhar ávido, que miravam debaixo da testa fenomenalmente larga e alta. Era esse último traço que mais atraía a atenção de um observador. Parecia grande para além de qualquer proporção projetada para o restante de seu aspecto. As dimensões, as rugas, as marcas de expressão, a venação, tudo era igualmente exagerado de uma maneira anormal. Abaixo da testa, os olhos brilhavam como lanternas numa caverna ao sopé de um desfiladeiro. Eles dominavam e sufocavam o restante de seu rosto a ponto de conferirem uma aparência quase não humana ao que de outro modo seria um perfil inquestionavelmente belo. Em vez de ocultar esse efeito, o cabelo negro que caía reto e despenteado diante dos olhos servia para ressaltá-lo, acrescentando à altura antinatural uma sugestão de projeção hidrocefálica; e a ideia de algo ultra-humano era ainda acentuada pelas artérias temporais que pulsavam, visíveis, por sua pele amarela transparente. Não é de admirar, em vista dessas coisas todas, que entre os galeses altamente poéticos de Llyddwdd a teoria da chegada sobre a peneira tenha ganhado um espaço considerável.

Foram o seu porte e ações, porém, muito mais do que a personalidade, que convenceram as pessoas da explicação sobrenatural para os acontecimentos. Em quase todos os aspectos da vida os observadores aldeões logo descobriram que os costumes dele não só não eram os mesmos que os seus como também eram inexplicáveis sob quaisquer teorias que pudessem conceber para dar conta das motivações. Assim se sucedeu que, numa pequena ocorrência no princípio, quando Arthur Price Williams, um homem de proeminência e famoso em todas as tavernas de Caernarvonshire por seus dons sociais, assumiu a empreitada, em seu melhor galês e em ainda melhor inglês, de buscar engajar o estranho num colóquio a respeito de todo o espetáculo das folhas de metal, seu fracasso foi completo. Suposições inquisitivas, perguntas diretas, ofertas de ajuda, sugestões de método, sarcasmo, ironia, ofensa e, por fim, desafio para duelo, por mais que tudo fosse gritado com muito esforço do outro lado da sebe da estrada, nada teve resposta nem sinal de sequer ter sido ouvido. Armas de projétil, como Arthur Price Williams descobriu, eram igualmente inúteis para o propósito de apresentação, e a turba reunida se dispersou com sua curiosidade e suspeita insaciadas. Mais tarde naquele dia, a aparição sombria foi vista descendo a estrada que corria pela montanha rumo à vila, sem chapéu, e com tal largura em suas passadas e profunda resolução em seu aspecto que Arthur Price Williams, contemplando-a de longe, à porta do Pig and Whistle, foi tomado por uma terrível consternação e se escondeu atrás do forno holandês da cozinha até que ela tivesse passado. Um pânico selvagem também assolou as crianças na saída da escola e as fez correr para dentro como folhas num vendaval. Ele estava apenas procurando uma loja de conveniência, porém, e de lá saiu, após uma permanência prolongada, com uma braçada de pacotes azuis diversos, um pão, arenques, pés de porco, carne de porco salgada e uma garrafa negra, com os quais retornou na mesma passada rápida à Paróquia. Seu modo de fazer compras consistia em apenas e tão somente mencionar os artigos requeridos, sem qualquer outra palavra de explicação, civilidade ou solicitação.

Parecia não dar ouvidos às superstições meteorológicas grosseiras e aos lugares-comuns inquisitivos do comerciante, e poderia ser tomado por surdo se não tivesse reagido com a mais pronta atenção ao menor comentário que fosse. Por consequência, logo se espalhou o rumor de que estava determinado a evitar todo contato humano que não fosse extremamente necessário. Vivia de forma misteriosa no casarão decadente, sem companhia ou serviço de mortais, e presumia-se que dormia sobre as tábuas do chão ou em meio à sujeira, e cozinhando a própria comida ou então comendo-a

crua. Isso, combinado com a concepção popular das assombrações patricidas, contribuiu muito para fortalecer a suposição geral de que havia algum vasto abismo entre o recém-chegado e a humanidade comum. A única coisa que não harmonizava com essa ideia de separação da humanidade era o fluxo constante de caixotes cheios de uma vidraria grotescamente contorcida, engradados de instrumentos de bronze e aço, rolos imensos de arame, vastos implementos de ferro e barro refratário, cujo propósito era inconcebível, potes e frascos com rótulos em preto e escarlate — VENENO —, imensos pacotes de livros e rolos gigantescos de papel para desenho, que chegavam a suas acomodações em Llyddwdd vindos do mundo exterior. As inscrições aparentemente hieroglíficas nessas várias remessas revelaram, sob a análise profunda de Pugh Jones, que o nome e o título do novo habitante eram dr. Moses Nebogipfel, Ph.D., F.R.S., N.W.R., PAGO⁴ — descoberta essa que foi causa de muitos sermões, sobretudo em meio à comunidade que só falava galês. Além do mais, essas encomendas, por sua evidente inadequação a qualquer uso mortal permissível e pela aura diabólica que delas se inferia, encheram a vizinhança de um horror vago e uma curiosidade vívida, que foram imensamente ampliados pelos fenômenos extraordinários e os relatos ainda mais extraordinários que se seguiram ao seu recebimento na Paróquia.

O primeiro desses casos se deu numa quarta-feira, dia 15 de maio, quando os metodistas calvinistas de Llyddwdd organizavam seu festival anual de comemoração, ocasião em que, de acordo com os costumes, os moradores das freguesias vizinhas de Rwtog, Pen-y-garn, Caergyllwdd, Llanrdd e até mesmo da distante Llanrwt afluíam para a vila. Os agradecimentos populares à Providência se materializavam do modo costumeiro, por meio de pão de ameixa e manteiga, chá misto, *terza*, namoricos beatos, jogos de flertes com lenços, partidas rudes de futebol e discursos políticos vituperativos. Por volta das oito e meia a diversão começou a minguar e o público se dispersou; e às nove vários casais e grupos avulsos seguiam no escuro pela estrada montanhosa de Llyddwdd a Rwtog. Era uma noite calma e morna, daquelas em que os lampiões, o gás e o sono pesado parecem uma estúpida ingratidão para com o Criador. O céu no zênite era de um azul profundo reluzente e inefável, e a estrela da tarde⁵ pendia dourada na escuridão líquida do poente. A nor-noroeste, uma vaga fosforescência marcava o dia que se encerrava. A Lua acabara de nascer, pálida e redonda sobre os imensos ombros cobertos de névoa de Pen-y-pwll. Contra o lustroso céu a leste, a Paróquia se destacava, escura, nítida e solitária, no contorno difuso da montanha. A quietude do crepúsculo havia calado a miríade de murmúrios do dia. Apenas os sons de passos, vozes e risos, que surgiam e sumiam esporádicos na estrada, e um martelar intermitente vindo da casa escura rompiam o silêncio. De repente, um zum-zum, zumbindo e ciciando, preencheu o ar noturno, e um brilho claro cruzou o caminho escuro dos viajantes. Todos os olhares se voltaram, com assombro, para a Paróquia. A casa não era mais um bloco escuro e sem vida, mas transbordava de luz. Dos buracos escancarados no telhado, das rachaduras e fissuras nas telhas e nos tijolos, de todos os vãos que a Natureza ou o ser humano havia aberto naquela velha carcaça caindo aos pedaços, jorrava um clarão branco azulado ofuscante, diante do qual a Lua nascente parecia um opaco disco de enxofre. A neblina fina da noite orvalhada havia capturado o brilho violeta e pendia, como uma fumaça de outro mundo, sobre a claridade incolor. Houve então uma comoção e agitação estranhas na velha Paróquia, os barulhos foram se tornando cada vez mais altos para os espectadores que se aglomeravam, e, da casa, vieram clangores retumbantes de impactos contra o metal que protegia as janelas. Então, das falhas reluzentes no telhado da casa, de repente, jorrou um enxame assombroso de diversas criaturas vivas — andorinhas, pardais, martins, corujas, morcegos, insetos, em multidões visíveis, formando, por muitos minutos, uma nuvem ruidosa que se espalhava e girava sobre as empenas escuras e as chaminés... e que lentamente se rarefez, até desaparecer na noite.

Conforme o tumulto se dispersava, o zumbido latejante que primeiro capturara a atenção novamente crescia entre os ouvintes, até que enfim era o único som no longo silêncio. Mas então a estrada voltou a despertar, aos poucos, para o bater e arrastar de pés, à medida que os grupos de Rwtog, um a um, desviaram os olhos embotados da brancura ofuscante e continuaram seu caminho de volta para casa, ponderando profundamente.

O leitor culto já terá discernido que esse fenômeno, que semeou toda uma colheita de pensamentos insólitos no espírito desse povo valoroso, foi a mera instalação de luz elétrica na Paróquia. De fato, essa última vicissitude do antigo casarão era a mais estranha. Sua ressurreição à vida mortal foi como a de Lázaro.⁶ A partir daquele momento, dia e noite, por trás das cortinas de metal nas janelas, o relâmpago domesticado passou a iluminar cada canto do interior, que se transformava rapidamente. A energia quase frenética daquele doutorzinho de cabelo escorrido e roupas de couro varria para cantos e buracos obscuros e para a destruição ordinária raminhos de trepadeiras, cogumelos, folhas das roseiras, ninhos de pássaros, ovos, teias de aranha e todos os enfeites e decorações caprichosas e amáveis com os quais a velha mãe coruja, a Dama Natureza, adornara a

casa decadente em seu estado de repouso. O aparato magnetelétrico zumbia de forma incessante entre os vestígios da sala de jantar coberta de lambril, onde outrora um inquilino do século XVIII lia piamente suas preces matinais e fazia sua ceia dominical; e no lugar de seu simbólico aparador sagrado havia uma pilha sórdida de coque.⁷ O forno da cozinha fornecia substrato e material para uma forja, cujos foles a bufar e arquejar, com estouros intermitentes, rubros e faiscantes, faziam as mulheres galesas, em suas trevas iluminadas apenas pela Bíblia, lançarem murmúrios em galês suave, enquanto passavam apressadas: “O seu hálito faz incender os carvões; e da sua boca sai chama.”⁸ Pois a ideia que essa boa gente formava da situação era que um leviatã domesticado, mas ocasionalmente inquieto, fora somado aos terrores da casa assombrada. O acúmulo cada vez maior de peças de maquinário, grandes moldes de latão, blocos de metal, barris, caixotes e pacotes de inumeráveis artigos exigiu o sacrifício das partições menores da casa para satisfazer a demanda de tudo isso por espaço; as vigas e o piso dos cômodos superiores também foram derrubados sem piedade pelo incansável cientista, de modo a convertê-los em meros suportes e prateleiras de canto no espaço atrial entre o porão e os caibros. Algumas tábuas mais firmes foram utilizadas para construir uma mesa grosseira, sobre a qual rapidamente se acumularam arquivos e pilhas de diagramas geométricos. Aparentemente a produção desses diagramas era o objeto em que a mente do dr. Nebogipfel parecia estar tão inflexivelmente focada; todos os outros aspectos de sua vida eram secundários a essa ocupação. Consistiam em arabescos de linhas estranhamente complicados — plantas baixas, elevações, seções por superfície e sólidos — que, com ajuda do aparato logarítmico mecânico e das máquinas curvigráficas envolvidas, se espalhavam com rapidez sob suas mãos hábeis por metros e mais metros de papel. Algumas dessas formas simbolizadas ele despachou para Londres, e elas logo voltaram, materializadas em latão e marfim, níquel e mogno. Algumas ele mesmo traduziu em modelos sólidos de metal e madeira, por vezes utilizando areia para fazer moldes metálicos, mas com frequência entalhando-os com labor a partir de um bloco para obter maior precisão de dimensões. Nesse segundo processo, entre outros aparelhos, ele empregou uma serra circular dotada de pó de diamante, que rodava com uma rapidez extraordinária, movida a vapor e multiplicador de rotação. Era essa coisa, mais do que tudo, que enchia Llyddwdd com um desprezo doentio pelo Doutor, como se ele fosse um homem de trevas e sanguinolência. Muitas vezes, no silêncio da madrugada — pois em sua pesquisa incessante o mais novo habitante pouca atenção dava à luz do Sol —, os moradores despertos em Pen-y-pwll ouviam o que a princípio parecia um murmúrio de reclamação, como o resmungo de um homem ferido, “gurr-urr-urr”, subindo por gradações lentas de tom e intensidade até se assemelhar a uma voz que protesta com profundo e apaixonado desespero, terminando, enfim, de forma brusca com um guincho agudo e penetrante, que zumbia nos ouvidos por horas depois e que gerou incontáveis sonhos medonhos.

O mistério de todos esses ruídos assombrosos e fenômenos inexplicáveis, o porte desumanamente brusco do Doutor e seu evidente desconforto quando afastado da ocupação que o absorvia, todo o seu isolamento zeloso e o comportamento aterrador em relação a certos intrusos oficiosos suscitaram o ressentimento e a curiosidade populares ao mais alto grau, e já se armava um esquema para algum tipo de inquisição popular (provavelmente acompanhada de um teste de imersão)⁹ quanto aos seus assuntos quando a morte súbita do corcunda Hughes, após um ataque apoplético, instaurou uma inesperada crise. A infeliz criatura foi vista caindo de repente e rolando pela estrada, debatendo-se com violência contra, assim pareceu aos espectadores, algum atacante invisível. Quando o socorro chegou, ele estava com a cara roxa, e os lábios azulados se recobriam de uma espuma viscosa. Morreu quase que no exato momento em que colocaram as mãos sobre ele.

Owen Thomas, o médico, tentou em vão convencer a turba agitada que rapidamente se reunia em torno do Pig and Whistle, para onde o corpo havia sido levado, de que se tratava de uma morte inquestionavelmente natural. Propagara-se uma horrível suspeita zimótica¹⁰ de que o falecido fora vítima dos poderes ocultos imputados ao dr. Nebogipfel. O contágio se deu com as notícias que passaram como um relâmpago pela vila e deixaram toda Llyddwdd fervendo com um desejo feroz de tomar alguma atitude contra o responsável por aquela iniquidade. A superstição em sua forma mais pura, que até então caminhara comedidamente pela vila, temendo o ridículo e o próprio Doutor, agora surgia com audácia diante de todos, trajada na majestade terrível da verdade. Pessoas que até então haviam se calado quanto aos seus medos do diabrete que era aquele filósofo descobriram de repente um prazer temeroso em sussurrar possibilidades sinistras a seus iguais, e, com as respostas simpáticas, logo seus enunciados passaram de sussurros de possibilidades a afirmações resolutas em tons altissonantes e até mesmo esganiçados. A fantasia de um leviatã cativo, já mencionada, e que até então fora a alegria medonha, porém secreta, de um certo conclave de senhoras ignorantes, foi divulgada a todos como fato indisputável, uma vez que foi declarado, sob sua própria autoridade, que o animal em certa ocasião perseguira a srta. Morgan ap Lloyd Jones

quase até Rwestog. Acreditava-se universalmente na história de que Nebogipfel fora ouvido entoando horrendas blasfêmias no interior da Paróquia, juntamente com os Williams, e que uma coisa “negra, que batia as asas, do tamanho de um bezerro” havia entrado pelo buraco no telhado. Correu a anedota nefasta, originada por um tropeção no cemitério, de que o Doutor havia sido flagrado macabramente arranhando uma cova recém-cavada com os longos dedos brancos. A declaração, que contava com numerosas testemunhas, de que Nebogipfel e o Williams assassinado haviam sido vistos enforcando os filhos num cadafalso espectral, no quintal da casa, deveu-se à iluminação elétrica de uma árvore sacudida em golpes súbitos pelo vento. Uma centena de histórias assim inundou a vila e eclipsou a atmosfera moral. O reverendo Elijah Ulysses Cook, ao ouvir o tumulto, se voluntariou para apaziguar os ânimos e por pouco não acabou atraindo para si mesmo o raio que se formava.

Por volta das oito da noite (era uma segunda-feira, dia 22 de julho), organizara-se uma grande manifestação contra o “necromante”.¹¹ figuras mais audazes entre os homens formavam o núcleo da reunião e, ao cair da noite, Arthur Price Williams, John Peters e outros trouxeram as tochas e ergueram suas chamas faiscantes no ar com sugestões bruscas e ominosas. Os homens menos aventureiros da vila chegaram mais tarde ao encontro, e com eles vieram as mulheres casadas em grupos de quatro ou cinco, aumentando imensamente a exaltação da assembleia com sua conversa histérica e esganiçada e as imaginações férteis. Depois delas as crianças e as jovens, sucumbindo a um pavor indefinível, saíram em silêncio das sombras demasiadamente quietas das casas rumo ao clarão amarelo das tochas de madeira e ao ruído tumultuoso da turba que crescia. Por volta das nove, quase metade da população de Llyddwdd estava reunida diante do Pig and Whistle. Havia um murmúrio confuso de muitas línguas, mas sobre toda a movimentação e tagarelice da população podia-se ouvir a voz rouca e falha do velho Pritchard, fanático e sedento por sangue, extraindo uma lição oportuna do destino dos quatrocentos e cinquenta idólatras do Carmelo.¹²

No instante em que o relógio da igreja batia as horas, um movimento colina acima teve início, ignora-se como, e logo a assembleia inteira, homens, mulheres e crianças, seguia numa massa compactada pelo medo rumo à morada do malfadado doutor. Enquanto deixavam para trás a taverna bem iluminada, uma trêmula voz feminina começou a entoar um daqueles cânticos sinistros que satisfazem o ouvido calvinista. A canção pegou num tempo incrivelmente curto, primeiro entre dois ou três e depois por toda a procissão, e as muitas passadas dos sapatos pesados logo se ritmaram pelas batidas do hino. Quando, porém, se aproximaram de seu alvo, que brilhava como uma estrela sobre a ondulação da estrada, o volume da salmodia de repente baixou, deixando apenas as vozes dos líderes, que de fato gritavam, já desafinando, ainda que com mais vigor do que antes. Em todo caso, sua persistência e seu exemplo não conseguiram evitar que, conforme se aproximavam da Paróquia, a marcha perdesse o ritmo e ralentasse, e a multidão inteira parou de súbito quando chegaram ao portão. Um vago medo do futuro havia parido a coragem que levava os aldeões até ali: o medo do presente agora sufocava essa cria. O intenso clarão das frestas sobre a aglomeração, num silêncio mortal, iluminava fileiras de rostos lívidos e hesitantes; e um choro soluçante, sufocado e atemorizado, irrompeu entre as crianças.

— Bem — disse Arthur Price Williams, voltando-se para Jack Peters, calculando com perícia a determinação modesta do seu discipulado —, o que fazemos agora, Jack?

Mas Peters estava olhando para a Paróquia com manifesta dubiedade e ignorou a pergunta. A caça às bruxas de Llyddwdd parecia em vias de ser abruptamente abortada.

Foi então que o velho Pritchard deu um súbito passo adiante, fazendo gestos estranhos com as mãos ossudas e os braços compridos.

— O quê?! — gritou, em notas desafinadas. — Temeis castigar o que o Senhor abomina? Queimem o bruxo!

E, tomando uma tocha de Peters, abriu com tudo o portão bambo e seguiu a largos passos caminho adentro, a tocha deixando atrás de si uma trilha espiralada de faíscas cintilantes no vento noturno.

— Queimem o bruxo! — gritou uma voz esganiçada vinda da multidão hesitante, e num momento o instinto humano gregário prevaleceu. Com um roubo de vozes incoerentes e ameaçadoras, a multidão entrou atrás do fanático.

Ai do filósofo agora! Eles esperavam portas barricadas; mas com um resmungo consciente de sua insuficiência os portais de dobradiças enferrujadas cederam ao empurrão de Pritchard. Cegado pela luz, ele hesitou um segundo nos umbrais, enquanto seus seguidores se amontoavam atrás dele.

Quem estava lá diz ter visto o dr. Nebogipfel de pé sob o clarão inexpressivo da luz elétrica, sobre uma inusitada estrutura de latão, ébano e marfim; e que ele sorria num misto de pena e escárnio, como dizem que é o costume dos mártires. Alguns afirmam, além disso, que a seu lado estava sentado um homem alto e num traje escuro, e há quem diga ainda que esse segundo homem — o que outros negam — tinha no rosto o aspecto do reverendo Elijah Ulysses Cook, enquanto outros declaram que ele lembrava a descrição do Williams que fora assassinado. Seja como for, jamais teremos como provar nada disso, pois de repente algo maravilhoso atingiu a multidão que entrava feito um enxame. Pritchard caiu de cabeça no chão, desacordado. Gritos e berros de raiva se transformaram, a meio caminho, em gemidos de medo agonizante ou em arquejos de horror de fazer parar o coração: e então deu-se uma corrida frenética rumo à porta.

Pois o calmo e sorridente Doutor, seu silencioso companheiro vestido de preto e a plataforma polida que os suportava haviam desaparecido diante dos seus olhos!

II. Como tornou-se possível uma história esotérica

Um salgueiro de folhagem argêntea ao lado de uma lagoa. Vindos das águas que reluziam com as folhas de agrião abaixo, despontam punhados de junças, e entre eles brilham flores-de-lis púrpura e o vapor safira dos miosótis. Mais adiante se vê um córrego de águas lentas que refletem o azul intenso do céu úmido de Fenland;¹³ e além dele uma ilhota com ramos baixos de vimeiros à margem. Isso limita todo o universo visível, salvo algumas copas podadas esparsas e álamos em formato de lança que aparecem contra a distância violeta. Ao pé do salgueiro reclina-se o autor, observando uma borboleta cor de cobre que paira de íris em íris.

Quem é capaz de fixar as cores do poente? Quem pode tirar um molde de uma chama? Que essa pessoa tente registrar as mutações do pensamento mortal que vaga de uma borboleta para a alma desencarnada e dela para os movimentos espirituais e o desaparecimento do dr. Moses Nebogipfel e do reverendo Elijah Ulysses Cook do mundo sensível.

Enquanto o autor ali repousava e especulava, como alguém outrora fizera sob a árvore de Bodhi,¹⁴ sobre transmutações místicas, uma presença se fez aparente. Havia algo na ilhota entre ele e o horizonte púrpura — uma entidade opaca e que refletia a luz, e que se fazia fracamente perceptível pelo reflexo na água ao seu olhar desviado. Ele levantou o olhar numa expressão de surpresa curiosa.

O que era aquilo?

Ele encarou, estupefato e estarecido, a aparição, duvidou, piscou, esfregou os olhos, olhou de novo e acreditou. Era uma coisa sólida, fazia sombra e transportava dois homens. Havia nela um metal branco que brilhava sob o sol do meio-dia como magnésio incandescente, barras de ébano que embebiavam a luz e partes brancas que reluziam como marfim polido. Contudo, parecia irreal. A coisa não era um bloco rígido e firme como deveria ser uma máquina, mas toda disforme: ela se retorcia e parecia prestes a cair, pendurada em duas direções, como se penduram aqueles cristais estranhos chamados de triclínicos;¹⁵ parecia ter sido esmagada ou torcida; era mais uma sugestão que uma confirmação, como se saída de um sonho caótico. Os homens também eram oníricos. Um deles era de estatura baixa, intensamente amarelado, com uma cabeça de formato estranho e vestido em roupas de um verde-oliva escuro; o outro, grotescamente fora de contexto, era evidentemente um clérigo da Igreja Anglicana, um homem de cabelo louro e rosto pálido.

Mais uma vez a dúvida recaía sobre o autor. Ele se recostou e mirou o céu, esfregou os olhos, encarou os ramos do salgueiro entre ele e o azul, examinou de perto as mãos para ver se seus olhos tinham quaisquer novidades para relatar sobre elas, e então aprumou-se de novo e encarou a ilhota. Uma brisa suave mexeu os vimeiros; um pássaro branco batia as asas pelo céu baixo. A máquina de sua visão desaparecera! Era uma ilusão — uma projeção subjetiva — uma asserção da imaterialidade da mente.

— Sim — suas faculdades céticas intervieram —, mas por que é que o clérigo ainda está aqui?

O clérigo não desaparecera. Perplexo, o autor examinou o fenômeno de batina preta, que contemplava de pé o mundo, com a mão fazendo sombra sobre os olhos. O autor conhecia de cor a periferia daquela ilhota, e a pergunta que o perturbava era: “De onde pode ter vindo?” O clérigo parecia um francês que acaba de chegar a Newhaven¹⁶ — desgastado pela viagem; as roupas amarradas e imundas em plena luz do dia. Quando chegou às margens da ilha e gritou uma pergunta para o autor, sua voz era falhada e trêmula.

— Sim — respondeu o autor —, é uma ilha, sim. Como foi que o senhor chegou aqui?

Mas o clérigo, em vez de responder, fez outra pergunta muito estranha. Disse ele:

— O senhor é do século XIX?

O autor o fez repetir a pergunta antes de responder.

— Graças! — gritou o clérigo, arrebatado. Então, com avidez, ele lhe perguntou a data exata. — Dia 9 de agosto de 1887 — ele repetiu após o autor lhe responder. — Glória!

E, afundando na ilhota, de modo que sumia atrás da folhagem, claramente começou a chorar.

Agora o autor estava incrivelmente surpreso com isso tudo, e, seguindo por uma certa distância ao longo da lagoa, conseguiu uma canoa e, embarcando nela, foi se impulsionando a toda a pressa com uma vara até alcançar a ilhota onde vira o clérigo. Encontrou-o desacordado entre os juncos, e o levou consigo em sua canoa até a casa onde vivia; o clérigo ficou desacordado por dez dias.

Nesse ínterim, veio à tona que aquele homem era o reverendo Elijah Cook, que desaparecera de Llyddwdd com o dr. Moses Nebogipfel três semanas antes.

No dia 19 de agosto, a enfermeira chamou o autor em seu escritório para conversar com o inválido. Ele o encontrou lúcido, mas seus olhos tinham um brilho estranho e seu rosto estava mortiferamente pálido.

— O senhor já descobriu quem sou? — ele perguntou.

— O senhor é o reverendo Elijah Ulysses Cook, M.A.,¹⁷ de Pembroke College, Oxford, e reitor de Llyddwdd, próximo a Rswtog, em Caernarvon.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Já lhe disseram alguma coisa sobre como cheguei aqui?

— Eu o encontrei entre os juncos — respondi.

Ele ficou em silêncio e pensativo por um tempo.

— Tenho um testemunho a fazer. O senhor pode ouvi-lo? Diz respeito ao assassinato do velho Williams, que ocorreu em 1862, o desaparecimento do dr. Moses Nebogipfel, a abdução de um menor no ano 4003...

O autor o encarou.

— O ano de Nosso Senhor, 4003 — ele se corrigiu. — Ela virá. Também várias agressões contra oficiais públicos nos anos 17901 e 17902.

O autor tossiu.

— Os anos 17901 e 17902 e dados médicos, sociais e fisiográficos valiosos para todo o sempre.

Após uma consulta com o médico, decidiu-se que seu testemunho seria registrado, e nisso consiste o restante da história dos Argonautas Crônicos.¹⁸

Em 28 de agosto de 1887, o reverendo Elijah Cook faleceu. Seu corpo foi trasladado para Llyddwdd e enterrado no cemitério da igreja local.

III. A história esotérica baseada nos testemunhos do clérigo

O Homem Anacrônico

Foi comentado incidentalmente na primeira parte como o reverendo Elijah Ulysses Cook tentou e não conseguiu acalmar os ânimos supersticiosos dos aldeões na tarde do memorável dia 22 de julho. Sua próxima tentativa foi a de avisar o filósofo antissocial dos perigos que corria. Com essa intenção ele partiu da vila eivada de boatos, seguindo no calor mormacento e silencioso da tarde de julho, e subiu os barrancos de Pen-y-pwll até a velha Paróquia. Suas batidas retumbantes na porta pesada suscitaram ressonâncias débeis no interior e produziram uma chuva de pedaços de gesso e fragmentos de madeira velha e podre na varanda bamba, mas, exceto por isso, a quietude onírica daquele dia de verão permanecia intacta. Tudo estava tão quieto que, enquanto ele esperava, podia ouvir com distinção as conversas ocasionais dos fabricantes de feno a mais de um quilômetro de distância nos campos para além de Rswtog. O cavalheiro reverendo esperou, então bateu mais uma vez e esperou de novo, e auscultou, até os ecos e os sons de entulho se dissolverem em silêncio profundo e os batimentos cardíacos em seus ouvidos se tornarem opressivamente audíveis, aumentando e diminuindo como o murmúrio confuso de uma multidão distante e causando uma sugestão de desconforto angustiado a se espalhar devagar em sua mente.

De novo ele bateu, desta vez com golpes ruidosos e ligeiros da bengala, e, quase imediatamente depois, recostando a mão contra a porta, deu um chute vigoroso. Houve um grito com ecos, um ranger das dobradiças em protesto, e então a porta de carvalho escancarou-se e, sob o brilho azulado da luz elétrica, revelou aos olhos estarecidos do reitor vestígios de divisórias, pilhas de tábuas e palha, massas de metal, montes de papel e aparatos revirados.

— Dr. Nebogipfel, me perdoe pela intrusão — ele o chamou, mas a única resposta foi uma reverberação entre as vigas escuras e as sombras que pendiam obscuramente acima.

Por quase um minuto ficou parado ali, inclinando-se portal adentro, vendo os mecanismos reluzentes, os diagramas, os livros, tudo espalhado de forma indiscriminada com restos de comida, embalagens, pilhas de coque, palha e lenha microcósmica por toda parte no único cômodo indiviso da casa; e então, ao tirar o chapéu e entrar com passos furtivos, como se o silêncio fosse uma coisa sagrada, adentrou o abrigo aparentemente deserto do Doutor.

Seus olhos procuraram por toda parte, enquanto ele passava com cuidado por aquela confusão, com uma estranha antecipação de que encontraria Nebogipfel escondido em algum lugar entre as sombras escuras em meio à bagunça, tão forte era nele a sensação indescritível de estar percebendo alguma presença. Era uma sensação tão vívida que, quando ele se sentou no banco coberto de diagramas de Nebogipfel, após uma tentativa abortada de exploração, obrigou-se a se explicar para o silêncio, numa voz rouca forçada:

— Ele não está aqui. Tenho algo para lhe dizer. Devo aguardá-lo.

E também tão vívida que o barulho de sujeira caindo parede abaixo no canto vazio atrás dele o fez se levantar de sobressalto com uma perspiração súbita. Nada havia de visível ali, mas, ao virar a cabeça de volta, ele enrijeceu de horror com a aparição, rápida e silenciosa, de Nebogipfel, fantasmagoricamente pálido e com as mãos manchadas de vermelho, agachado contra uma plataforma metálica de aparência estranha, os olhos cinzentos fundos fixos no rosto de seu visitante.

O primeiro impulso de Cook foi o de extravasar seu medo num grito, mas a garganta estava paralisada, e ele só conseguiu encarar fascinado aquele semblante bizarro que agora ficara subitamente à vista. Seus lábios tremiam, e a respiração se dava em soluços breves e convulsivos. A testa inumana estava úmida de transpiração e as veias, inchadas, nodosas e roxas. As mãos vermelhas do Doutor também tremiam, como ele reparou, tal qual as mãos de gente franzina após exercerem intensa atividade muscular, e seus lábios se fechavam e se abriam como se ele também tivesse dificuldade de falar enquanto arfava:

— Quem... O que o senhor faz aqui?

Cook não disse palavra em resposta, mas encarou com o cabelo em pé, a boca aberta e as pupilas dilatadas aquele borrão vermelho-escuro que manchava o marfim puro, o níquel reluzente e o ébano lustroso da plataforma.

— O que o senhor faz aqui? — o Doutor repetiu, se levantando. — O que quer?

Cook fez um movimento convulsivo.

— Por Deus, o que você é? — ele soluçou, e então cortinas negras se fecharam de todos os lados, varrendo o fantasma anão que se agachava à sua frente para a noite calada e impenetrável.

Quando recuperou os sentidos o reverendo Elijah Ulysses Cook flagrou-se deitado no chão da velha Paróquia e o dr. Nebogipfel, não mais sujo de sangue nem revelando qualquer vestígio da agitação de antes, estava ajoelhado a seu lado e se curvando diante dele com uma taça de conhaque na mão.

— Não fique alarmado, senhor — disse o filósofo com um leve sorriso, enquanto o clérigo abria os olhos. — Não foi nenhum espírito desencarnado que o senhor viu, nem nada tão extraordinário assim... posso lhe oferecer isto?

O clérigo aceitou o conhaque em silêncio e encarou, perplexo, o rosto de Nebogipfel, procurando em vão na memória as ocorrências que antecederam sua perda de sentidos. Sentando-se, por fim, viu a massa oblíqua de metais que aparecera junto com o doutor e de imediato tudo que acontecera voltou à sua mente. Ele olhava daquela estrutura para o recluso e do recluso para a estrutura.

— Não há nenhum logro aqui, senhor — disse Nebogipfel com um levíssimo tom de zombaria na voz. — Não alego qualquer envolvimento com coisas espirituais. Trata-se, em toda a boa-fé, de um aparelho mecânico, uma coisa enfaticamente deste mundo sórdido mesmo. Com licença, só um minutinho.

Ele, que estava ajoelhado, se levantou, pisou na plataforma de mogno, segurou uma alavanca curiosamente curvada e a puxou. Cook esfregou os olhos. Decerto não houve logro algum. O Doutor e sua máquina desapareceram.

Dessa vez o cavalheiro reverendo não teve qualquer sentimento de horror, apenas um vago choque nervoso ao ver o Doutor logo reaparecer “num piscar de olhos” e descer da máquina. Ele veio andando em linha reta, com as mãos nas costas e o olhar baixo, até seu progresso ser interrompido pela intervenção de uma serra circular; então deu a volta bruscamente e disse:

— Fiquei pensando enquanto estava... longe... Será que o senhor gostaria de vir comigo? Eu apreciaria muito ter companhia.

O clérigo ainda estava sentado, sem chapéu, no chão.

— Temo — ele disse, devagar — que o senhor vá achar que sou um tolo...

— Absolutamente — interrompeu o Doutor. — A tolice é minha. O senhor deseja uma explicação para isso tudo... saber antes aonde estou indo. Conversei tão pouco com homens desta era ao longo dos últimos dez anos, ou talvez mais, que acabei desistindo de fazer as devidas concessões e tolerâncias para com outras mentes. Vou me esforçar, mas receio que tudo será muito pouco satisfatório. É uma longa história... o senhor não acha que este chão é desconfortável para sentar? Se sim, tem uma caixa boa logo ali e palha atrás do senhor, ou o banco... já terminei de usar os diagramas, mas tem que tomar cuidado com os alfinetes. O senhor também pode se sentar no Argo Crônico!

— Não, obrigado — respondeu o clérigo, observando com suspeita a referida estrutura deformada —, estou bem confortável aqui.

— Pois então começarei. O senhor é leitor de fábulas? Das modernas?

— Receio ter que confessar que de fato sou leitor de uma boa quantidade de obras de ficção — disse o clérigo com autodepreciação. — No País de Gales, os ministros ordenados dos sacramentos da Igreja têm talvez tempo demais de lazer...

— O senhor já leu *O patinho feio*?

— De Hans Christian Andersen,¹⁹ sim, em minha infância.

— Uma história maravilhosa... uma história que para mim sempre foi cheia de lágrimas e esperanças que crescem no coração, desde que a ouvi em minha infância solitária e ela me salvou de coisas indizíveis. Essa história, se o senhor a entender bem, dirá quase tudo o que o senhor deve saber sobre mim para compreender como esta máquina chegou a ser concebida no cérebro mortal... Já na primeira vez em que li essa narrativa simples mil experiências amarguradas haviam começado a me orientar em meu isolamento entre o povo do meu sangue... eu sabia que aquela história era para mim. O patinho feio que se revelou um cisne, que sobreviveu ao desdém e à amargura, para enfim voar, sublime. Daquele momento em diante, passei a sonhar em me encontrar com os meus, a sonhar em encontrar a compaixão que eu sabia que era a minha necessidade mais profunda. Por vinte anos vivi com essa esperança, vivi e trabalhei, vivi e vaguei, e até cheguei a amar, até que, por fim, entrei em desespero. Apenas uma única vez dentre aqueles milhões de rostos estarecidos, indiferentes, desdenhosos e insidiosos encontrei, em meio a esse vagar apaixonado, um rosto que olhou para mim como eu desejava... que olhou...

Ele fez uma pausa. O reverendo Cook observou de relance o rosto do outro, esperando alguma indicação do sentimento profundo ouvido nestas últimas palavras. Ele estava cabisbaixo, carregado e pensativo, mas a boca se via rigidamente firme.

— Para resumir, sr. Cook, descobri que eu era um daqueles que os agotes²⁰ superiores chamam de gênio, um homem nascido fora da própria época, um homem que pensa os pensamentos de uma era mais sábia, fazendo coisas e acreditando em coisas que os homens de hoje não são capazes de compreender, e nos anos que me foram designados não havia nada que não silêncio e sofrimento para minha alma, a solidão contínua, a dor mais amarga do homem. Eu sabia que era um Homem Anacrônico; minha era ainda estava por vir. Uma esperança tênue, apenas, me mantinha preso à vida, uma esperança à qual me agarrei até se tornar uma certeza. Trinta anos de labor incansável e a mais profunda reflexão entre as coisas ocultas da matéria e da forma e da vida e então isso, o Argo Crônico, o navio que veleja pelo tempo, e agora vou me unir à minha geração, errar pelas eras até chegar ao meu tempo.

IV. O Argo Crônico

O dr. Nebogipfel fez uma pausa e lançou um olhar de dúvida súbita ao rosto perplexo do clérigo.

— O senhor acha que parece loucura — perguntou — viajar pelo tempo?

— Sem dúvida vai de encontro às opiniões aceitas — disse o clérigo, permitindo que apenas a mais leve sugestão de polêmica surgisse em sua entonação e se dirigindo, aparentemente, ao Argo Crônico. Nota-se que até mesmo um clérigo da Igreja Anglicana às vezes pode suspeitar de ilusões.

— De fato, sem dúvida vai de encontro às opiniões aceitas — concordou o filósofo cordialmente. — Mais do que isso, desafia as opiniões aceitas para um combate mortal. Todos os tipos de opinião, sr. Cook... teorias científicas, leis, artigos de fé ou, num nível mais elementar, premissas lógicas, ideias, como quiser... todas elas, partindo da natureza infinita das coisas, não passam de caricaturas diagramáticas do infável... caricaturas a serem evitadas por completo, exceto quando necessárias para moldarmos os resultados, como desenhos em giz são necessários para o pintor e plantas baixas e seções transversais para o engenheiro. Os homens, a partir das exigências do seu ser, tendem a ter dificuldade de crer nisso.

O reverendo Elijah Ulysses Cook fez que sim com a cabeça, com o sorriso silencioso de quem concede a contragosto que seu oponente chegou a um argumento válido.

— É tão fácil entender as ideias como reproduções completas de entidades quanto roubar doce de criança. Portanto, quase todos os homens civilizados acreditam na realidade das concepções geométricas gregas.

— Ah! Perdão, senhor — interrompeu Cook. — A maioria dos homens sabe que um ponto geométrico não tem existência na matéria, e o mesmo se dá com a linha geométrica. Acredito que o senhor subestime...

— Sim, sim, essas coisas são reconhecidas — disse Nebogipfel calmamente —, mas agora... um cubo. Ele existe no universo material?

— Com certeza.

— Um cubo instantâneo?²¹

— Não sei o que o senhor quer dizer com esta expressão.

— Sem qualquer outro tipo de extensão; um corpo com comprimento, largura e espessura existe?

— Que outro tipo de extensão ainda pode existir? — perguntou Cook, com as sobrancelhas arqueadas.

— Alguma vez já lhe ocorreu que nenhuma forma pode existir no universo material sem que tenha extensão no tempo? Nunca passou pela sua consciência que nada separa os homens de uma geometria de quatro dimensões (comprimento, largura, espessura e duração) além da inércia das opiniões, o impulso dos filósofos do Levante da Idade do Bronze?

— Colocando dessa forma — disse o clérigo —, me parece de fato que há uma falha em algum lugar na noção do ser tridimensional, mas... — e ele se calou, deixando esse “mas” suficientemente eloquente para transmitir todos os preconceitos e a desconfiança que preenchiam seu espírito.

— Quando assumimos essa nova perspectiva de uma quarta dimensão e reexaminamos nossa ciência física sob ela — continuou Nebogipfel, após uma pausa —, nós nos flagramos não mais limitados pela restrição desesperada de um certo ritmo do tempo... o da nossa própria geração. A locomoção pelas linhas da duração, a navegação crônica chega ao alcance, primeiro, da teoria geométrica e, depois, da mecânica prática. Houve uma época em que os homens podiam apenas se mover na horizontal e no território que lhe era destinado. As nuvens pairavam acima deles, coisas inatingíveis, carruagens misteriosas dos deuses temíveis que habitam os píncaros das montanhas. Falando em termos práticos, os homens daqueles dias estavam restritos ao movimento em duas dimensões; e até mesmo nisso o oceano circundante e o medo hipóbóreo²² os agrilhoavam. Mas aquela época estava destinada a ter fim. Primeiro, a proa de Jasão seguiu cortando as águas entre as Simplégades²³ e com o tempo Colombo lançou sua âncora na baía de Atlântida.²⁴ Então o homem arrebitou seus limites bidimensionais e invadiu a terceira dimensão, voando com os Montgolfier²⁵ pelas nuvens e afundando com um escafandro nas cavernas purpúreas dos tesouros das águas. E agora um novo passo, e o passado oculto e o futuro desconhecido surgem à nossa frente. Estamos sobre o píncaro da montanha com as planícies das eras se estendendo abaixo.

Nebogipfel fez uma pausa e olhou para o seu ouvinte no chão.

O reverendo Elijah Cook estava sentado com uma forte expressão de desconfiança no rosto. A pregação o fizera perceber certas verdades de forma bastante vívida, e ele sempre desconfiava da retórica.

— Essas coisas são figuras de linguagem — perguntou — ou devo interpretá-las como declarações precisas? O senhor fala em viajar pelo tempo do mesmo modo como se fala do Todo-Poderoso abrindo caminho através da tempestade²⁶ ou, por acaso, o senhor... hmm... fala a sério?

O dr. Nebogipfel sorriu em silêncio.

— Venha dar uma olhada nesses diagramas — disse, e então, com uma simplicidade elaborada, começou a explicar de novo ao clérigo a nova geometria quadridimensional.

Inconscientemente a aversão de Cook se dispersou, e o que parecia impossibilidade foi se tornando mais possível, agora que coisas tão tangíveis quanto diagramas e modelos eram evidenciadas. Logo ele se flagrou fazendo perguntas, e seu interesse se tornou mais e mais profundo, conforme Nebogipfel, lentamente e com uma clareza precisa, desdobrava a belíssima ordem de sua estranha invenção. Os momentos passaram despercebidos, à medida que o Doutor prosseguia com a narrativa de sua pesquisa, e foi com um sobressalto de surpresa que o clérigo reparou no azul profundo do crepúsculo moribundo, pela porta aberta.

— A viagem — disse Nebogipfel, concluindo sua história — será repleta de perigos jamais sonhados, e nesse breve relato eu mesmo já passei pelas garras da morte. Mas será repleta também da promessa dos clérigos de alegrias jamais sonhadas. O senhor vem? O senhor virá caminhar entre os habitantes das Idades de Ouro?...

Mas a menção à morte feita pelo filósofo trouxera de volta à mente de Cook, numa enxurrada, todas as sensações horríveis da primeira aparição.

— Dr. Nebogipfel... uma pergunta? — ele hesitou. — Nas suas mãos... era sangue?

Nebogipfel ficou cabisbaixo. Falava devagar.

— Quando parei minha máquina, eu me encontrei neste quarto como ele costumava ser. Escute!

— É o vento entre as árvores em Rwestog.

— Parecia as vozes de uma multidão cantando... Quando parei me flagrei neste quarto como ele costumava ser. Um velho, um jovem e um menino estavam sentados à mesa, lendo um livro juntos. Fiquei de pé atrás deles, que não me viram. “Maus espíritos o atacaram”, lia o velho; “mas está escrito, ao que vencer lhe concederei a vida eterna. Eles vieram como caros amigos, mas ele resistiu a todos os seus ardis. Vieram como principados e potestades, mas ele os desafiou em nome do Rei dos Reis. Uma vez diz-se que, em seu escritório, enquanto traduzia o Novo Testamento para o alemão, o próprio Maligno apareceu diante dele...”²⁷ Foi então que o menino lançou um olhar temente ao redor e, com um grito apavorado, desmaiou... Os outros saltaram sobre mim... Foi uma luta medonha... O velho se agarrou ao meu pescoço, gritando: “Homem ou diabo, eu te desafio...” Não pude evitar. Rolamos juntos pelo chão... a faca que seu filho, com as mãos trêmulas, derrubara veio parar em minha mão... Escute!

Ele parou e aguçou os ouvidos, mas Cook continuou encarando-o com a mesma atitude horrorizada que assumira quando a lembrança das mãos sujas de sangue voltara à sua mente.

— Está ouvindo o que eles estão gritando? Ouça!

“Queimem o bruxo! Queimem o assassino!”

— Está ouvindo? Não há tempo a perder.

“Matem o assassino de inválidos. Destruam a garra do diabo!”

— Venha! Venha!

Cook, com esforços convulsivos, fez um gesto de repugnância e andou até o umbral. Uma multidão de figuras tenebrosas chegando até ele sob a luz vermelha das tochas o fez estremecer. Ele bateu a porta e se voltou para Nebogipfel.

Os lábios finos do Doutor se recurvaram num sorriso de desdém.

— Vão matá-lo se o senhor ficar — disse, e, tomando a mão de seu visitante, que não lhe ofereceu qualquer resistência, empurrou-o até a máquina reluzente. Cook se sentou e cobriu o rosto com as mãos.

No momento seguinte a porta foi escancarada, e o velho Pritchard parou sob o umbral, piscando.

Uma pausa. Um grito rouco, mudando de repente para um gemido agudo e esganiçado.

Um rugido de trovão irrompeu como o estouro de uma grande fonte d'água.

A viagem dos Argonautas Crônicos começava.

1. Esses nomes de localidades no País de Gales são fictícios e ironizam a estranheza, para um inglês, do idioma galês. Conforme comentado na Apresentação, o próprio Wells descreve em sua autobiografia como a breve estadia em Wrexham, no país, foi desastrosa.

2. Movimento religioso derivado do metodismo do séc.XVIII que logo se tornou uma das principais denominações protestantes no País de Gales. O termo específico para casas habitadas por ministros presbíteros em inglês utilizado no texto é *manse*.

3. Safo foi uma poetisa lírica do período grego arcaico (séc.VII a.C.), nascida na ilha de Lesbos, nome que deu origem ao termo “lésbica”, por conta do teor homoerótico de alguns de seus poemas. O próprio nome Safo e o termo “sáfico” às vezes são utilizados com o mesmo sentido. Não se sabe se o epíteto que Wells aplica à srta. Carnot descreve a sua sexualidade ou sua ocupação como poetisa, e também é obscuro se seria ou não uma referência a alguma figura real, ainda que esta seja uma grande possibilidade. Apesar do estigma social, não havia leis no mundo britânico contra a homossexualidade feminina (a homossexualidade masculina só foi descriminalizada na Inglaterra e no País de Gales em 1967), e o amor entre mulheres vinha ganhando alguma visibilidade no final do séc.XIX.

4. São títulos que lhe foram concedidos: Ph.D. significa “doutor em filosofia”, pelo latim *Philosophiae Doctor*, que é o título dado após a conclusão de um doutorado, e F.R.S. é Membro da Royal Society (*Fellow of the Royal Society*). N.W.R., porém, é obscuro. Já PAGO, no original PAID, é aqui uma piada à custa dos galeses, que tomam por outro dos títulos do forasteiro o que é só uma indicação de que as encomendas foram pagas previamente.

5. Referência ao planeta Vênus. Um dos corpos celestes mais brilhantes no céu, é chamado de estrela da manhã quando observado no horizonte pouco antes do amanhecer, e de estrela da tarde quando observado pouco antes do pôr do sol.

6. Há dois Lázarus na Bíblia, mas a referência aqui é a Lázaro de Betânia, mencionado em João 11:1-46. O episódio é famoso pelo milagre operado por Jesus da ressurreição de Lázaro.

7. Combustível derivado da hulha, utilizado em larga escala na Inglaterra a partir do séc.XVIII.

8. Jó 41:21. A citação bíblica descreve o Leviatã, monstro marinho da mitologia hebraica, por vezes imaginado como um imenso crocodilo, dragão ou serpente marinha.

9. Famoso método medieval para se “testar” se uma pessoa é uma bruxa. A prática tem origens muito mais antigas, ainda na Babilônia de Hamurabi, e consistia em lançar a pessoa acusada de algum crime num rio; se morresse, era considerada culpada, mas sua sobrevivência era interpretada como sinal divino e prova da sua inocência. Essa lógica, porém, foi invertida durante a caça às bruxas na Europa, porque acreditava-se que as bruxas eram capazes de flutuar.

10. O mesmo que “contagioso” ou “infecocontagioso”. O termo era utilizado na medicina do séc.XIX para descrever doenças como cólera, febre tifoide etc.

11. “Necromancia” se refere tradicionalmente a formas de adivinhação com a invocação de espíritos dos mortos, mas com o tempo também ganhou o sentido mais genérico de “magia negra”.

12. Outra referência bíblica: em 1 Reis 18:16-45, o profeta Elias incita o rei Acabe a convocar os 450 profetas de Bafial ao monte Carmelo, na região norte de Israel, para desafiá-los e ver qual seria o verdadeiro deus: Elias prepara um sacrifício a Iavé, o Deus de Israel, e os profetas de Bafial preparam outro para seu ídolo. Bafial, porém, não se manifesta, enquanto o sacrifício a Iavé é consumido por uma labareda que desce do céu. Resolvida a questão, o povo deixa de venerar Bafial e seus profetas são massacrados.

13. Distrito de Cambridgeshire, região leste da Inglaterra, conhecido pelos seus *fens*, extensas zonas de território plano e pantanosos, no nível do mar. Muitos desses pântanos já estavam em vias de serem drenados, porém, desde o séc.XVIII, liberando terreno para a agricultura.

14. Referência a Siddharta Gautama, o Buda, que teria atingido a iluminação sob essa árvore, uma espécie de figueira.

15. O sistema triclinico é um dos sete sistemas possíveis de formação de cristais e o mais irregular, porque nele todos os ângulos e arestas são desiguais. A rodonita e a turquesa são exemplos de minerais que apresentam essa estrutura.

16. Isto é, após atravessar o canal da Mancha. Newhaven, em East Sussex, é uma cidade portuária onde se pode pegar uma balsa que leva a Dieppe, na França.

17. Abreviação de *Magister artium*, título acadêmico conferido especificamente em Oxford, Cambridge e Dublin aos bacharéis após seis ou sete anos de presença na universidade, quando eles são promovidos, recebendo novos direitos e privilégios políticos dentro do corpo legislativo da universidade. O M.A. dessas instituições é uma exceção ao que se costuma entender como mestrado, haja vista que não se trata de um título de pós-graduação.

18. Os argonautas, na mitologia grega, foram os tripulantes do navio *Argo*, liderados pelo herói Jasão. Pélias, o rei de Iolco, antiga cidade na Tessália, recebe a profecia de que seria morto por Jasão, e por isso o envia numa busca quase impossível pelo velocino de ouro. O herói, no entanto, acompanhado por muitas outras figuras célebres da mitologia, como Hércules, Orfeu, Peleu (pai de Aquiles), entre outros, e contando com a ajuda da feiticeira Medeia, obtém sucesso na empreitada. Essa história foi narrada por poetas como Apolônio de Rodes, na sua *Argonáutica*. Como logo se vê, o Viajante do Tempo batiza a sua máquina de “o Argo Crônico” em homenagem ao navio mitológico.

19. Hans Christian Andersen (1805-75) foi um escritor dinamarquês autor de vários contos de fadas já plenamente incorporados à imaginação ocidental, como “A pequena sereia”, “A roupa nova do imperador” e “O patinho feio”, este a famosa história de um patinho que descobre que na verdade é um cisne, publicado pela primeira vez na terceira coletânea de contos de fadas de Andersen, *New Fairy Tales*, de 1845.

20. Os agotes foram uma minoria vítima de perseguição social no oeste da França e norte da Espanha. Diferentemente de outras minorias perseguidas, não eram um grupo étnico nem religioso distinto. Os motivos dados para sua perseguição não são claros, mas acreditava-se que eram descendentes de godos, visigodos, sarracenos ou cátaros.

21. Leitores de *A máquina do tempo* hão de notar que o Viajante do Tempo, no diálogo de abertura do romance, discute esse mesmo conceito.

22. Os hiperbóreos eram, para os gregos, os povos habitantes das terras desconhecidas para além do vento norte (chamado Bóreas, daí o nome), posteriormente identificadas com o Círculo Ártico (nas histórias de Conan, de Robert E. Howard, por exemplo, eles são

descendentes dos habitantes de Atlântida e antepassados dos povos gaélicos). Logo, “*hipobóreo*” seria o mundo conhecido para um grego, haja vista que *hypér-*, em grego, quer dizer “além/acima”, e *hypo-*, “aquém/abaixo”. Essa terminologia era bastante popular na virada do séc.XIX para o XX, sendo parte do vocabulário místico da teosofia de madame Blavatsky e seus seguidores, da qual Wells parece ter algum conhecimento (um dos personagens de um de seus primeiros contos, “A Family Elopement”, era um teosofista).

[23.](#) Um par de rochedos, na região do Bósforo, na Turquia, que se moviam, esmagando os navios que passavam entre eles. Na mitologia grega, eles foram enfrentados e derrotados por Jasão e seus Argonautas.

[24.](#) Atlântida era uma ilha fictícia inventada por Platão (ver nota 8 dos Anexos) para ilustrar alguns argumentos filosóficos em seus diálogos *Timeu* e *Crítias*, e que teria, famosamente, afundado no mar. Sua localização dada, “além das Colunas de Hércules”, i.e., os promontórios no estreito de Gibraltar, insere a ilha no oceano Atlântico. O navegador italiano Cristóvão Colombo (1451-1506), como se sabe, levou as primeiras expedições europeias a atravessar o Atlântico, dando início à colonização das Américas. No séc.XIX, houve quem estabelecesse ligações entre os povos pré-colombianos e os habitantes de Atlântida.

[25.](#) Os irmãos Joseph-Michel (1740-1810) e Jacques-Étienne Montgolfier (1745-1799), que, com o padre brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724), disputam o título de inventores do balão de ar quente, no séc.XVIII.

[26.](#) Em certos trechos bíblicos, como o salmo 29, há a imagem de Deus aparecendo na tempestade.

[27.](#) O trecho provavelmente se refere a uma biografia de Martinho Lutero, quem primeiro traduziu a Bíblia para uma língua vernácula moderna. Segundo consta, certa vez ele teria visto o próprio diabo enquanto fazia sua tradução, acomodado no castelo de Wartburg, e arremessado um tinteiro nele. A frase “ao que vencer lhe concederei a vida eterna” é uma paráfrase do livro bíblico do Apocalipse: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono” (3:21).

“A VISÃO DISTANTE”

Como publicado originalmente na *New Review* (maio de 1895)

— JÁ LHES CONTEI do enjoo e da confusão que acompanham a viagem no tempo. E desta vez eu não havia conseguido me sentar adequadamente sobre a sela, estava meio de lado, numa posição instável. Por um período indefinido de tempo fiquei agarrado à máquina enquanto ela vibrava e balançava, sem prestar atenção a como eu estava, e quando consegui me fazer olhar para os indicadores outra vez fiquei maravilhado em descobrir aonde havia chegado. Um dos ponteiros marcava os dias, outro, milhares de dias, outro, milhões de dias e outro, milhares de milhões. Pois bem, em vez de reverter as alavancas, eu as pressionei de modo a ir adiante, e quando olhei para os indicadores descobri que o ponteiro dos milhares girava tão rápido quanto o ponteiro dos segundos num relógio... rumo ao futuro. Com muito cuidado, pois eu me lembrava da minha queda de cabeça de antes, comecei a reverter meu movimento. O giro dos ponteiros ficou mais e mais lento, até que o dos milhares pareceu imóvel e o dos dias já não era senão uma mera névoa sobre o visor. Cada vez mais devagar, até que as linhas baças de uma praia erma se tornassem visíveis.

“Parei. Eu estava numa charneca deserta, coberta com uma vegetação escassa e acinzentada por causa da geada fina. Era meio-dia, e o Sol alaranjado, privado de seu fulgor, espreitava perto do meridiano num céu gris e descorado. Apenas alguns poucos arbustos negros rompiam a monotonia dessa cena. As grandes construções dos homens decadentes entre os quais, me parecia, eu estivera tão recentemente desapareceram sem deixar vestígio, nem mesmo um montículo revelava suas posições. Colina e vale, mar e rio — tudo, sob a labuta e intempéries da chuva e da geada, havia se fundido e dado origem a novas formas. Sem dúvida a chuva e a neve também tinham há muito tempo inundado os túneis dos Morlocks. Uma brisa mordaz feria minhas mãos e meu rosto. Até onde podia

ver, não havia nem colinas, nem árvores, nem rios: apenas uma extensão irregular de um planalto sem vida.

“Então, de repente, um volume obscuro ergueu-se da charneca, algo que reluzia como uma fileira serrilhada de placas de ferro, e desapareceu quase de imediato numa depressão. E foi assim que me dei conta da existência de um certo número de coisas de um cinza pálido, tingidas com quase a exata cor do solo congelado, que vagavam aqui e ali sobre a relva escassa e corriam de um lado para outro. Vi uma delas pular de sobressalto, e então meu olho detectou talvez uns vinte de seus companheiros. A princípio achei que fossem coelhos ou alguma raça menor de canguru. Depois, quando um deles veio saltitando até onde eu estava, percebi que não pertencia a nenhum desses grupos. Era um plantígrado,²⁸ com os membros traseiros mais longos do que os dianteiros; não tinha cauda e era coberto por uma pelagem lisa e grisalha que se tornava mais espessa perto da cabeça, como a juba de um skye terrier.²⁹ Como eu compreendia que na Idade de Ouro o homem matara quase todos os outros animais, poupando apenas alguns de aspecto mais ornamental, era natural que eu tivesse curiosidade quanto a essas criaturas. Não pareciam ter medo de mim, mas continuavam comendo, de modo bem semelhante a como os coelhos fazem em espaços não frequentados pelos homens; e me ocorreu que eu talvez pudesse capturar um espécime.

“Desci da máquina e apanhei uma pedra grande. Mal tinha feito isso quando uma das criaturinhas chegou e ficou a meu alcance. Tive a sorte de atingi-la na cabeça, e ela caiu para o lado e lá ficou, inerte. Corri logo até ela. Continuava parada, quase como se morta. Fiquei surpreso em ver que a coisa tinha cinco pequenos dígitos tanto nas patas da frente quanto nas de trás — as patas dianteiras, de fato, eram quase tão humanas quanto as de um sapo. Ela tinha, além do mais, uma cabeça arredondada, com uma testa projetada e olhos posicionados na frente, obscurecidos pelo cabelo ralo. Uma apreensão desagradável percorreu meu espírito feito um raio. Enquanto eu me ajoelhava e apanhava a criatura, visando examinar seus dentes e outros pontos anatômicos que poderiam revelar características humanas, o objeto de aspecto metálico ao qual

me referi anteriormente reapareceu sobre um monte da charneca, vindo na minha direção e produzindo estranhos clangores. De imediato, os animais cinzentos ao meu redor começaram a responder com ganidos débeis e breves — como se de terror — e correram numa direção oposta àquela da qual vinha essa nova criatura. Devem ter se escondido em suas tocas ou atrás dos arbustos e touceiras, pois num instante não havia mais nenhum visível.

“Fiquei de pé e encarei o monstro grotesco. Só consigo descrevê-lo comparando-o a uma centopeia. Tinha quase um metro de altura e um corpo longo e segmentado, talvez com nove metros de comprimento, formado de placas de um preto esverdeado que se sobrepunham curiosamente. Parecia rastejar sobre uma multidão de pés, enroscando o corpo enquanto avançava. A cabeça, redonda e rombuda, com um arranjo poligonal de ocelos negros, tinha duas antenas flexíveis, parecidas com chifres, que se moviam. A criatura vinha num ritmo de uns dez ou quinze quilômetros por hora, eu diria, o que me deixava pouquíssimo tempo para pensar. Deixando no chão o meu animal cinzento, ou homem cinzento, o que fosse, saí correndo para a máquina. Na metade do caminho parei, lamentando tê-lo abandonado, mas um olhar de relance por sobre o ombro afastou quaisquer arrependimentos que eu pudesse ter. Quando cheguei à máquina, o monstro estava a menos de cinquenta metros de distância. Certamente não era um animal vertebrado. Não tinha focinho, e a boca era serrilhada com placas conjuntas de cor escura. Mas eu não estava disposto a ver mais de perto.

“Viajei um dia para o futuro e parei de novo, na esperança de que não reencontraria o colosso e de que ele tivesse deixado algum vestígio da minha vítima; mas, devo dizer, ossos não eram um problema para a centopeia gigante. Em todo caso, ambos haviam desaparecido. A forma vagamente humana dessas criaturinhas muito me surpreendeu. Se os senhores pararem para pensar, não há nenhum motivo pelo qual uma humanidade degenerada não possa se ramificar em tantas espécies distintas quantos são os descendentes do peixe pulmonado que gerou os vertebrados terrestres. Não cheguei a rever mais nenhum espécime daquele inseto colossal, que era

o que imaginei ser a criatura segmentada. É evidente que as dificuldades fisiológicas que no presente mantêm diminutos os insetos haviam sido enfim superadas, e essa divisão do reino animal chegava à muito aguardada supremacia que sua imensa energia e vitalidade tanto mereciam. Fiz várias tentativas de matar ou capturar outra daquelas pragas cinzentas, mas nenhum dos meus projéteis teve tanto sucesso quanto o primeiro; e, após talvez uma dúzia de arremessos decepcionantes, que me deixaram com dor no braço, senti uma lufada de irritação quanto à minha insensatez em ter vindo tão longe no futuro sem armas ou equipamento. Resolvi avançar mais e vislumbrar um futuro ainda mais remoto — uma espiadinha no abismo profundo do tempo —, e então voltar para os senhores e para a minha própria época. Mais uma vez subi na máquina e mais uma vez o mundo ficou cinzento e nebuloso.

“Conforme eu prosseguia, uma mudança peculiar se infiltrou na aparência das coisas. O cinza insólito clareou; então — por mais que eu estivesse viajando numa velocidade prodigiosa — o sucessivo piscar de dias e noites, em geral indicativo de um ritmo mais lento, voltou e se tornou mais e mais pronunciado. Isso muito me intrigou a princípio. As alternâncias de noite e dia ficaram mais e mais lentas e o mesmo se podia dizer da passagem do Sol pelo céu, até parecerem demorar séculos. Por fim, um crepúsculo constante cobriu a Terra, um crepúsculo interrompido vez ou outra apenas quando se via o clarão de um cometa riscando o céu escuro. A faixa de luz que indicava o Sol desaparecera havia muito; pois o Sol deixara de se pôr — ele simplesmente nascia e baixava no ocidente e se tornava cada vez mais largo e mais avermelhado. Qualquer resquício da Lua sumira. O movimento circular das estrelas, que se tornava cada vez mais lento, dava lugar a pontos rastejantes de luz. Por fim, algum tempo antes de eu parar, o Sol, vermelho e muito grande, estacionou imóvel sobre o horizonte, uma vasta cúpula brilhando com um calor baço, e vez ou outra sofrendo de uma extinção temporária. Por um breve momento ele chegou a brilhar com mais força outra vez, mas reverteu rapidamente ao seu calor vermelho desolador. Com essa desaceleração do nascer e do pôr do Sol, percebi que o trabalho do empuxo das marés havia se encerrado. A Terra

parou com uma face voltada para o Sol, do mesmo modo como a Lua tem sempre uma face virada para a Terra.³⁰

“Parei com muita delicadeza e me sentei sobre a Máquina do Tempo, olhando ao redor. O céu não era mais azul. O lado nordeste era de um preto retinto, e do negrume reluziam nítidas e constantes as pálidas estrelas brancas. Acima, o tom era de um vermelho indiano profundo e sem estrelas, e a sudeste a luz brilhava cada vez mais forte, até chegar a um escarlate reluzente onde, entrecortado pelo horizonte, repousava o casco imenso do Sol, rubro e imóvel. As rochas que me cercavam tinham uma tonalidade vermelho árido, e o único vestígio de vida que pude ver a princípio era a vegetação intensamente verde que cobria todos os pontos que se projetavam da face sudeste. Era o mesmo verde forte que se vê no musgo das florestas ou no líquen das cavernas: plantas que, como essas, crescem no perpétuo crepúsculo.

“A máquina estava parada numa praia íngreme. O mar se estendia para longe no sudoeste, erguendo-se num horizonte claro e nítido contra o céu baço. Não havia ondas, pois nem mesmo um sopro de vento batia. Apenas uma oscilação levemente oleosa subia e descia como uma respiração suave, e mostrava que o mar eterno ainda detinha alguma energia e vida. E, ao longo da margem, onde a água às vezes batia, vi uma crosta grossa de sal — rosado sob aquele céu lúrido. Havia uma sensação de opressão em minha cabeça, e reparei que eu respirava com rapidez. A sensação me fez lembrar de minha única experiência com montanhismo, o que me fez deduzir que o ar deveria ser mais rarefeito do que é agora.

“À distância, de sobre o barranco desolado, ouvi um grito estridente e vi uma coisa que parecia uma enorme borboleta branca descer pairando pelo céu, traçar um círculo no ar e desaparecer sobre umas colinas que se erguiam mais além. O som de sua voz era tão assombroso que tremi e me sentei com mais firmeza sobre a máquina. Olhando ao meu redor outra vez, vi que, não muito longe dali, o que eu acreditara ser uma massa avermelhada de rochas vinha se movimentando devagar até mim. Depois vi que a coisa na verdade era uma criatura monstruosa semelhante a um caranguejo. Os senhores conseguem imaginar um caranguejo tão grande quanto aquela

mesa, com as pernas se mexendo devagar e o passo incerto, as grandes garras balançando, as longas antenas, como chibatas, oscilando e sentindo o ar, e os olhos nas pontas dos pedúnculos encarando-os de ambos os lados de sua face metálica? Protuberâncias grosseiras ornamentavam suas costas corrugadas, e uma crosta esverdeada a maculava aqui e ali. Pude ver os muitos pedipalpos de sua boca complexa se mexendo e sondando conforme ele vinha.

“Enquanto eu encarava essa aparição sinistra que rastejava até mim, senti algo fazer cócegas em minha bochecha, como se uma mosca tivesse pousado nela. Tentei afastá-la com a mão, mas já retornava no momento seguinte, e quase imediatamente veio outro em minha orelha. Repeti o movimento e apanhei algo que parecia um fio. Rapidamente ele foi puxado da minha mão. Com uma náusea medonha, virei-me e vi que havia agarrado a antena de outro caranguejo monstruoso que estava logo atrás de mim. Seus olhos malignos se contorciam em seus pedúnculos, a boca parecia sedenta de apetite, e as vastas garras grosseiras, lambuzadas com uma gosma de algas, desciam sobre mim. Num instante minha mão já estava sobre a alavanca, e coloquei um mês entre mim e esses monstros. Mas eu ainda estava na mesma praia, e os vi distintamente assim que parei. Dúzias deles pareciam rastejar aqui e ali, na luz sombria, entre as folhagens daquele verde intenso.

“Não consigo transmitir o sentimento de desolação abominável que pairava sobre o mundo. O céu rubro do oriente, o negrume do norte, o salso mar Morto, a praia rochosa infestada daqueles monstros vis e lentos, o verde uniforme e de aspecto venenoso dos líquens, o ar rarefeito que feria os pulmões: tudo contribuía para um efeito aterrador. Avancei uma centena de anos, e lá estavam o mesmo Sol — um pouco maior, um pouco mais baço —, o mesmo mar moribundo, o mesmo ar gélido, a mesma multidão de crustáceos terrosos se arrastando em meio ao mato verdejante e as rochas vermelhas. E, no céu do ocidente, enxerguei uma linha pálida curvada como uma vasta Lua nova.

“Assim continuei viajando, com paradas, em grandes passadas de mil anos ou mais, atraído pelo mistério do destino da Terra, observando com uma estranha fascinação o Sol se tornar maior

e mais baço no céu ocidental, e a vida terrestre minguar. Por fim, mais de trinta milhões de anos depois, a cúpula do Sol vermelho incandescente havia ocupado quase a décima parte dos céus umbrosos. Então parei mais uma vez, pois a multidão de caranguejos rastejantes havia desaparecido, e a praia vermelha, exceto por seus líquens lívidos e suas hepáticas verdejantes, parecia morta. Agora jazia salpicada de manchas brancas. Um frio penetrante me tomou de assalto. Raros flocos brancos caíam aqui e ali. Para nordeste, o clarão da neve repousava sob as estrelas de um céu cor de sable, e eu podia ver uma crista ondulante de montes num tom de branco rosado. Havia franjas de gelo na margem do mar, com massas à deriva mais além; mas a principal expansão do oceano salgado, todo sangrento sob o eterno poente, permanecia não congelado.

“Olhei ao redor para ver se havia quaisquer vestígios remanescentes de vida animal. Uma certa apreensão indefinível ainda me mantinha colado na sela da minha máquina. Mas eu não via nada se mover, nem na terra, nem no céu, nem no mar. A gosma verde nas rochas dava, sozinha, testemunho de que a vida não estava extinta. Um banco de areia raso havia aparecido no mar, e a água recuara da praia. Imaginei ter visto algum objeto preto debater-se sobre esse banco de areia, mas se tornou imóvel assim que olhei para ele, e julguei que meu olho fora enganado, e que o objeto preto era uma mera rocha. As estrelas no céu tinham um brilho intenso e me pareciam piscar muito pouco.

“De repente, reparei que o desenho circular do Sol no ocidente havia mudado; que uma concavidade, uma baía, aparecia em sua curvatura. Observei que essa concavidade foi crescendo. Por um minuto, talvez, fiquei encarando horrorizado essa escuridão que se alastrava pelo dia, e então percebi que era o começo de um eclipse. Era a Lua ou o planeta Mercúrio que atravessava o disco do Sol. Naturalmente, imaginei que a princípio fosse a Lua, mas há muitos motivos para me fazer acreditar que o que vi de verdade era o trânsito de algum planeta interior passando bem perto da Terra.

“A escuridão crescia a passos largos; um vento gelado começou a soprar em lufadas frescas vindas do leste, e a chuva

de flocos brancos caindo do céu aumentou. Da orla do mar veio uma onda e um sussurro. Exceto por esses sons mortos, aquele era um mundo todo em silêncio. Em silêncio? Seria difícil transmitir em palavras o quanto tudo estava inerte. Todos os sons do ser humano, os berros das ovelhas, os gritos dos pássaros, os zumbidos dos insetos, os ruídos que compõem o pano de fundo de nossas vidas — tudo tinha acabado. Conforme a escuridão se espessava, o fluxo dos flocos se tornava mais abundante, e eles dançavam diante de meus olhos; e o frio no ar se tornava mais intenso. Por fim, um por um, rapidamente, um atrás do outro, os picos brancos nas colinas distantes desapareceram nas trevas. A brisa cresceu até se tornar um vendaval que gemia. Vi a sombra central escura do eclipse varrer o ar acima de mim. No instante seguinte, só as estrelas pálidas estavam visíveis. Todo o resto era uma obscuridade afótica. O céu estava absolutamente negro.

“Veio-me um horror dessa grande escuridão. O frio, que castigava até a medula, e a dor que eu sentia para respirar me venceram. Eu tremia, e uma náusea mortífera tomou conta de mim. Então, como um arco vermelho incandescente, surgiu no céu a beirada do Sol. Desci da máquina para me recuperar. Eu me sentia tonto e incapaz de enfrentar a jornada de volta. Enquanto estava lá, enjoado e confuso, vi novamente a coisa que se mexia sobre o banco de areia — não havia dúvida agora de que era uma coisa que se mexia — contra a água vermelha do mar. Era uma coisa redonda, do tamanho de uma bola de futebol talvez, ou maior, e tinha tentáculos que escorriam dela; parecia ter um corpo negro contra as águas revoltas daquela cor vermelho-sangue, e saltava em espasmos. Então senti que eu ia desmaiar. Mas o pavor terrível de cair indefeso sob aquele crepúsculo medonho me deu forças para subir de volta na sela.”

[28.](#) Termo para os animais que andam com a sola do pé encostando no chão, como primatas (seres humanos inclusos), ursos, roedores etc.

[29.](#) Raça de cachorro de pernas curtas e pelagem longa nativa da Escócia, especialmente da ilha de Skye.

[30.](#) Até aqui houve variações entre a versão em fascículo e a publicada em livro. Deste ponto em diante são iguais.

CRONOLOGIA: VIDA E OBRA DE H.G. WELLS

1866 | 21 set: Nasce em Bromley, pequeno distrito de Londres, Herbert George Wells, mais conhecido como H.G. Wells. Carinhosamente chamado de “Bertie”, é o caçula dos quatro filhos de Joseph Wells e Sarah Neal, pequenos comerciantes.

1871-72: Ingressa numa escola local, onde aprende a ler e recebe as primeiras noções de matemática.

1874-80: Estuda na escola particular Thomas Morley’s Commercial Academy, também em Bromley.

1874: Após fraturar a perna, fica acamado durante alguns meses. Para passar o tempo livre, lê diversos livros trazidos da biblioteca municipal ou comprados pelo pai e tem o primeiro contato com autores como Charles Dickens. Esse período será definitivo na formação e na vida de Wells.

1877: Após um acidente doméstico, Joseph Wells fica impossibilitado de trabalhar e Herbert e os irmãos passam a ter que colaborar em casa.

1878: Com apenas doze anos, escreve e ilustra o livro *The Desert Daisy*.

1880-83: Começa a trabalhar como aprendiz de vendedor numa loja de departamentos. Sua carga horária era demasiado exaustiva, de cerca de treze horas por dia. Mas pouco tempo depois é demitido. Em seguida é contratado como farmacêutico assistente.

1883: Assume o cargo de professor assistente na Midhurst Grammar School, em Sussex.

1884: Ganha uma bolsa para estudar biologia na Normal School of Science (mais tarde, Royal College), em Westminster, Londres. Na escola terá contato com biologia,

física e química e será aluno dedicado do biólogo inglês Thomas Henry Huxley (um dos principais defensores da teoria da evolução das espécies e avô do escritor Aldous Huxley); membro ativo de um clube de debates, será um dos fundadores da revista da instituição, *The Science School Journal*. Fundação em Londres da Sociedade Fabiana, associação socialista da qual Wells e George Bernard Shaw, entre outros escritores, farão parte.

1887: Demonstrando agora pouco interesse pelos estudos, deixa a Normal School of Science antes de se formar.

1887-93: Dá aulas no País de Gales e em Londres.

1888: Escreve “Os Argonautas Crônicos”. O conto será reescrito diversas vezes nos anos seguintes e dará origem ao livro *A máquina do tempo*.

1890-91: Obtém um diploma em zoologia e geologia pela Universidade de Londres.

1890: Torna-se tutor de biologia no University Correspondence College.

1891: Muda-se para Londres e casa-se com sua prima, Isabel Mary Wells.

1893: Doente, abandona as salas de aula e se estabelece como escritor em tempo integral, primeiramente como jornalista. Publica seu primeiro livro, *Textbook of Biology*.

1894: Foge com Amy Catherine Robbins, que conhecera em uma de suas aulas de monitoria, e seu casamento chega ao fim.

1895: Muda-se para Woking, no condado de Surrey. | **Mai:** Publica seu primeiro romance, *A máquina do tempo*. O livro é um grande sucesso de público na Inglaterra já à época. | **Out:** Divorciado de Isabel, casa-se com Amy Catherine Robbins.

1896: Muda-se para Worcester Park, cidade ao sul de Londres. Publica *A ilha do dr. Moreau*. Conhece o escritor Joseph Conrad.

1897: Publica *O homem invisível*.

1898: Muda-se para Sandgate, Kent. Publica *A guerra dos mundos*.

1900: Publica *Love and Mr. Lewisham*, inspirado em seu período como estudante na Normal School of Science.

1901: Nasce seu primeiro filho, George Philip Wells. Publica *The First Men in the Moon*.

1903: Nasce seu segundo filho, Frank Richard Wells. Participa como um dos membros fundadores da criação da Sociological Society. | **Dez:** Viaja para a França.

1905: Publica *Kipps* e *A Modern Utopia*.

1906: Faz sua primeira visita aos Estados Unidos, onde conhece o presidente Theodore Roosevelt.

1909: Nasce Anna-Jane Reeves, fruto de um relacionamento extraconjugal com a escritora Amber Reeves. Publica *Ann Veronica*, um dos primeiros romances a tratar dos direitos da mulher e da igualdade de gêneros, e *Tono-Bungay*, em que faz críticas ao sistema capitalista. Deixa a Sociedade Fabiana, por divergências de opinião.

1910: Publica *The History of Mr. Polly*.

1911: Publica *The New Machiavelli*.

1912: Ainda casado, inicia um relacionamento com a jovem escritora Rebecca West, de dezenove anos, que durará pelos próximos dez anos.

1914: Nasce Anthony West, filho de Wells e Rebecca West. Escreve o artigo “Why Britain Went to War”, apoiando a campanha britânica na Primeira Guerra Mundial. Viaja para a Rússia e visita o amigo e escritor Máximo Gorki.

1920: Publica o livro de história *The Outline of History*, provavelmente sua obra mais vendida em vida. Três anos após a Revolução Russa, visita novamente a Rússia, onde é apresentado a Lênin e Trótski. Durante a viagem tem um caso com a secretária de Gorki, Moura Zakrevskaya.

1921: Participa da fundação do PEN International (associação que reúne poetas, ensaístas e romancistas), em Londres, cujo objetivo é promover e defender a literatura e a liberdade de expressão. Lança *Russia in the Shadows*, compilação de

artigos sobre o país publicados no ano anterior, contendo inclusive uma entrevista com Lênin.

1922-23: Candidata-se, pelo Partido Trabalhista, ao Parlamento inglês, mas não é eleito. Publica *Uma breve história do mundo*.

1924: Viaja a Portugal.

1927: Morte da mulher, Amy Catherine Robbins, vítima de câncer.

1931: É diagnosticado com diabetes.

1932: *A ilha do dr. Moreau* é adaptado para o cinema como *A ilha das almas selvagens*. Publica o primeiro volume de sua autobiografia, *Experiment in Autobiography*.

1933: Primeira adaptação para o cinema de *O homem invisível*. Publica *The Shape of Things to Come*.

1934: Lançamento do segundo volume da autobiografia *Experiment in Autobiography*. Nova visita à Rússia, para se encontrar com um grupo de escritores locais. Durante sua estadia no país, realiza histórica entrevista com Stálin. Funda na Inglaterra a Diabetic Association, junto com o médico Robert Daniel Lawrence.

1938 | 30 out: Inspirado em *A guerra dos mundos*, Orson Welles narra em uma transmissão de rádio que a cidade de Grover's Mill, no estado de Nova Jersey, estava sendo invadida por extraterrestres, levando seus moradores ao desespero.

1940: Publica *The Rights of Man: Or What Are We Fighting For?*, que inspiraria a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, de 1948.

1943: Recebe o título de doutor em ciências pela Universidade de Londres.

1945: Publica *Mind at the End of Its Tether*, seu último lançamento em vida.

1946 | 13 ago: Morre em Londres, aos 79 anos. Seu corpo é cremado e suas cinzas, jogadas ao mar.

1960: Fundação da Sociedade H.G. Wells, na Inglaterra.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

O morro dos ventos uivantes*

Emily Brontë

Tarzan

Edgar Rice Burroughs

Sherlock Holmes (9 vols.)*

A terra da bruma

Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood*

O conde de Monte Cristo*

A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror

Os três mosqueteiros*

Vinte anos depois

Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame*

Victor Hugo

Os livros da Selva

Rudyard Kipling

O Lobo do Mar*

Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*

Três grandes cavaleiros da Távola Redonda

Howard Pyle

Frankenstein

Mary Shelley

20 mil léguas submarinas*

A ilha misteriosa*

Viagem ao centro da Terra*

A volta ao mundo em 80 dias*

Jules Verne

O homem invisível*

H.G. Wells

A besta humana

Émile Zola

* Disponível também em Edição Bolso de Luxo

Veja a lista completa da coleção no site zahar.com.br/classicoszahar

Copyright desta edição © 2019:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre

Produção do arquivo ePub: [Rejane Megale](#)

Tradução de: The Time Machine | “The Chronic Argonauts” (anexo)

Edição digital: janeiro 2019

ISBN: 978-85-378-1823-7



A volta ao mundo em 80 dias: edição bolso de luxo

Verne, Jules

9788537818213

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sensacional narrativa de uma singular corrida contra o tempo, este é um dos romances mais adorados de Jules Verne! O inglês Phileas Fogg, homem calado e fiel à rotina, surpreende a todos ao apostar que dará a volta ao mundo em 80 dias. E parte imediatamente, rebocando Jean Passepartout, seu estupefato valete francês – e também os leitores. De Londres a Yokohama, passando pelos Alpes, Calcutá e Hong Kong; de navio, trem e elefante; conhecendo culturas, enfrentando ataques e perigos, cronometrando escalas... conseguirá nosso gentleman cumprir sua missão no prazo combinado? Essa edição traz o texto integral da obra e ilustrações originais. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.


[Compre agora e leia](#)



Os três
MOSQUETEIROS

Alexandre
DUMAS

ALTAMENTE RECOMENDÁVEL – FNL1J
CATEGORIA TRADUÇÃO

CLÁSSICOS  ZAHAR

Os três mosqueteiros: edição bolso de luxo

Dumas, Alexandre

9788537805008

788 páginas

[Compre agora e leia](#)

Obra mais famosa de Alexandre Dumas e um clássico da literatura mundial, “Os três mosqueteiros” é um dos livros mais arrebatadores de todos os tempos! Nessa luxuosa edição de bolso, com capa dura e preço acessível, o leitor encontra o texto integral, cuidadosamente trabalhado pela mesma dupla de tradutores de “O Conde de Monte Cristo”, Prêmio Jabuti de tradução literária. Na história, o jovem d’Artagnan chega praticamente sem posses a Paris, mas, depois de alguns percalços, consegue se aproximar da guarda de elite do rei Luis XIII: os mosqueteiros. Nela conhece os inseparáveis Athos, Porthos e Aramis, que passarão a ser seus companheiros de aventuras. Aventura, aliás, é o que não falta nesse romance. Juntos, os quatro enfrentam combates e perigos a serviço do rei e sobretudo da rainha, Ana da Áustria, tendo por inimigos principais o cardeal de Richelieu, a misteriosa Milady e o ousado duque de Buckingham. Misturando personagens reais, fictícios e romanceados, Dumas coloca seus mosqueteiros em meio às mais perigosas intrigas políticas da Europa do século XVII.

[Compre agora e leia](#)

SLAVOJ ŽIŽEK



A CORAGEM DA DESESPERANÇA

CRÔNICAS DE UM ANO EM QUE AGIMOS PERIGOSAMENTE



A coragem da desesperança

Zizek, Slavoj

9788537817773

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos mais importantes pensadores da atualidade faz uma reflexão provocadora e necessária sobre a crise do capitalismo global. Vivemos tempos incertos e conturbados. No entanto, até mesmo a previsão mais pessimista sobre o futuro projeta a ideia esperançosa de que nada pode ser tão ruim – sempre há uma luz no fim do túnel. Para Slavoj Zizek, um dos pensadores fundamentais da atualidade, a chave está em perceber que a luz no fim do túnel é, na verdade, o farol de um trem acelerando em nossa direção. Só quando admitimos que a situação é absolutamente irremediável e sem esperança, diz ele, mudanças profundas são possíveis. Zizek trata aqui de temas urgentes como migração em massa, terrorismo, a explosão do populismo de direita e o surgimento de novas políticas radicais. Todos expressam, cada um à sua maneira, os impasses do capitalismo global. Por isso, diz Zizek, a questão hoje é saber se devemos considerar o capitalismo inerente à natureza humana ou se há formas de impedir a sua reprodução infinita. E pergunta: é possível ir além do fracasso do socialismo e além da atual onda de raiva populista e começar mudanças radicais antes que o trem nos atinja? “Poucos pensadores ilustram melhor as contradições do

capitalismo contemporâneo do que Slavoj Žižek [...] um dos mais conhecidos intelectuais públicos de nosso mundo.” John Gray, The New York Review of Books “Para Žižek nada está fora do seu campo de ação: um pensador profundamente interessante e provocativo.” The Guardian “Ver Žižek em pleno voo é uma experiência maravilhosa e por vezes inquietante – um passeio numa montanha-russa intelectual.” The Observer “O filósofo mais perigoso do Ocidente.” The New Republic

[Compre agora e leia](#)

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

STEVEN LEVITSKY & DANIEL ZIBLATT

COMO AS DEMOCRACIAS MORREM

"Um livro perspicaz e muito bem fundamentado sobre
como a democracia está sendo enfraquecida em
dezenas de países – e de modo perfeitamente legal."
Fareed Zakaria, CNN

 ZAHAR

Como as democracias morrem

Levitsky, Steven

9788537818053

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma análise crua e perturbadora do fim das democracias em todo o mundo Democracias tradicionais entram em colapso? Essa é a questão que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt – dois conceituados professores de Harvard – respondem ao discutir o modo como a eleição de Donald Trump se tornou possível. Para isso comparam o caso de Trump com exemplos históricos de rompimento da democracia nos últimos cem anos: da ascensão de Hitler e Mussolini nos anos 1930 à atual onda populista de extrema-direita na Europa, passando pelas ditaduras militares da América Latina dos anos 1970. E alertam: a democracia atualmente não termina com uma ruptura violenta nos moldes de uma revolução ou de um golpe militar; agora, a escalada do autoritarismo se dá com o enfraquecimento lento e constante de instituições críticas – como o judiciário e a imprensa – e a erosão gradual de normas políticas de longa data. Sucesso de público e de crítica nos Estados Unidos e na Europa, esta é uma obra fundamental para o momento conturbado que vivemos no Brasil e em boa parte do mundo e um guia indispensável para manter e recuperar democracias ameaçadas. *** “Talvez o livro mais valioso para a compreensão do fenômeno do ressurgimento do autoritarismo ... Essencial para

entender a política atual, e alerta os brasileiros sobre os perigos para a nossa democracia.” Estadão

“Abrangente, esclarecedor e assustadoramente oportuno.” The New York Times Book Review “Livração ... A melhor análise até agora sobre o risco que a eleição de Donald Trump representa para a democracia norte-americana ... [Para o leitor brasileiro] a história parece muito mais familiar do que seria desejável.”

Celso Rocha de Barros, Folha de S. Paulo “Levitsky e Ziblatt mostram como as democracias podem entrar em colapso em qualquer lugar – não apenas por meio de golpes violentos, mas, de modo mais comum (e insidioso), através de um deslizamento gradual para o autoritarismo. Um guia lúcido e essencial.” The New York Times “O grande livro político de 2018 até agora.” The Philadelphia Inquirer

[Compre agora e leia](#)

SUZY GIORDANO, com LISA ABIDIN

12 HORAS DE SONO

COM 12 SEMANAS
DE VIDA

Um método prático e natural para seu bebê dormir a noite toda

IDEAL
PARA BEBÊS
DE ATÉ 18 MESES,
INCLUINDO
GÊMEOS

 ZAHAR



12 horas de sono com 12 semanas de vida

Abidin, Suzy

9788537808818

132 páginas

[Compre agora e leia](#)

Que pai nunca sofreu com dezenas de noites mal dormidas quando seus filhos eram bebês? Para alguns, essas dezenas ainda se transformam em centenas, incontáveis noites de sono entrecortado. A brasileira radicada nos Estados Unidos Suzy Giordano, mãe de cinco filhos, está nesse grupo. Quando os seus gêmeos nasceram (os caçulas da família), ela dormia cerca de 45 minutos por noite. Um dia pediu ajuda para os pais, para que cuidassem das crianças enquanto ela pretendia ter algumas horinhas de sono. Dormiu por 24 horas ininterruptas e decidiu que precisava criar um método que melhorasse sua condição de vida. A autora se baseou na tendência dos bebês de pular as mamadas da noite desde que suas necessidades nutricionais tenham sido atendidas durante o dia. Assim, criou um método que promete (e cumpre) ensinar um bebê de tamanho normal a dormir 12 horas depois de completar 12 semanas de vida. Um treinamento feito com tranquilidade, sem horas de choro ininterruptas, de forma gradativa e natural. O livro virou best-seller nos Estados Unidos e Suzy foi classificada como “a guru do sono do bebê” pelo “Washington Post”. De lá para cá, já

treinou centenas de bebês. Seu método funciona inclusive com crianças de mais de um ano.

[Compre agora e leia](#)